

RODRIGO FALCÃO CABRAL DE OLIVEIRA

**O ENSINO DO ESPORTE A PARTIR DO PROGRAMA INSPIRAÇÃO
INTERNACIONAL: UM INTERCÂMBIO BRASIL E INGLATERRA**

RECIFE

2013

RODRIGO FALCÃO CABRAL DE OLIVEIRA

**O ENSINO DO ESPORTE A PARTIR DO PROGRAMA INSPIRAÇÃO
INTERNACIONAL: UM INTERCÂMBIO BRASIL E INGLATERRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPA na área de concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: PROF. DR. MARCÍLIO SOUZA JÚNIOR

**RECIFE
2013**

O48e *Oliveira, Rodrigo Falcão Cabral de.*
*O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração
Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra / Rodrigo
Falcão Cabral de Oliveira.-- Recife, 2013.*
178f.
Orientador: Marcílio Souza Júnior
Dissertação (Mestrado) – UPE-UFPB
1. *Esporte.* 2. *Educação Física - escolas públicas -
Pernambuco.* 3. *Programa Inspiração Internacional (PII).*
4. *Ensino do esporte - contribuição pedagógica - análise.*
5.

UFPB/BC

CDU: 796(043)

**RODRIGO FALCÃO CABRAL DE OLIVEIRA O ENSINO DO ESPORTE A PARTIR DO PROGRAMA INSPIRAÇÃO
INTERNACIONAL: UM INTERCÂMBIO BRASIL E INGLATERRA. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação O ESPORTE NO PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL: UM
INTERCÂMBIO ENTRE BRASIL E INGLATERRA.

Elaborada por RODRIGO FALCÃO CABRAL DE OLIVEIRA

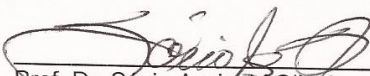
Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovado para
obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na área de
concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano.

Data: 22 de fevereiro de 2013.

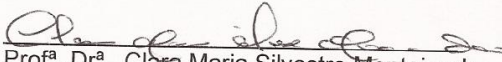


Prof. Dr. Raphael Mendes Ritti Dias
Coordenador

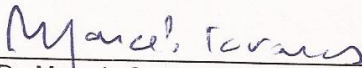
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Sávio Assis de Oliveira
Faculdade Salesiana do Nordeste- FASNE



Prof.ª Dr.ª Clara Maria Silvestre Monteiro de
Freitas
Universidade de Pernambuco - UPE



Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo
Universidade de Pernambuco - UPE

A todos aqueles que acreditam numa educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelas oportunidades concedidas e os sonhos realizados.

Ao meu pai José Reinaldo e à minha mãe Maria das Graças, por acreditarem e me apoiarem incondicionalmente nesse percurso.

Aos meus irmãos José Reinaldo Filho e Mariana Falcão pelos incentivos.

À minha noiva Hayane Machado, por estar sempre ao meu lado, ajudando-me nos momentos de dificuldades, ausências e nos desabafos.

A todos os meus familiares que contribuíram para a realização desse momento, em especial à minha avó Maria do Carmo pelo exemplo como pessoa e professora.

À minha Tia Fabíola, aos alunos e professores da Escola de Referência Frei Orlando, pelos momentos de aprendizado e companheirismo.

Ao meu orientador Marcilio Souza Jr., por todas as orientações, cobranças e pelo apoio durante o processo. Pelo exemplo, enquanto professor e pessoa.

Aos membros da banca, os professores: Clara Maria, Marcelo Tavares, Raul Lopes, Ricardo Lucena e Sávio Assis pelas contribuições para a concretização desse trabalho.

Aos colegas da turma do mestrado: Alessandra, Aluísio, Ana Raquel, Annelise, Antônio, Brígida, Carla, Carolina, Kadja, Gerefson, Giullyanne, Damião, Leone, Luciano, Natália, Patrícia, Raquel, Ricardo, Rildo e Saulo.

Em especial aos amigos Leone e Gerefson, pela acolhida nas idas a João Pessoa. Ao companheiro de viagens e estudos Ricardo Lima por nossas conversas. À Kadja por compartilharmos os estudos, anteriormente à iniciação do mestrado e nas madrugadas para realizarmos as produções.

Ao pessoal do Grupo Ethnós, por todo o apoio.

Aos meus amigos pelas oportunidades de descontração.

Aos funcionários da ESEF-UPE.

A todos do British Council Brasil, especialmente à Carla Costa por todo o apoio necessário durante a realização da pesquisa.

Aos professores e alunos entrevistados.

Obrigado por tudo. E que Deus continue nos dando saúde, paz e amor.

RESUMO

O Programa Inspiração Internacional (PII) surge como um legado da candidatura de Londres às Olimpíadas de 2012 e propõe a utilização do poder do esporte para transformar a vida de crianças e jovens de escolas e comunidades em todo o mundo, discutindo questões ligadas à: liderança, cidadania e responsabilidade social. A proposta do presente estudo foi conhecer a materialização do PII em escolas públicas de Pernambuco (PE), analisando sua compreensão e contribuição pedagógica acerca do ensino do esporte. Realizamos uma pesquisa qualitativo-descritiva com base na hermenêutica dialética, caracterizada como sendo bibliográfico documental e com inserção no campo, através de entrevista semiestruturada realizada com os professores, alunos e a gestão do programa. Na fase de tratamento e apreciação dos dados, utilizamos a análise de conteúdo do tipo categorial por temáticas. Identificamos nos documentos e entrevistas a implementação do PII em PE, iniciando no ano de 2007, através de cursos ministrados aos professores, diretores e alunos de seis escolas públicas, incluindo, também, o intercâmbio Brasil e Inglaterra, ou seja, a realização de trocas culturais e educacionais com base na Educação Intercultural. Detectamos a falta de materiais esportivos e uma infraestrutura precária das escolas públicas do estado de PE, bem como limitações didático-metodológicas dos alunos/jovens líderes. Observamos o uso do esporte a partir, principalmente, da dimensão do lazer como uma ferramenta educacional. Esta, por sua vez, contribui pedagogicamente para o trato do esporte dentro da escola, sendo utilizado para promover reflexões sociais, educacionais e culturais, indo além dos treinamentos ou aulas de Educação Física, e repercutindo para a realização de Oficinas, Festivais Esportivos, Gincanas e Recreios Orientados. Identificamos como estratégias dos docentes o uso da internet, vídeos, fotos, pesquisas para o ensino das modalidades, tais como os relatos das práticas de: Futebol, Xadrez, Tênis de Mesa, Futsal, Vôlei, Basquete, Handebol, Badminton, Atletismo, Críquete, *Netball* e Rúgbi. Portanto, constatamos o PII na escola, enquanto elaborado pelas instituições inglesas adequando-se à nossa realidade, devido às dificuldades políticas, estruturais/materiais e sociais enfrentadas para a sua materialização, bem como a autonomia dos envolvidos no planejamento e ampliação de suas ações no estado de PE. Através da percepção acima, concluímos que as propostas pedagógicas do programa contribuem para os professores refletirem sobre suas práticas pedagógicas e no trato do esporte dentro da escola, colocando o aluno como sujeito do processo e das ações, através da função do jovem líder exercendo a liderança juvenil, transpondo assim, os saberes adquiridos no PII para as comunidades circunvizinhas à escola, tendo o esporte como uma plataforma educacional.

Palavras-chaves: Esporte, Educação Física, Escola, Programa Inspiração Internacional.

ABSTRACT

The International Inspiration Programme (IIP) emerges as a legacy of the London bid for the 2012 Olympics, and proposes to use the power of sport to transform the lives of children and youth in schools and communities around the world, discussing issues leadership, citizenship and social responsibility. The purpose of this study was to investigate the materialization of IIP in public schools Pernambuco (PE), understanding and analyzing their pedagogical contribution about teaching the sport. We conducted a qualitative descriptive study based on dialectics and hermeneutics characterized as bibliographic and documentary-insertion in the field, through semi-structured interviews with teachers, students and program management. In the treatment phase and data analysis, we used content analysis for categorical themes. Identified in documents and interviews implementation of IIP in PE starting in 2007 with the completion of courses for teachers, principals and students from six public schools, still relying exchanges Brazil and England, conducting cultural exchanges and education based on Intercultural Education. We detected the lack of sports equipment and a poor infrastructure of public schools of the State of PE as well as didactic-methodological limitations of students / youth leaders. We note the use of sports mainly from the leisure of their size as an educational tool that helps to deal pedagogically sport within the school, using it as a means to promote reflections social, educational and cultural, beyond the training or lessons Physical Education, reflecting in conducting workshops, Sports Festivals, competitions and interval oriented. Identified as strategies teachers use the internet, videos, photos, search for teaching modalities and found between the accounts of the practice Football, Chess, Table Tennis, Futsal, Volleyball, Basketball, Handball, Badminton, Athletics, Cricket, Netball and Rugby. Therefore we identify the IIP IN school as prepared by English institutions and school IIP OF suiting up to our reality due to political difficulties, structural / material and social faced for its materialization as well as the autonomy of those involved to plan and expand their shares in State of PE. We understand that the proposed educational program to help teachers reflect on their teaching practices and the treatment of sport within the school, with the student as the subject of the proceedings and actions, through the function of serving as youth leader youth leadership, thus bridging the knowledge PII acquired in the communities surrounding the school, with sports as an educational platform.

Keywords: Sports. Physical Education. School, International Inspiration Programme.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS/HIV	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AL	Alagoas
BC	British Council/Conselho Britânico
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EF	Educação Física
IAS	Instituto Ayrton Senna
IEE	Instituto Esporte Educação
PE	Pernambuco
PEE	Programa Educação pelo Esporte
PII	Programa Inspiração Internacional
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PSA	Projeto Santo Amaro
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UPE	Universidade de Pernambuco
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	Quadro com documentos analisados	154
APÊNDICE B	Questionário exploratório	157
APÊNDICE C	Roteiro de entrevista professores	160
APÊNDICE D	Roteiro de entrevista gestão	162
APÊNDICE E	Roteiro de entrevista Jovem Líder	163
APÊNDICE F	Quadro de indicadores de análise de conteúdo	164
APÊNDICE G	Quadro para análise de conteúdo com as legendas	165
APÊNDICE H	Acompanhamento da coleta de dados: questionários e entrevistas	168
APÊNDICE I	Orientações para organização dos dados das entrevistas	169
APÊNDICE J	Quadro usado para o mapeamento geral dos questionários exploratórios.	170
APÊNDICE L	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	171

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Carta de Anuência British Council	173
ANEXO B	Carta de Anuência Secretaria de Educação-PE	174
ANEXO C	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa-UPE	175
ANEXO D	Cartão Top Sport Jogos de Atacar e de Defender	176

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Processo de implementação do PII até 2009	45
------------------	---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Comparativo entre o esporte moderno e a escola	33
QUADRO 2	Explicativo das categorias empíricas de análise	41
QUADRO 3	Mapeamento dos programas e previsão das ações para 2012 do PII	52

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 O ESPORTE E A BUSCA POR UM CONCEITO.....	15
2 O ESPORTE E A ESCOLA.....	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
4 O PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL (PII).....	44
4.1 O processo de Materialização em Pernambuco	44
4.2 Organização do PII nas Escolas	79
4.3 A Educação Intercultural no PII	90
4.4 O sentido e significado do esporte dentro do PII.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICES	152
ANEXOS	171

APRESENTAÇÃO

Podemos dizer que o ensino do esporte¹ na escola vem sendo foco de diversas reflexões (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001; BRACHT, 2000; GAYA, 2000; STIGGER, 2001; LOVISOLO, 2001; KUNZ, 2007), principalmente, pela forte crítica sofrida na década de 80, com as novas concepções da Educação Física². Tínhamos uma Educação Física Escolar voltada, prioritariamente, para o ensino do esporte, norteado para a formação de atletas durante as aulas, com base em códigos, sentidos e significados das instituições esportivas oficiais e muitas vezes olímpicas.

Este esporte era constantemente criticado por priorizar seu ensino pela vertente tecnicista, esportivista e biologicista, promovendo, assim, a exclusão de muitos, em contrapartida à seleção de poucos alunos, sem compreendê-lo como um fenômeno sociocultural em constante evolução. Este, por sua vez, é considerado um dos motivos no surgimento de diferentes concepções e finalidades para o ensino da Educação Física (EF) na escola, tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista de ensino (DARIDO, 2008).

Surgiram algumas inquietações sobre o ensino do esporte a partir da nossa participação no Projeto Santo Amaro (PSA), um projeto de extensão da Universidade de Pernambuco (UPE), realizado na Escola Superior de Educação Física (ESEF), criado há mais de 25 anos e em funcionamento até hoje. Participam deste, crianças oriundas do bairro de Santo Amaro, circunvizinho à Universidade, com idades entre 07 e 17 anos, tendo como referência, o ensino do Esporte com base no Programa Educação Pelo Esporte (PEE), do Instituto Ayrton Senna (IAS) e os quatro pilares da Educação: aprender a Ser; aprender a Fazer; aprender a Conviver; e aprender a Conhecer (DELORS, 1998).

Ao iniciarmos a nossa prática pedagógica, entramos em conflito pessoal com as ações de ensino propostas pelo PSA com ênfase na educação pelo esporte e nossas vivências como atleta de Futsal.

As nossas práticas esportivas, iniciaram-se aos seis anos, nos clubes e na escola, com a conseqüente participação em campeonatos estaduais e nacionais,

¹ Compreende-se que a produção acadêmica, por vezes, refere-se ao fenômeno como desporto ou mesmo esporte (MELO.V, 2010; TUBINO, 2011). Porém esta é uma discussão que não será travada neste trabalho. Por isso optamos por utilizar o termo esporte.

² Concepção de Aulas Abertas (HILDEBRANT; LAGING, 1986); Desenvolvimentista (TANI et al., 1988); Construtivista (FREIRE. J, 1989); Sistêmica (BETTI, 1991); Crítico-emancipatória (KUNZ, 1994); Cultural (DAÓLIO, 1994); Crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 2012);.

onde “ganhar” era o maior objetivo, assim como, havia ênfase no ensino da técnica. Esta era orientada para a especialização em posições, funções e na reprodução dos gestos técnicos, desencadeando, assim, em uma perspectiva de ensino com referência na reprodução das nossas experiências como atleta.

Em contrapartida a essa análise, compreendemos também que a nossa prática esportiva, fez-se importante para a formação do nosso caráter, personalidade, e convivência com amigos, além de possibilitar conhecer outras culturas, bem como, na escolha da nossa profissão.

Tínhamos no PSA, ações voltadas ao ensino do esporte como meio educacional em conflito com as nossas ideias e convicções pessoais sobre a formação de atletas. O PSA nos permitiu ter a percepção da necessidade de outro olhar frente ao esporte, não apenas reproduzindo-o, mas se apropriando dele como fenômeno social, usando os seus princípios e suas características para, através da metodologia do IAS, as crianças desenvolverem competências cognitivas, pessoais, sociais e produtivas, tendo o esporte como uma ferramenta educacional.

Na nossa experiência como monitores do PSA, tivemos a oportunidade, no ano de 2007, a convite do British Council (BC)³, de viajarmos para a Namíbia representando o Brasil e o PSA na *The NextStep Conference*⁴, com a finalidade de debater sobre a relação do esporte a partir de três temáticas com foco nos problemas enfrentados pelo continente africano: portadores de HIV⁵; inserção das mulheres nas práticas esportivas; pessoas com deficiência. O evento contou com a participação de pessoas de diferentes países, culturas e realidades sociais.

Ao final, elaboramos em conjunto, um documento com possibilidades e escopos para o ensino do esporte com base na educação e a socialização dos seus praticantes, sendo entregue aos representantes dos Governos Africanos presentes, visando à implantação em seus respectivos países.

³ O British Council é uma organização sem fins lucrativos atuante em mais de 100 países. Fundada em 1934, pela Rainha Elizabeth II, tem como objetivo fortalecer os laços entre o Reino Unido e outros países através da construção de relacionamentos mutuamente benéficos em: Artes, Educação, Esportes e Inglês. Disponível em: <<http://www.britishcouncil.org/br/brasil>>. Acessado em: 09 fev. 2011.

⁴ Conferência O Próximo Passo (Tradução Nossa) contou com a participação de estudantes de educação física e organizações sociais de diversas partes do mundo, que trabalhavam com o esporte numa perspectiva educacional e social, sendo organizado em parceria com o Governo Britânico e Países Africanos.

⁵ HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. Disponível em <<http://www.aids.gov.br/>>. Acessado em: 16 fev. de 2011.

Essa viagem deu origem a um trabalho de pesquisa ainda na graduação⁶, provocando uma ponderação sobre as diferentes formas de tratar, ensinar e reconhecer o esporte a partir de uma visão cultural. Na conferência, identificamos através das discussões, a relação dos problemas com as atitudes e os valores das comunidades/culturas frente às temáticas supracitadas. Isso possibilitou, a partir de uma prática pedagógica reflexiva, o esporte como meio para se repensar em seus sentidos e significados frente às dificuldades discutidas no evento, dando destaque ao poder do esporte pertinente ao envolvimento de pessoas de diferentes culturas e nacionalidades com problemas que perpassam as sociedades, reafirmando seu prestígio social construído historicamente.

No ano de 2009, realizamos um trabalho como tradutor em um evento realizado no Recife pelo BC cujos objetivos se vinculavam à organização e à sistematização das ações do Programa Inspiração Internacional⁷ (PII), visando à continuidade para os anos de 2009 e 2010. Participaram desse encontro: diretores, professores/tutores⁸ e alunos/jovens líderes⁹ representando doze escolas de cada país. No Brasil, fez parte do grupo seis escolas de Pernambuco (PE) e seis de Alagoas (AL).

Durante esse evento tivemos a oportunidade de interagir e acompanhar a preparação das escolas parceiras da Inglaterra e do Brasil. Além disso, vivenciamos a troca de informações entre os coordenadores onde foram discutidos temas relacionados aos impactos positivos (melhora no convívio entre os alunos, receptividade pelas comunidades, realização dos festivais e oficinas, entre outros); às dificuldades para materializar o PII em seu primeiro ano (falta de materiais esportivos, dificuldades linguísticas e infraestrutura precária das escolas) e; relatos dos jovens líderes sobre a importância do programa para suas vidas em sociedade,

⁶ Para maiores informações, consultar Oliveira (2008).

⁷ O PII é um legado da candidatura de Londres às Olimpíadas de 2012 e realizado pelo British Council, UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e UK Sport (é ligado ao Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido e responsável pelo investimento em torno do esporte de alto rendimento) buscando “alcançar crianças e adolescentes de todo mundo e conectá-los ao poder inspirador dos Jogos Olímpicos, inspirando-os a optar pelo esporte” (BRITISH COUNCIL, 2010a).

⁸ “Tutor” é a nomenclatura usada pelo programa na identificação dos Professores que realizaram o curso de formação da metodologia Sonhos & Times, sendo qualificados para a formação dos jovens líderes.

⁹ “Jovens Líderes” é a nomenclatura usada pelo Programa para identificar os alunos qualificados para a organização dos festivais e eventos esportivos em escolas e comunidades vizinhas, promovendo desenvolvimento por meio de atividades de voluntariado que irão propor e acordar com gestores, professores e/ou líderes comunitários.

tomando o esporte como meio de discussão sobre diversos assuntos baseados na educação intercultural. Essa, por sua vez, buscava desenvolver a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo.

Esta oportunidade resultou em um trabalho na especialização¹⁰, através do qual investigamos as inovações pedagógicas no ensino do esporte, a partir do PII. No entanto, por ser um estudo do tipo documental, limitamo-nos às fontes¹¹ do BC e dos planos de parcerias¹². Após as análises, identificamos nos documentos, a concepção de esporte do PII com um norteamento educacional e de participação, e fundamentado na educação intercultural, procurando estimular uma cultura esportiva.

Neste trabalho de dissertação, continuamos a pesquisa iniciada na especialização, e nos propomos a conhecer a materialização do PII em escolas públicas de PE, analisando sua compreensão e contribuição pedagógica acerca do ensino do esporte.

Através da análise de documentos oficiais do British Council e de entrevistas semiestruturadas com os professores/tutores, alunos/jovens líderes e a gestão do programa, procuramos responder nossas indagações utilizando uma pesquisa qualitativo-descritiva, do tipo documental-bibliográfica e de campo, com base na hermenêutica-dialética.

Baseamos a tabulação e análise dos dados na análise categorial por temática de Bardin (2011), através das categorias analíticas: esporte e a prática pedagógica dentro da escola para o seu ensino; e como categorias empíricas: a materialização, a educação intercultural, ação discente/docente e o esporte do programa, originadas a partir do contato em campo, servindo como eixos para as nossas análises e reflexões.

Identificamos a concepção, o sentido e o significado de esporte do PII, bem como as dificuldades encontradas pelos professores na sistematização das oficinas,

¹⁰ Para maiores informações consultar Oliveira (2011).

¹¹ Foram analisados os sites do British Council, o site do Inspiração Internacional, os relatórios anuais do Programa, o manual de capacitação dos Jovens Líderes e os blogs criados pelas escolas participantes.

¹² O Plano de parcerias continha os objetivos e finalidades, número de participantes envolvidos entre professores e alunos, o impacto esperado na comunidade escolar e circunvizinha, a forma de contribuição da escola no quesito do benefício à escola parceira, o calendário do plano de trabalho detalhando o projeto e as atividades, formas de comunicação entre as escolas, como ocorreria a divulgação para a comunidade e como seriam as avaliações para acompanhamento do projeto.

dos festivais esportivos e na atuação dos jovens líderes frente às atividades realizadas. Confrontamos as “falas” com os documentos analisados e, por conseguinte, visualizamos as contribuições pedagógicas para o ensino do esporte nas escolas através do programa.

Assim sendo, no primeiro capítulo evidenciamos: o conceito de esporte, seus sentidos e significados, princípios e características enquanto fenômeno moderno e as suas relações com a sociedade. Abordamos na sequência sobre o esporte na escola e suas relações políticas, sociais e culturais, assim como, o ensino baseado nos princípios das instituições esportivas e a sua pedagogização para a realidade escolar.

No terceiro capítulo, por sua vez, focamos a metodologia utilizada na investigação, a sua organização e etapas e, na continuidade, apresentamos os instrumentos de coleta e análise dos dados e, os critérios de seleção para as entrevistas com professores, alunos e gestor do BC.

Já no quarto capítulo tratamos do PII, ou seja, o seu processo de materialização em Pernambuco, seus princípios e características, as suas fragilidades, e os programas propostos (*Tops*; *Sonhos & Times*; *Link* entre Escolas) para o ensino do esporte com base na educação intercultural e as ações docente/discentes realizadas pelo programa, compreendendo o sentido/significado do esporte dentro do PII. E, por fim, as nossas considerações finais acerca do programa e de nossas descobertas.

1 O ESPORTE E A BUSCA POR UM CONCEITO

Ao compreendermos o esporte como um fenômeno social mundial, arraigado de diferentes sentidos e significados, aproximamo-nos de sua pluridentidade em nossa sociedade. As diferentes formas de apropriação do fenômeno, conforme caracteriza o Coletivo de Autores (2012), nos permitem entender os significados como representações de ideias e conceitos produzidos pela consciência social e o sentido da expressão pessoal. Uma vez que este desenvolve o homem em sua subjetividade, e relaciona às significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. Para Vago (1996, p. 9), o esporte como uma prática cultural “incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e culturalmente apropriado de múltiplas formas”.

Nesse cenário o homem atribui um sentido próprio às atividades propostas pela sociedade. Por isso, ao ensiná-las na escola essas práticas têm uma significação social, e nem sempre coincidem com a expectativa pessoal dos sujeitos, neste caso do professor e do aluno (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Desta forma, ao compreender o esporte como um fenômeno social e seus diferentes sentidos/significados, visualizamos as construções de ordem histórica, social, cultural e econômica que permeiam suas ações, numa relação interpenetrando dialeticamente com a realidade de cada um.

Procuramos entender a história do esporte, seus conceitos, princípios, características e dimensões visando ponderar esse fato complexo, assim como, as suas implicações nas sociedades, ou seja, visualizando-o não somente através da sua concepção cronológica histórica, como também a partir de uma visão sociológica moderna, compreendendo seus sentidos/significados construídos historicamente.

Para Stigger (2001, p. 68):

O esporte é fruto de um processo de racionalização da vida moderna, que transformou os passatempos e jogos desenvolvidos, até então, em práticas vinculadas à ideia de competitividade e afrontamento; ao espírito esportivo; às regras e normas universalizadas; aos gestos estandardizados e especializados; à busca de resultados mensuráveis e comparáveis; à meritocracia, expressa na figura do campeão; à produtividade e *performance* corporal no sentido do progresso, cuja expressão máxima é o *record* esportivo.

De acordo com Bracht (1989, p. 69), o Esporte:

refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que com esta, expandiu-se para todos os cantos do planeta. No seu desenvolvimento consequente no interior desta cultura, assumiu o esporte suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, recordes, racionalização e cientificação do treinamento.

Assim temos o Esporte como um fenômeno moderno com características ligadas à competição, ao *record*, ao rendimento físico-técnico máximo e com origem na Inglaterra. Entretanto nos indagamos: o esporte surgiu na vida moderna? Constatamos a existência de duas concepções históricas: uma indicada desde a China, e outra que o defende como um fenômeno inglês da modernidade, segundo supracitado.

Na primeira, o esporte aparece com a prática de lutas, esgrima, hipismo e tsu-chu¹³, passando pela Grécia com os Jogos Olímpicos e em Roma com as corridas de bigas, com a ginástica voltada para guerra e os jogos sangrentos no Coliseu. A outra concepção aponta o esporte com origem na modernidade através das elites burguesas. Segundo Koselleck (1992), a sociedade burguesa que se desenvolveu naquele século defendia um mundo novo, reclamava intelectualmente o mundo inteiro e negava particularmente o mundo antigo, marcando, naquela época, uma ruptura com o passado e suas práticas corporais, ocorrendo segundo Melo (2010b, p. 12) à institucionalização dos jogos, em um movimento de ressignificação dos sentidos/significados das práticas corporais até então praticadas.

Outro aspecto sobre a origem defendida pelo primeiro grupo seria a relação de continuidade do esporte olímpico vivenciado na Grécia com os dos dias atuais. No entanto Lima, Martins e Capraro (2009) afirmam que as olimpíadas gregas não têm sequência, no tocante às modernas. Para os autores acima, os jogos gregos tinham características específicas, pois eram manifestações populares e religiosas para homenagear os deuses, realizados sempre no mesmo lugar, no santuário de Olímpia, e possuía como objetivo principal vencer para homenagear os deuses.

¹³ Práticas feitas com bolas de couro, sendo considerada como precursor do futebol (site da Federação Internacional de Futebol Associado) Disponível em <<http://www.fifa.com/classicfootball/history/game/historygame1.html>>. Acessado em: 19 jan. 2012.

Em contrapartida, ainda de acordo com os referidos autores, as Olimpíadas Modernas contemplam apenas o esporte, ou seja, práticas competitivas com regras pré-estabelecidas, sem nenhum vínculo religioso, apresentando como uma de suas principais características o rendimento. Para os mesmos, as Olimpíadas Modernas têm um significado diferente das realizadas na Antiguidade, rompendo assim, com uma concepção de continuidade e, aproximando-se do esporte enquanto um fenômeno moderno.

Porém, para Tubino (1987; 2010), a história dos esportes nas civilizações antigas passa por diversas evidências importantes, embora de registros imprecisos. Sobre isso ele afirma: “civilizações primitivas como a dos chineses, maias, incas, egípcios, japoneses deixaram vestígios de jogos praticados com caráter esportivo, e que permitiram diversas especulações sobre a verdadeira origem do esporte” (TUBINO, 1987, p. 13), numa relação direta com as sociedades da época.

De acordo com Diem (apud TUBINO, 2010, p. 20), “a história do esporte é íntima da cultura humana, pois com ela compreendem-se épocas e povos, onde cada época tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete”. Essa concepção nos permite compreender a relação da organização das práticas corporais e a sua preparação para a guerra, até mesmo de imposição política ou religiosa, tendo ainda o entendimento do esporte como pertencente ao domínio do jogo, sendo o esporte a institucionalização dos jogos, sendo muitas vezes praticados pelas camadas populares.

Por outro lado, temos o esporte na sua origem, a partir de uma interpretação moderna, com referência à utilização de jogos físicos praticados pela aristocracia e burguesia inglesa, imbricado aos métodos de educação e ao *fair play*¹⁴. Vinculada à concepção do início do esporte institucionalizado, do esporte escolar e esporte popular (TUBINO, 1987), constituindo um marco histórico da modernização do fenômeno, ocorrendo nesta definição uma ruptura com as práticas corporais praticadas na antiguidade. Através da observação das diferenças entre o sentido/significado (religioso x profano) das atividades e relacionando-as, diretamente, à visão da sociedade dominante (burguesia), acarretando, em alguns casos, no esquecimento ou no preconceito de práticas esportivas populares.

¹⁴ Expressão referente ao jogo limpo, respeitando as regras e os adversários.

Observamos a dificuldade de identificar o local de origem do esporte e as suas diferentes finalidades sociais. Porém, verificamos a existência de características permeando as duas concepções, entre elas: a competição, o rendimento e o treinamento; e que, mesmo presentes, ambas, necessariamente, não significam uma continuação com objetivo de minimizar as diferenças e enfatizar as similaridades, exemplificado através das Olimpíadas Gregas e Modernas, mas sim, uma descontinuidade/ruptura histórica (BOURDIEU, 1983; ELIAS, 1992; ASSIS DE OLIVEIRA, 2001; BRACHT, 2011). Assim, não se deve considerar o esporte moderno como resultado de um processo linear de desenvolvimento, tampouco como uma instituição completamente autônoma (ELIAS, 1992; ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

Compreendemos a definição do esporte moderno constituída de sentidos/significados diferentes dos evidenciados na antiguidade, ou seja, afastando-se das festas agrárias ou eventos religiosos. Aproxima-se do lazer, da promoção da saúde e do rendimento/espetáculo, tanto como uma mercadoria a ser consumida pela sociedade, bem como numa perspectiva educacional de formação ou mesmo de controle social e até de alienação.

Outro aspecto presente no esporte moderno é a evolução das regras, pois:

Procura-se a diminuição do grau de violência permitida no jogo de corpo, a existência de regras escritas e uniformes que codificam as práticas, a autonomização do jogo (e do espetáculo do jogo) em relação aos enfrentamentos guerreiros ou rituais da antiguidade (CARTA CARDOSO DE MEDEIROS; GODOY, 2009, p. 207).

Essa característica, inerente às práticas esportivas, favorece uma manutenção da integridade física dos praticantes, minimizando as lesões e, favorecendo a equidade na disputa, além disso, determina o bom andamento das ações durante o jogo, contribuindo para o espetáculo e o “produto exposto”, controlando o nível de violência em uma institucionalização das regras.

Exemplificamos as modificações inseridas nas lutas de boxe em que, inicialmente, não existia, para essa modalidade, um número máximo de rounds, bem como, os lutadores não utilizavam luvas e nos combates a violência era predominante, exigindo a criação de determinadas regras, tais como o uso obrigatório das luvas e tornando-o mais justo, equilibrado e menos violento. Vêm

ocorrido modificações necessárias para resguardo dos praticantes e favorecendo o surgimento do boxe profissional e amador¹⁵.

Portanto, dessa forma, temos a violência sob controle dentro do esporte (ELIAS, 1992), através das regras em constante evolução e modificações para propiciar a aceitação das comunidades com base no cavalheirismo e no *fair play*, presentes na aristocracia inglesa, em uma relação direta entre a cultura dominante e o esporte.

Assim, ao falarmos do conceito de esporte enquanto um fato moderno compreendemos a existência de uma ruptura entre as práticas corporais da antiguidade e modernidade, pois são contextos sociais, culturais e econômicos diferentes, em que os sentidos/significados das atividades sofreram modificações.

Desta forma, para o nosso trabalho entendemos o esporte como um fenômeno moderno, com sua origem nas sociedades burguesas inglesas (BRACHT, 1997; ASSIS DE OLIVEIRA, 2001; STIGGER, 2001). O mesmo, originado a partir da ressignificação dos passatempos e jogos desenvolvidos, até então, em práticas vinculadas à ideia de competitividade e afrontamento, com base no cavalheirismo e no *fair play* (BOURDIEU, 1990), limitando o nível de violência em suas práticas através das regras (ELIAS, 1992).

Sua prática foi intensificada no final do século XIX e início do século XX, em consequência dos novos padrões de vida impostos pela industrialização e pela urbanização, acarretando, progressivamente, no surgimento de uma cultura esportiva. Esta se firma, paulatinamente, nos países sob a influência da cultura europeia, como o elemento hegemônico da cultura corporal, aumentando o prestígio deste, frente a outras sociedades.

Porém ele não se desenvolveu sem reações críticas, tais como: a da igreja, dos teóricos da ginástica e dos intelectuais (BRACHT, 2011), tendo, inicialmente, dificuldades para sua inserção em países como Alemanha, visto a influência dos métodos ginásticos para a promoção da saúde.

Temos o esporte, enquanto fenômeno social, com diferentes sentidos/significados (competição, trabalho, lazer, educação, mercadoria, promoção da saúde, mudanças de status social, alienação, controle social, entre outros) para sua prática construída de forma sociocultural, favorecendo uma pluridentidade

¹⁵ Informações retiradas do site da Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE). Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/site/>>. Acessado em: 25 nov. 2012.

fundamentada em códigos e valores distintos, de acordo com a sua finalidade/função. No entanto, percebemos que, inicialmente, procurou-se compreendê-lo apenas pela ótica da competição e rendimento, restringindo assim, a sua concepção.

Iniciou-se nos anos de 1960, um movimento para revisar conceitualmente esse fenômeno, devido à sua crescente importância social. Exemplificamos tal fato com os Jogos Olímpicos de Berlim (1936), no qual o esporte foi usado para demonstrar a pseudosupremacia dos arianos. Neste evento, Adolf Hitler se negou a entregar a medalha ao campeão Jesse Owens dos Estados Unidos, por não admitir a realização de tal façanha, por um afrodescendente. O atleta ganhou quatro medalhas na competição.

Os Jogos Olímpicos também foram palco de disputas e conflitos (ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica) indiretos de dois blocos políticos: socialismo e capitalismo, bem como suas zonas de influência, durante a guerra fria. A União Soviética (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA), respectivamente, como representantes de tais blocos, buscavam através dos resultados desportivos em diversas competições e em especial das Olimpíadas, a utilização de propagandas, demonstrando a superioridade de uma sociedade sobre a outra.

Citamos, também, os boicotes realizados pelos Estados Unidos e antiga União Soviética. O primeiro não participou da edição de 1980, realizada na Rússia, em protesto à invasão soviética ao Afeganistão; como consequência, os soviéticos se recusaram a participar da Olimpíada seguinte, em solo americano.

Outras implicações que contribuíram para repensarem na definição do esporte enquanto acontecimento social seriam: a exacerbação dos resultados e a vitória a qualquer custo, acarretando no esvaziamento do *fair play* e suas implicações nas sociedades; bem como uma maior intervenção dos Governos (Estados) no esporte, diferentemente do vivenciado na Inglaterra, em um primeiro momento.

De acordo com Bracht (2011, p. 78), os interesses do Estado ao intervir na organização esportiva são os mais variados, pois vão “[...] desde a ‘integração nacional’, ‘a educação cívica’, ‘preservação da saúde da população’, ‘melhoria da qualidade de vida’, ‘oferecimento de oportunidades de lazer’ etc.”, ratificando a

importância e o prestígio social do esporte diante das sociedades, bem como o seu uso político.

O exemplo supramencionado acarretou no surgimento de uma intelectualidade internacional, consolidando assim, a área de conhecimento da sociologia esportiva e culminando na fundação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte (International Committee for the Sociology of Sport - ICSS). Este comitê foi criado para compreender e estudar esse fenômeno, não apenas como uma prática corporal; mas também para investigar: as suas relações com o lazer, o trabalho, as questões políticas, culturais e econômicas; sendo o esporte “também estudado no escopo das ciências humanas” (FREITAS, 2000, p. 13).

Esse panorama oportunizou uma revisão conceitual do esporte a partir de três processos, conforme destaca Tubino (2011): as manifestações dos intelectuais contra a exacerbação esportiva da época visando unicamente o resultado. Antonelli (apud TUBINO, 2011), ao identificar no conceito o jogo, o movimento e a competição no esporte, observou a existência de quatro aspectos característicos, presentes em suas práticas: o ético-social, o psicopedagógico e o psicoprofilático, viabilizando a expectativa do esporte ir além do rendimento, ou seja, usufruindo dos seus aspectos pedagógicos.

Já os chamados Documentos Esportivos Filosóficos Internacionais¹⁶ fortaleceram e ratificaram toda a discussão internacional ocorrida nas décadas de 60 e 70. Pois ao reconhecerem o esporte além do rendimento, mostraram que haveria um esporte na escola e outro para o lazer, além disso, lançaram a perspectiva do direito à prática esportiva para todos, aumentando a influência social do fenômeno.

Entre esses documentos citamos o Manifesto da Educação Física de 1968, classificando as atividades esportivas utilizadas na educação física em: a) Competição esportiva sistematicamente organizada – o esporte institucionalizado, com características da eliminação, seleção, codificação e outras; b) Treino Esportivo – embora desenvolva as mesmas qualidades físicas que a educação física, tem uma utilização para a competição esportiva; c) Jogo-esporte – sendo considerado o melhor que atende às necessidades da sociedade moderna e constituir-se numa percepção humanista do esporte, em que o prazer e a satisfação estão presentes no

¹⁶ Os Documentos seriam: Manifesto Mundial do Esporte (UNESCO, 1964); Carta Europeia de Esporte para Todos (1966); Manifesto da Educação Física (FIEP, 1968); Carta Internacional de Educação Física e Desportos (UNESCO, 1978).

lúdico, ao contrário das competições de esporte federado (TUBINO, 1987, p. 49-50), ampliando a compreensão do fenômeno e suas dimensões.

Por último, o surgimento e o desenvolvimento do movimento Esporte para Todos, a partir da concepção do Programa “Trim”. Este criticava a visão do esporte apenas pela busca de resultados, favorecendo a democratização no acesso do mesmo às populações, através de grandes campanhas com a utilização de publicidade em diferentes mídias, entendendo-o como um direito a todas as pessoas, não apenas para as elites, com o propósito de agregar um número maior de praticantes e o alcance social do fenômeno.

Essa ressignificação do conceito após os anos sessenta promoveu uma revolução para sua compreensão, ressaltando a razão social do fenômeno, anteriormente, atrofiada pelas próprias limitações do esporte de competição, crescendo muito em relevância (TUBINO, 2011), e provocando mudanças que possibilitaram visualizar o esporte, além de um sentido restrito ao do rendimento.

Procura-se então valorizar os elementos que permeiam as práticas esportivas, tais como: o lazer, a socialização, a ética e o *fair play*; através do qual, é reconhecido o esporte social e pedagogizado para alcançar esses objetivos. De acordo com Proni (2008, p. 89), o esporte deve ser entendido como uma instituição que:

Contribui para a formação do caráter, com destaque ao *fair play*, a capacidade de liderança, o trabalho em equipe; como um campo de práticas sociais onde se desenvolvem laços de sociabilidade; como uma atividade que estimula o aprendizado das condutas individuais, entre as quais a competição e a cooperação; como um espaço para o desenvolvimento da motricidade humana, que inclui tantos aspectos motores como psicológicos, como componente do processo civilizador, possibilitando o descontrolado das emoções numa sociedade onde predomina o excesso de normas e a rotina.

Isso demonstra no esporte um sentido/significado não apenas da competição, mas os aspectos socioculturais presentes em suas práticas. Essa perspectiva se aproxima da análise de Tubino (2011) ao abordar as quatro características presentes nas práticas esportivas e que ainda agregam aspectos referentes à moralização e ao controle da violência (BOURDIEU, 1990; ELIAS, 1992).

Compreendemos também que o aspecto social do esporte está sempre presente em suas práticas, inclusive quando este se configura como reducionista e tecnicista. No entanto, ele expressa uma visão social linear, tradicional, de

camuflagem dos conflitos e contradições sociais, não existindo uma intencionalidade para resolução ou melhoria das dificuldades e, em alguns casos, acentuando os contrassensos.

Observamos hoje essa crescente influência do esporte nas sociedades, considerado como uma prática de direito social subsidiado pelos governos, bem como um benefício educacional enquanto forma de ascensão social, principalmente, através do esporte de rendimento, voltado para as famílias de condições sociais precárias, reforçando o aumento da abrangência do renovado conceito de esporte.

Com essa reconceituação do esporte e seus sentidos/significados, Tubino (2011) e a Lei Pelé nº 9.615/98 (BRASIL, 1998) compreendem o fenômeno em três diferentes caracterizações ou dimensões. Seus fins vão se expressar em distintas dimensões sociais, as quais são explicadas pelo argumento do seu conceito, compreendendo uma série de situações sociais específicas, que fazem os seus contornos: A) O esporte-educação – ou educacional é aquele vivenciado nos sistemas de ensino de maneira assistemática, minimizando a seletividade e a hipercompetitividade, enfatizando três áreas de atuação pedagógica: a da integração social, a do desenvolvimento psicomotor e a das atividades físicas, contribuindo para a formação dos jovens e o desenvolvimento de suas personalidades e nos seus processos de emancipação. B) O esporte-participação – ou popular: aquele praticado de maneira voluntária referenciado pelo princípio da ludicidade, tendo como finalidade o bem-estar dos seus praticantes. Ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. C) O esporte-performance – ou alto rendimento é aquele realizado sob orientações legais do sistema nacional e internacional esportivo, exigindo uma complexa forma de organização e investimentos, trazendo consigo a busca por êxitos esportivos, a vitória sobre os adversários nos mesmos códigos e a integração entre comunidades e nações.

Todavia observamos existir uma tendência em valorizar uma destas dimensões de forma isolada, negando a sua essência entrelaçada, permitindo subentender, por exemplo, que no esporte-performance não existe ou não se faz necessária a educação. Orientando as atividades esportivas nesse nível, nega o *fair play* e o cavalheirismo, dissemina uma prática de alta disputa e mercadorização do

resultado, chegando às escolas através das mídias, onde é reproduzida por professores e alunos.

Por isso nos aproximamos mais de Bracht (2011), cuja compreensão abrange o esporte como um esquema dual:

a) esporte de rendimento ou esporte espetáculo – é aquele imediatamente transformado em mercadoria, tende a assumir as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas, ou seja, empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos às leis do mercado (p. 26)

b) esporte enquanto atividade de lazer – entendo que o esporte pode ser vivido enquanto lazer na perspectiva do espectador do esporte de alto rendimento, este praticado por profissionais, como na perspectiva do praticante. Neste último caso, os códigos e o sentido são diferentes dos do primeiro. Encontrando-se formas de atividades de lazer derivadas imediatamente do esporte de rendimento e que muito se assemelham (p. 25).

O autor não usa a referência do esporte educacional, pois evidencia que no sentido lato toda prática esportiva é educacional, podendo o esporte, praticado no âmbito da instituição educacional, vincular-se a uma das duas perspectivas supracitadas. Diante dessa visão do esporte, entendemos: independente do local praticado, a educação vai estar presente constantemente, sendo considerada, inerente às atividades esportivas e, fazendo os professores compreenderem que não se pode excluir esse elemento essencial.

Outro aspecto é o esporte enquanto atividade de lazer, não apenas como praticante, mas também, como espectador. Tendo, por sua vez, relação direta com a espetacularização e mercantilização do esporte moderno presentes em sua ressignificação, favorecendo uma cultura de consumo pelos praticantes com base no esporte espetáculo, porém, como ressalta Bracht (2011), os códigos e o sentido são diferentes nas duas dimensões.

As dimensões, propostas por Tubino (2011) e Bracht (2011), ratificam essa reconceituação do Esporte, enquanto fenômeno moderno, contribuindo para entender sua pluridentidade de sentidos e significados. Influenciam, diretamente, na ação pedagógica do professor ao compreender o esporte ensinado nas aulas de educação física, não por uma visão subsidiada exclusivamente por aspectos de rendimento físico-técnicos, mas para estimular o aluno a uma prática consciente, entendendo o esporte em suas diferentes dimensões.

Destacamos ainda a visão social e educacional de sua prática, diferentemente de um norteamento cujo privilégio foca nos talentos esportivos e nos anatomicamente indicados (TUBINO, 2010), tomando por base, o aspecto socioeducativo proporcionado pelas reflexões acerca do conceito de Esporte possíveis, a partir da década de 60, ocorrendo no Brasil, um intenso movimento para promovê-lo como uma prática universal e democrática.

A partir deste momento a prática esportiva ganha um viés sócio-educativo. Esse aspecto será trazido à tona e encampado pelas políticas públicas que irão absorver o esporte como fenômeno promotor da socialização dos jovens. Se no início o esporte era visto com reserva por alguns, sendo encarado até mesmo como degenerativo quando praticado por uma juventude despreparada – leia-se a das classes populares-, veremos que a nova dimensão que o esporte assumirá a partir de 1960 resultará na percepção do mesmo como um fenômeno que deve atingir a todos indistintamente (MAIA, 2006, p. 1).

Nesse panorama, os governos elaboraram programas sociais para as famílias de baixa renda com essa finalidade de socialização através do esporte, todavia, limitava-se a uma prática pela prática, sem proporcionar uma perspectiva de mudança social ou subsídios para isso acontecer. Como identificado por Assis de Oliveira (2009, p. 194) ao analisar o Programa Segundo Tempo:

Nem é política de esporte, no sentido do rendimento, da seleção e especialização para o esporte, nem é política educacional, no sentido do acesso sistematizado, da ampliação do repertório cultural com articulação de outros saberes. O Programa tem se caracterizado, como inúmeros outros, por um perfil de inclusão assistencialista, de ocupação do tempo da criança, tendo como conteúdo as atividades esportivas. Substituindo-se o conteúdo esporte por qualquer outro (música, teatro, profissionalização) a lógica permanece a mesma: a ocupação do tempo, o “tirar das ruas”, etc.

Isso demonstra a propagação de um discurso vazio, através do qual, empregam o esporte como uma forma de ocupar o tempo livre e ocioso das crianças, dando um sentido assistencial e instrumental, ou seja, fragilizando o processo. Além disso, observamos que o acesso às práticas esportivas ainda é limitado, por parte da população brasileira, visto que, os locais adequados, em sua maioria, estão situados em clubes privados. Acrescentamos ainda uma descontinuidade nas políticas públicas voltadas às práticas esportivas e de lazer (ATHAYDE, 2009), debilitando o processo de ingresso e ampliação das vivências, por parte da população carente.

Ressaltamos, com relação aos programas governamentais, ou utilizam infraestrutura terceirizada ou mesmo a escolar, sem, contudo, investir em melhorias

nesta, muitas vezes até competindo com as aulas de Educação Física (ATHAYDE, 2009). Seguindo por essa análise, consideramos a necessidade de se rever a implementação dos programas esportivos e de lazer, dentro do ambiente escolar, para qualificar os espaços e possibilitar uma prática de qualidade, favorecendo o surgimento de uma cultura esportiva a fim de extrapolar o ambiente da escola e agregar um número maior de pessoas.

Assim sendo, ao perceber o esporte em suas dimensões sociais compreendemos as diferentes manifestações desse fenômeno, as quais refletem a influência direta da sociedade, de forma positiva ou negativa, fazendo-nos entender comportamentos esportivos, como a expressão dos fenômenos culturais, costumes e mentalidades da comunidade pertencente (FREITAS, 2000).

Como exemplo, citamos: ao mesmo tempo em que há a busca pelo *record*, através do treinamento e da especialização, alguns atletas buscam meios ilícitos, como o *doping*, para burlar as regras e obter o desempenho esperado. Essa necessidade pode ocorrer, entre outros fatores, devido aos patrocinadores e às conjunturas políticas atreladas ao atleta enquanto profissional e representante do seu país. Destarte, fatores intrínsecos por medalhas e o reconhecimento social estimulam essa falta de *fair play* e a ênfase na individualidade.

Assim, identificamos uma pluridentidade histórica do esporte, enquanto fenômeno, evidenciada em seus diferentes sentidos/significados e também em seus códigos e valores construídos socialmente. Porém com a chegada definitiva da televisão e a alteração dos hábitos dos habitantes do planeta (cidade x campo), provocaram transformações no processo esportivo (TUBINO, 2011) e em sua definição.

Dentro dessa linha, Tubino (2011, p. 53) afirma como uma modificação visível “a substituição gradual do uso ideológico-político do esporte pela utilização do fenômeno esportivo como meio de divulgação comercial”, ocorrendo principalmente na manifestação do esporte performance, com o surgimento de uma prática de consumo, ou seja, a mercantilização do esporte. Bourdieu (1990, p. 210) aponta que

O universo do esporte não é um espaço fechado em si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar às práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele.

Esse mercantilismo causou conflitos para com os valores do esporte (*fair play* e cavalheirismo), sendo estes, destroçados pelos aspectos pragmáticos do lucro (TUBINO, 2011). Pois muda o foco para a lucratividade e produtividade, em detrimento do próprio homem, provocando o enfraquecimento de modalidades clássicas, que não oportunizassem o espetáculo para televisão ou não possibilitassem lucros em suas disputas.

Em contrapartida ocorre o aumento de modalidades relacionadas com risco de morte (ralis, automobilismo, motociclismo, entre outros.), pois, despertam o interesse da audiência da TV. Sobre isso, Bourdieu (1990, p. 218) argumenta:

A difusão favorecida pela televisão introduz cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos a aspectos extrínsecos da prática, como resultado a vitória. O que acarreta efeitos, por intermédio da sanção (financeira ou outra) dada pelo público, no próprio funcionamento do campo de profissionais (como a busca de vitória a qualquer preço e, com ela, entre outras coisas, o aumento da violência).

Ou seja, a televisão possibilitou a pessoas, com falta de competências ou habilidades intrínsecas para a prática de determinadas modalidades esportivas, conhecê-las com profundidade e influenciá-las através da mercantilização dos aspectos extrínsecos, como a exacerbação da vitória ou mesmo o doping.

Para Tubino (2011), já existem críticos e estudiosos do fenômeno esportivo especificando o esporte como um grande espetáculo de televisão, ou seja, um produto a ser vendido e justificado perante a sociedade, contribuindo para uma visão de profissionalização e espetacularização do esporte. Essa mercantilização pode ser exemplificada de acordo com Vago (1996, p. 9),

Na venda de espaços para publicidade nos lugares da prática esportiva (estádios e ginásios, por exemplo) e nos uniformes dos atletas; na compra, na venda ou na troca dos próprios atletas (talvez ainda a maior e mais rentável das mercadorias esportivas, com sua expressão legal na lei do passe), no gerenciamento empresarial dos clubes, num imenso mercado gerado em torno do esporte (produtos de beleza, cigarros, bebidas, roupas, calçados...).

Ainda segundo o autor “tudo pode ser melhor vendido quando associado ao esporte” (1996, p. 9), perpetuando uma indústria de consumo, refletindo na visão do atleta como uma vitrine para o público que assiste ao espetáculo, surgindo disputas econômicas, políticas, sociais e culturais por trás das práticas esportivas. E, justamente pela relação das mídias com o esporte é possível visualizarmos o seu prestígio perante as sociedades, através das campanhas de conscientização contra

o racismo, violência nos estádios, arrecadação de alimentos para vítimas de catástrofes naturais, entre outros.

Seja como objeto de consumo, ou como campanha social, o esporte se transforma num meio para disseminação de valores, exemplificado pelo acesso às práticas esportivas pelas mulheres, ou pelo caso do famoso jogador de basquete americano, Earvin “Magic” Johnson Jr., que contraiu o vírus da AIDS, no início dos anos 90, causando um alarde na sociedade e na comunidade esportiva, na qual atletas se negaram a jogar com ele, pois achavam que podiam se contaminar através do suor. Esse atleta chegou a participar das olimpíadas de 1992, em Barcelona, sendo campeão e, atualmente, é porta voz de campanhas de prevenção contra o vírus e possui uma organização¹⁷ voltada para o auxílio de pessoas contaminadas, ratificando o status privilegiado do esporte frente às sociedades.

Desta forma, para o nosso trabalho, conceituaremos o esporte a partir de uma visão, tal como fenômeno moderno, numa perspectiva multicultural de apropriação dos seus sentidos/significados, apresentando-se nas dimensões do lazer, seja para praticante ou espectador, e do esporte-performance, pois subentendemos haver, na essência do esporte, valores socioeducativos, éticos e psicofiláticos, portanto, não podendo ser negados em sua prática.

Tem como princípios: a profissionalização, a mercantilização e a espetacularização; sendo influenciado e inspirando questões políticas, econômicas, sociais e culturais, estando esse fenômeno em constante evolução e, sua prática pode ser corporal ou não.

Assim sendo, ao reconhecermos o esporte como além do “rolar a bola”, identificamos que muitas das críticas sofridas, inerentes aos seus aspectos negativos, são consequências de fatores externos à prática. Esses, por sua vez, ocasionados por imposições políticas ou exigências mercadológicas, através da apropriação das suas características, ou seja, utilizando-o com diferentes funções sociais, tomando, muitas vezes, como referência para o seu ensino na escola, a aptidão física e o tecnicismo, a partir do esporte-rendimento.

¹⁷ Para maiores informações acessar o site: <http://magicjohnson.com/foundation/>

2 O ESPORTE E A ESCOLA

A partir do embasamento exposto no capítulo anterior, entendemos que ao ensinar o esporte na realidade escolar, o professor precisa visualizar e conhecer o fenômeno como um todo, isto é, não apenas a partir de modalidades específicas, pois isso seria como fragmentar todo esse processo histórico, compreendendo-o em constante desenvolvimento.

Exemplos recentes são os esportes californianos - esportes radicais¹⁸ - que nas Olimpíadas de Londres 2012 foram representados pela BMX (Bicicross¹⁹) e Mountain Bike (Bicicleta de Montanha²⁰), assim como a exclusão do beisebol e do softball²¹ do evento devido a fatores como a baixa venda de ingressos e audiência nas competições.

No entanto, o ensino do esporte dentro da escola passa por diferentes concepções e visões, desde o seu processo de inserção nos currículos, até a formação de atletas, tendo como referência, muitas vezes, a reprodução dos códigos e valores do alto-rendimento, favorecendo a dimensão técnico-tática, acarretando na exclusão dos não “aptos” das aulas de Educação Física e das escolinhas de treinamento no ambiente escolar.

De acordo com Bourdieu (1983), o esporte, em seu processo de institucionalização nas escolas inglesas é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar caráter” e “inculcar” a vontade de vencer, contudo, conforma-se, respeitando as regras; tendo no *fair play*, a disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.

Nesse sentido, é subentendido o esporte numa visão de “moralização” para os jovens e, também como forma de ocupar os adolescentes, com um menor custo

¹⁸Esse nome é pelo fato de terem sido inventadas ou desenvolvidas com maior rigor na Califórnia/Estados Unidos. Como exemplos dessas práticas: surf, skate, asa delta, sendo esportes que oferecem uma maior liberdade aos seus praticantes, sendo inseridos como modalidades olímpicas o BMX (desde 2008) e Mountain Bike nas Olimpíadas de Londres 2012. Disponível em: <<http://www.london2012.com/games/>>. Acessado em: 05 jan. 2012.

¹⁹É um esporte praticado com bicicletas especiais, prioritariamente as corridas são disputadas em pistas de terra.

²⁰É uma modalidade de ciclismo na qual o objetivo é transpor percursos com diversas irregularidades e obstáculos. Pode ser praticado em estradas de terra, trilhas de fazendas, trilhas em montanhas, dentro de parques e na Cidade.

²¹Este esporte foi criado como uma variação mais leve do baseball, por isso tornou-se uma modalidade mais popular entre as mulheres. O *softbol* é um esporte muito parecido com o beisebol, sendo as regras praticamente as mesmas. As principais diferenças entre o softbol e o beisebol são as dimensões da bola (maiores no softbol), as dimensões do campo (menor do que o de beisebol) e o tempo de jogo (que é de sete entradas no softbol, em vez de nove).

para as escolas, pois quando estão praticando modalidades esportivas é fácil vigiá-los e, ainda “dedicam-se a uma atividade ‘sadia’ e direcionam a sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores” (BOURDIEU, 1983, p. 146).

Essa prática esportiva e as atividades físicas institucionalizadas chegaram ao Brasil devido à influência europeia, com a vinda de imigrantes de diversos países tais como: Inglaterra, Itália e Alemanha; bem como estudantes das classes mais abastadas que realizavam seus estudos no continente europeu e traziam consigo, os hábitos daqueles países, na formação de clubes e federações.

Segundo Darido (2008), a partir do início do século XX, o esporte foi, aos poucos, integrando-se aos programas de Educação Física em todo o mundo, exercendo maior influência após a Segunda Guerra Mundial, porém essa disseminação não ocorreu de forma pacífica, pois teve forte oposição nos países com tradições nas práticas corporais voltadas para os métodos ginásticos.

Inicialmente, no contexto escolar do Brasil, as práticas esportivas foram vistas como algo inferior às ginásticas, numa visão de caráter espontâneo e de contato com a natureza (FERREIRA, 2006), por sua vez, contestadas por médicos, jornalistas e escritores da época, pois traziam efeitos nocivos à juventude, estimulando a pronúncia de vocabulários inadequados, promovendo a violência e o abandono dos estudos, do cultivo da inteligência e do espírito.

Desta forma, a sociedade dominante, em um primeiro momento, repudiava a prática esportiva dentro das escolas brasileiras, optando, inicialmente, pelos métodos ginásticos, pois, propiciavam através de sua prática, a aquisição e a preservação da saúde e, o aumento da força e coragem, com base nos ideais eugênicos e higiênicos.

Porém, mesmo com essa resistência inicial, o esporte se desenvolveu e, tornou-se ação complementar com a ginástica em um processo de inter-relação, tornado-se um conjunto de atividades sociais e corporais (LUCENA, 2004; FERREIRA 2006), sendo tratados nas aulas de forma separada, apenas para fins pedagógicos, aumentando, exponencialmente, a importância da prática esportiva dentro do cenário educacional brasileiro.

Desta forma, iniciou-se na metade da década de 40, a esportivização no Brasil, principalmente, durante o período denominado Estado Novo (1937 a 1945), em que houve a busca por uma unidade nacional através do fenômeno,

caracterizado pela forte presença do Governo. Este, apoiando e intervindo em ações para propagar seus ideais nacionalistas, através das práticas físicas e esportivas, influenciando as aulas de Educação Física para a formação de uma nação forte, ocorrendo uma hegemonização do esporte como conteúdo ensinado.

Já nas décadas de 50 e 60, a Educação Física Escolar sofreu a influência de um procedimento, criado na França, por Augusto Listello, conhecido como o Método Desportivo Generalizado; tal prática procurou agregar o conteúdo esportivo à Educação Física, dando ênfase ao aspecto lúdico e tendo como objetivo, a iniciação dos alunos nas diferentes modalidades (DARIDO, 2008).

Com a ascensão do Regime Militar, a partir do golpe de 64, que perdurou até a década de 80, o esporte, tornou-se razão de Estado e a Educação Física Escolar sucumbiu subordinada a este, durante toda a década de 70 (DARIDO, 2008). Esse período militar procurava uma exaltação nacional, através do esporte, visando à formação do atleta a partir da escola, ou seja, do cidadão forte e defensor da pátria, ocorrendo, a inclusão do binômio Educação Física/Esporte, em um ideal de celeiro de atletas, com base numa pirâmide esportiva, tendo as escolas como alicerce, os clubes no meio e as seleções no ápice.

Corroborando, Bourdieu (1990, p. 214) afirma,

Seguramente um esporte, uma obra musical ou um texto filosófico definam, devido às suas propriedades intrínsecas, os limites de usos sociais que podem ser feitos deles, eles prestam a uma diversidade de utilizações e são marcados a cada momento pelo uso dominante que é feito deles.

Temos a utilização política social do esporte para a exaltação da “pátria amada”, na assimilação das características desse fenômeno em benefício próprio. Assim, as aulas de educação física procuraram se apropriar do esporte, através dos sentidos/significados e valores de alto rendimento. Foram preconizados: o rendimento máximo, a competição, a comparação, a seleção e a especialização; permeando um sentido de treinamento às aulas, promovendo a exclusão e a discriminação dos “não aptos”, bem como, a valorização de um ensino tecnicista, acarretando numa relação Professor-Técnico e Aluno-Atleta durante as aulas (COLETIVO DE AUTORES, 2012) e, enfatizando o esporte, como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física.

Observa-se aqui, a influência da dimensão do esporte-performance na escola, através de uma visão monocultural, considerado como o **esporte NA escola** (BRACHT, 1992; VAGO, 1996). Sob esta ótica, a Educação Física assumia os códigos e valores inerentes ao esporte de rendimento, servindo como “base” ao sistema esportivo, tendo como ideais a função de difundir na escola e atuando como um prolongamento das suas ações.

Para Assis de Oliveira (2001), o esporte NA escola propicia uma alienação, repressão e a manipulação dos alunos, contribuindo para um ensino tecnicista, cuja prioridade é relativa aos gestos técnicos, sendo acrítico e a-histórico, sem gerar no educando uma reflexão sobre as práticas esportivas, ensinando as regras sem questionamentos e como uma cartilha.

De acordo com Assis de Oliveira (2001), o esporte na escola foi criticado em duas dimensões, a primeira pela: exclusividade (sem espaço para outros temas), primazia (prioridade quanto ao tempo e à organização do espaço) ou hierarquia (outros temas tratados em função dele) na organização das aulas de Educação Física. A segunda, o esporte praticado na escola está a serviço da Instituição Esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói. Desta forma, para o autor, a escola, através da Educação Física, estaria assumindo os códigos, os sentidos e os valores da Instituição Esportiva, não existindo a diferenciação entre as aulas e os treinamentos.

Esse ideal, no entanto, perdurou até a metade dos anos 80, pois se iniciou no Brasil, um movimento para repensar nos objetivos, conteúdos e funções da Educação Física Escolar, momento pelo qual se entende a necessidade de um novo olhar frente a esse fenômeno. Vale salientar que não devemos negar o esporte na escola, todavia, ele precisa ser subsidiado pelos valores e princípios desta instituição, portanto só fazendo sentido se for pedagogizado na sua dimensão social de educação e em um movimento de apropriação do fenômeno.

Souza Júnior (2001) analisa o discurso cuja tentativa é caracterizar a Educação Física no currículo escolar, como um meio para remediar o fracasso esportivo brasileiro, tornando-a *lócus* para a massificação do esporte e, por consequência, mostra a visão da necessidade de se investir na escola como uma fábrica de atletas.

Os fracassos brasileiros, por sua vez, foram nas Olimpíadas de Sidney em 2000 e, a perda da Copa do Mundo de 1998, ressurgindo a defesa do nacionalismo através do esporte, como havia acontecido após a conquista da Copa de 70, pela Seleção Brasileira, usada como forma de propaganda do Governo Militar da época, com o slogan: “ninguém segura este país”.

Para ilustrar esse esporte que chega à escola, tomando como referência ideias de Souza Júnior (2001), temos o seguinte quadro:

Quadro 1 Comparativo entre o esporte moderno e a escola

ESCOLA	ESPORTE MODERNO
Procura democratizar suas ações;	Procura selecionar;
Busca o desenvolvimento de uma cultura geral;	Exige especialidade;
Deve lidar com a diversidade dos alunos;	Procura padronizar;
Intenciona sociabilizar o conhecimento;	Busca estabelecer comparações objetivas;
A escola trabalha com a coletividade heterogênea;	A individualidade biológica para o desenvolvimento das aptidões físicas e atléticas;
A escola tem no corpo sua fonte de apreensão do conhecimento;	O esporte precisa do rendimento corporal máximo;
A merenda muitas vezes é a única alimentação.	Bom estado nutricional.

Ao observarmos esse quadro, compreendemos a difícil aplicabilidade do esporte moderno na dimensão do alto rendimento para o universo das escolas, visto os diferentes sentidos/significados e valores socioculturais presentes em sua prática. Procurando superar este quadro, visualizamos o **esporte DA escola**, como coerente com a cultura escolar, sendo pedagogizado e trabalhado de forma crítica, histórica, participativa e educativa, através da qual, suas normas e condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, o cria e o recria sejam sempre questionadas. Para assim, lidar com a diversidade dos alunos, de acordo com os princípios e valores da escola.

Para isso acontecer o docente precisa compreender o fenômeno e a sua pluridentidade, repensando em sua prática pedagógica. Além disso, corroboramos com Assis de Oliveira (2001) ao afirmar: o **esporte NA e o DA escola** podem conviver e ainda que o **esporte DA escola** possa ser exatamente igual ao **esporte NA escola**. A possibilidade de serem diferentes está inscrita na esfera da ação do professor, na prática pedagógica, ou seja, instruída pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

Ao refletirmos a partir de um PPP baseado em uma concepção crítica de ensino, temos o esporte fundamentado na cultura escolar e com finalidades diferentes da dimensão do esporte-rendimento, incorrendo na apropriação dos princípios e das características do fenômeno para o seu ensino. Tomando como subsídios para a sistematização das aulas e atividades, um documento, cuja exigência revele uma profunda reflexão sobre as finalidades da escola, diante do seu papel social, na definição de formas operacionais e, de ações a serem empreendidas no processo educativo (VEIGA, 2011). Esse procedimento permite a pedagogização do esporte, de acordo com os códigos e valores da Escola, para que possamos repensar o fenômeno DA e NA, e sua imbricação com os documentos norteadores das instituições educacionais.

A partir dessa visão, consideramos que o professor, em sua prática pedagógica ao ensinar um conteúdo esportivo, como as regras, por exemplo, não deva reproduzi-las, sem questioná-las; ele, juntamente com os alunos, buscará entender seus sentidos e significados durante o jogo, modificando-as de acordo com a realidade vivida. Deve explicitar para os estudantes, que as mudanças são para o bom andamento e as ações pedagógicas da aula, todavia, o educando, gradualmente, precisa jogar o mais próximo possível das regras institucionalizadas, para não descaracterizar o fenômeno em sua atualidade.

Assim, ao compreendermos o fenômeno esporte em constante evolução, visualizamos a mutabilidade das regras oficiais, pois, entre outros aspectos, buscam-se formas de proteger a integridade física dos atletas, para dinamizar o jogo e favorecer o espetáculo. Elas influenciam, diretamente, em elementos, tais como: técnicas, táticas, posições e funções nas diferentes modalidades. Podemos exemplificar através do Futsal; neste, inicialmente, era proibido ao goleiro, tocar na bola fora da área restrita com qualquer parte do corpo, hoje, por sua vez, já existe a função do goleiro-linha desencadeando novos sistemas de jogo, ou seja, dando mais

liberdade à posição antes limitada à sua área, sendo fundamental para a posição, jogar com os pés, bem como, a reposição na lateral, inicialmente, feita com a mão e, atualmente, com os pés. Tem-se também o exemplo do Vôlei, com a inserção do líbero e a retirada da tomada de ponto ou vantagem durante os jogos. Essas modificações favoreceram a dinamicidade das modalidades, agregando novos elementos ao “espetáculo”.

Nesse cenário, observamos as ações pedagógicas para o ensino do esporte dentro da escola com a pretensão de permitir ao aluno compreender as regras e as suas modificações por fatores como: a diminuição da violência, para melhor andamento das atividades, dar mais dinamicidade ao jogo e a fatores financeiros, tais como o lucro, com as transmissões na TV.

Assim sendo, ao se abordar sobre o esporte, enquanto fenômeno social, as regras, as táticas e as técnicas precisam ser problematizadas para os alunos, para que eles possam vivenciar, reconhecendo e visualizando diferenças entre drible, chute e passe no basquete, no futebol ou vôlei, possibilitando, desta forma, conhecimentos não restritos, exclusivamente, uma modalidade ou a repetição de gestos.

Entendemos que isso não deva ficar limitado às aulas de Educação Física, mas deverá abranger as ações voltadas para o trato do esporte dentro da escola e conter relação com o currículo. Desta forma, compreendemos que ao ensinar o esporte escolar, o docente deve visualizá-lo como parte de um processo educacional inerente à escola, para a formação do cidadão e não como o fim principal de suas ações. Portanto, deve ser norteado por princípios educacionais para promover uma relação com o saber abordado, possibilitando, ainda, uma apropriação, por parte dos alunos do fenômeno e, permitindo através da prática, refletir sobre seus códigos, sentidos e significados, questionando sobre as suas funções dentro da escola.

Além disso, as aulas de Educação Física devem permitir uma análise crítica, pelo indivíduo, do fenômeno esportivo, situando-o e relacionando-o com todos os contextos: socioeconômico, político e cultural (BRACHT, 2011). Deste modo, poderá o professor levar o educando a uma solidariedade consciente, favorecendo a visão do jogo com o adversário e não contra o adversário, evidenciando um esporte onde se busque o desenvolvimento do coletivismo.

Destarte, indo além das modalidades tradicionalmente ensinadas nas escolas brasileiras, ou seja: promovendo debates sobre aspectos históricos e culturais,

agregando outras disciplinas, através da interdisciplinaridade; estimulando o aluno, através de ações pedagógicas dentro da escola; situações para possibilitar ao sujeito da ação, o exercício pleno de sua cidadania, todavia, não se limitando à prática pela prática, mas subsidiando e estimulando o PPP da Escola.

As ações pedagógicas desenvolvidas na escola no ensino tradicional do esporte, limitavam-se historicamente à prática pela prática, tendo ênfase no ensino da técnica, e à formação de atletas, através do oferecimento de “escolinhas” que tomam como referência o ensino com influências do alto rendimento.

Todavia, observamos a necessidade em possibilitar a prática como uma continuidade das aulas de educação física, agregando códigos e valores, além da especificidade esportiva na relação com a sociedade, estimulando os alunos a uma prática sem, contudo, limitar-se à formação de atletas, mas coerente com o projeto de sociedade e educação presentes nas escolas.

Observamos que ao ensinar o esporte escolar não devemos focalizar apenas na dimensão técnica, na tática e nas regras, mas também em seus aspectos socioeducativos inerentes à sua construção histórica, discorrendo sobre ações pedagógicas visando extrapolar os sentidos e os significados para além da quadra, proporcionando aos alunos, uma prática com base numa práxis esportiva.

Para Tubino (2011) com base em Cagigal, o ensino do esporte escolar deve promover uma prática consciente e crítica da atividade física esportiva, permitindo uma valorização qualitativa no modo de fazer esporte, sendo a prática esportiva, quando práxis, de conhecimento humano e, promovendo subsídios para o surgimento de novos fatos culturais esportivos e sociais.

Desta forma, consideramos, conforme Bracht (1997) e Vago (1996), que a escola, através de seus códigos e sentidos, deve regular a relação entre o esporte e o ambiente escolar, produzindo uma cultura esportiva própria, ao invés de reproduzir as práticas hegemônicas presentes na sociedade, pela qual estabeleça com elas uma relação de tensão permanente (VAGO, 1996), permitido aos alunos apropriar e analisar criticamente o fenômeno esportivo, favorecendo um esporte inerente ao ambiente escolar, de forma pedagogizada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem como referência uma abordagem qualitativo descritiva com base na hermenêutica dialética caracterizada como bibliográfica documental e com inserção no campo através de entrevista semiestruturada com os professores/tutores responsáveis, alunos/jovens líderes e a gestão do programa por parte do British Council, para analisar as contribuições pedagógicas que o Programa Inspiração Internacional traz para o ensino do esporte em escolas públicas de Pernambuco.

Para Minayo (1998), a pesquisa qualitativa possibilita a montagem do quadro teórico, considerando as informações e os dados produzidos, permitindo ir além da percepção dos sentidos nas experimentações empíricas, considerando, assim, tanto dados objetivos, quanto subjetivos, possibilitando responder questões muito particulares, através de um nível de realidade que não poderia ou deveria ser quantificado (MINAYO, 2010), para assim, abranger a realidade das ações do PII em PE e as contribuições para o ensino do Esporte.

Com relação à hermenêutica dialética, ela nos permitiu uma análise aprofundada da fala, das interpretações e dos depoimentos dos entrevistados, de acordo com Minayo (1998, p. 227),

A união da hermenêutica com a dialética leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico.

Ainda segundo a autora, a união das duas nos permite uma explicação e interpretação da realidade, pois “coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante, em que é produzida” (MINAYO, 1998, p. 231), admitindo adentrarmos na realidade escondida na fala dos envolvidos no processo de materialização do PII em nosso Estado e nos documentos analisados.

Como procedimentos para a coleta dos dados, tivemos, como fontes iniciais os documentos do British Council e dos planos de parceria das escolas públicas do estado de Pernambuco participantes do PII (APÊNDICE A). Esses documentos foram utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos e, seu conteúdo serviram para elucidar determinadas questões e auxiliar como prova para

outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007). Esses achados favorecem para responder nossas inquietações referentes à organização e à sistematização do programa nas escolas, utilizando assim documentos que não tiveram nenhum tratamento analítico, a partir da qual o pesquisador desenvolveu sua investigação e análise (SEVERINO, 2007).

Na sequência, realizamos um estudo exploratório para saber o estado atual do PII e como ele se materializou nas escolas participantes em PE, enviando, através de email, para os nove professores²² responsáveis, um questionário²³ aberto²⁴ (APÊNDICE B), contendo questões referentes à organização do programa, à dinâmica das intervenções, ao tempo dedicado, às formas de aproximação com o British Council, entre outros aspectos, permitindo mapear o programa e desencadear uma aproximação inicial com os professores para as entrevistas.

No terceiro momento, entramos em contato²⁵ com os sujeitos selecionados da pesquisa para realizarmos as entrevistas semiestruturadas, sendo oito²⁶ professores/tutores²⁷ (APÊNDICE C); e como critério deveriam estar participando do programa desde o início. Para o responsável pela gestão por parte do British Council (BC) (APÊNDICE D) era preciso estar em contato direto com o programa desde a sua implementação no Estado.

Na sequência, os tutores indicaram os jovens líderes (APÊNDICE E)²⁸, exigindo a necessidade de ter feito o curso de formação, estarem a mais de um ano na função e, terem tido contato com o pessoal da Inglaterra, assim teríamos um aluno com experiência na função. No total realizamos doze entrevistas ao término do processo.

Para Queiroz (1988) e Duarte (2002), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador, e deve ser dirigida por este, de acordo com seus objetivos. Desse

²² Inicialmente o Conselho Britânico indicou os professores e disponibilizou os contatos.

²³ Para manter o anonimato iremos denominar os sujeitos envolvidos no estudo por letras semelhantes às Escolas que pertencem.

²⁴ Dois professores (G e H) não responderam o questionário.

²⁵ Através de telefone e email.

²⁶ Os docentes selecionados responderam ao questionário exploratório (PROFESSOR A, B, C, D, E, F e I) ou que tivemos uma comunicação inicial (PROFESSOR G). O professor H não respondeu nossos contatos e por isso não foi inserido neste terceiro momento.

²⁷ Com o professor D, realizamos a entrevista por email devido a dificuldades para agendamento da entrevista, porém procuramos um diálogo entre os emails de forma similar a uma entrevista.

²⁸ Foram entrevistados três Jovens líderes originários de duas diferentes escolas.

modo, somente serão questionados dados da vida do informante se os mesmos se relacionarem, diretamente, ao domínio da pesquisa.

Por essa razão, os autores consideram existir uma nítida distinção entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista, movidos por interesses diferentes. De acordo com Minayo (2010, p. 65),

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: (a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbitos e outros; (b) os segundos – que são objetos principais da investigação qualitativa – referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistados e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivência.

Compreendemos assim, os dados primários e secundários da realidade de todas as escolas, suas dificuldades, organização e ações desenvolvidas, bem como, aos permite aos envolvidos refletir sobre o esporte, seus sentidos e significados, a materialização da proposta do programa e procurando confrontar suas falas com os documentos analisados e, ainda, identificando as contribuições do programa, para a prática pedagógica dos professores envolvidos. Ressaltamos que todas as entrevistas foram gravadas e o áudio transcrito visando facilitar a análise dos dados e devolvido para ajustes pelos informantes.

Na fase de tratamento e análise de dados, coletados na literatura, nos documentos e nas entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo do tipo categorial por temáticas, tendo como referências, os estudos de Minayo (1998) e Bardin (2011), a qual funciona pelo desmembramento do texto em unidades e categorias, para a criação dos blocos temáticos e, conseqüente identificação das palavras-chave. A análise de conteúdo consiste num recurso técnico para análise de dados, provenientes de mensagens escritas ou transcritas. Para Bardin (2011, p. 9),

É um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados [...]. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois polos: do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

A análise temática consiste em “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência de aparição podem

significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2011, p. 105), identificando as palavras-chaves nas falas e nos documentos, elaborando um quadro teórico para análise e, proporcionando ao pesquisador, apropriar-se de forma mais interpretativa os dados ao invés da realização de inferências estatísticas.

As categorias analíticas, delimitadas, enquanto palavras-chave traduzem os pilares da e para a reflexão conceitual, tanto no trato com a literatura, quanto no contato com os dados de campo (SOUZA JR.; MELO; SANTIAGO, 2010), e assim, as categorias determinadas serviram como eixos para nossa reflexão sobre o PII e o ensino do esporte na escola, no decorrer do texto.

Desta forma, ainda seguindo as orientações de Bardin (2011), elaboramos alguns indicadores para a análise de conteúdo (APÊNDICE F) e, posteriormente, o quadro de análise dos dados (APÊNDICE G), composto pelas categorias empíricas e suas respectivas unidades de contextos e de registro. Segundo Bardin (2011, p. 137),

A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.

As unidades de registro possuem significação codificada e equivalente ao segmento de conteúdo considerado unidade base, fomentando a categorização para analisarmos o conteúdo da mensagem através da decomposição do conjunto, de acordo com as unidades de contexto e suas respectivas unidades de registro, sendo esta última, resultante dos recortes e descobertas extraídas dos documentos analisados na pesquisa.

Tomamos como categorias analíticas, o Esporte e a Prática Pedagógica dentro da escola, pois identificamos, historicamente, uma relação direta entre os dois, por ter o primeiro, conteúdo hegemônico nas aulas de educação física, sendo influenciado por um esporte com características e valores das instituições esportivas.

As categorias empíricas: Materialização, Educação Intercultural, Ação Docente/discente e o esporte no PII; foram elencadas durante o contato com o campo e, no diálogo entre ele e as categorias analíticas. Desta forma, elaboramos o quadro 02 com as características das categorias empíricas e suas respectivas unidades de contexto e registro.

Quadro 2 Quadro explicativo das categorias empíricas de análise

Categoria Características das categorias	MATERIALIZAÇÃO	
	Unidades de Contexto	Unidades de Registro
Abordam os Programas implementados pelo PII e seus objetivos; O processo de Implementação do Programa em PE (documentos; cursos oferecidos; recepção dos professores e da comunidade)	Implementação do Programa	Sonhos & Times;
		Tops;
		Conexão entre Escolas;
		Processos de implementação, seleção das Escolas e aproximação com o <i>British Council</i> ;
		Treinamentos e Cursos;
		Objetivos do programa;
		Relação com a Comunidade.
Abordam os aspectos relacionados à gestão e as dificuldades para a materialização e organização do PII em nosso estado.	Gestão	Organização dentro da Escola, dificuldades e materiais;
		Planejamento e Planos para 2012;
		Meios para troca de informações com as Escolas Parceiras.
Educação Intercultural		
Concepção norteadora para a prática pedagógica dos tutores e jovens líderes; identificando se os professores conhecem e como o conceituam; se o identificam em suas práticas; quais contribuições essa concepção de educação tem para os professores.	Educação intercultural	Conceito de Educação intercultural e a Importância para as ações;
		Visão de educação intercultural;
		Contribuições para a prática dos professores.
Ação docente/discente		
Relacionadas as prática dos tutores/jovens líderes e suas ações pedagógicas; como é o processo de seleção; o que realizam dentro do programa e importância para materializarem o PII; Quais os benefícios sociais, culturais e	Jovens Líderes	Critérios e Funções dentro do programa;
		Contribuições em ser um jovem líder;
	Inovações Pedagógicas	Contribuições do Programa para a prática pedagógica dos professores;

educacionais o aluno tem enquanto sujeito ativo das ações; Quais contribuições pedagógicas o PII trouxe para as ações realizadas? Como ocorria o planejamento das ações? Avaliação dos professores com relação ao PII.		Troca de Experiência com os professores;
		Interdisciplinaridade.
	Professores	Função dentro do programa;
		Organização (festivais) e planejamento das Atividades;
		Práticas pedagógicas;
		Escolha dos conteúdos;
	Avaliação do Programa.	
O esporte dentro do programa		
Diretamente relacionada ao conceito de esporte proposto pelo programa, entendendo o seu sentido/significado atribuído pelos professores e os documentos, o esporte nos festivais, aulas e nas ações diversas dentro do programa. A atuação dos Jovens Líderes e Tutores para o ensino. As modalidades ensinadas no PII. Os procedimentos para o ensino (periodicidade, tempo pedagógico e estratégias). Avaliação sobre o ensino do esporte proposto pelo Programa.	O esporte ensinado	Sentidos /Significados;
		Os jovens líderes e o ensino do esporte;
		O esporte e as aulas de educação física;
		Modalidades Ensinadas e os momentos de intervenção;
		Periodicidade e tempo de intervenção;
		Avaliação sobre o ensino do esporte proposto pelo Programa.

As categorias acima permitiram conhecermos a realidade do PII, numa imbricação das unidades de contexto e registro para as análises dos dados.

Nos documentos e nas entrevistas, realizamos, em um primeiro momento, uma leitura flutuante e em seguida uma refinada, fazendo marcações correspondentes às unidades de contexto, a partir de uma legenda (APÊNDICE G). Uma vez identificadas, as unidades foram levadas para preenchimento do quadro analítico. Como procedimento para acompanhamento da tabulação dos dados elaboramos um quadro (APÊNDICE H) e, com as orientações para organização dos

dados das entrevistas (APÊNDICE I), elaboramos ainda um quadro geral com o mapeamento inicial a partir dos questionários exploratórios (APÊNDICE J).

Salientamos que o presente trabalho contou com a anuência do BC (ANEXO A) e da Secretaria de Educação de Pernambuco (ANEXO B), sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UPE, em abril de 2012, com Registro no Comitê de Ética em Pesquisa da UPE 76/12 (ANEXO C); registro do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 02506112.9.0000.52.07.

Ao participar da pesquisa os envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE L), estando cientes do objetivo, do método da pesquisa, dos riscos e dos benefícios da pesquisa, bem como seus direitos e telefones para entrar em contato direto com os pesquisadores e o CEP.

4 O PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL (PII)

4.1 O processo de Materialização em Pernambuco

O PII surge como um legado da candidatura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 (BRITISH COUNCIL, 2007b; 2008a; 2008b; 2008c; 2009g; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2010e), sendo elaborado em conjunto pelo *UK Sport*²⁹, em parceria com o British Council e UNICEF³⁰, com o apoio da *Youth Sport Trust*³¹ e a *Right to Play*³².

Contou ainda, com parcerias locais para a sua materialização, onde é proposta a utilização, do poder do esporte para transformar a vida de milhões de crianças e jovens de escolas e comunidades, em todo o mundo, particularmente, nos países em desenvolvimento (BRITISH COUNCIL, 2010a; 2010d) e, discutindo questões ligadas à liderança, à cidadania e à responsabilidade social.

Detectamos nos documentos e falas, a utilização do esporte como uma ferramenta educacional que propicia aos alunos de países em desenvolvimento, vivenciarem situações para estimular a troca de experiências culturais, “inspirando o desejo de liderar; para criar um time, um sonho, um mundo” (BRITISH COUNCIL, 2007a), com base na educação intercultural e, permeando todas as ações do PII.

Sob esta perspectiva, o PII foi implementado em mais de 20 países, contudo, antes de chegar a esse quantitativo, houve um período de teste com os cinco primeiros selecionados (GESTÃO BC/ENTREVISTA), sendo o Brasil, o segundo a participar, contando ainda com o Azerbaijão, Índia, Palau e Zâmbia, no grupo inicial

²⁹ UK Sport é ligado ao Departamento de Cultura, Mídia e Esportes (DCMS) do Reino Unido, sendo responsável por investimento em torno do esporte de alto rendimento e trabalha em parceria para levar o esporte no Reino Unido para o sucesso em nível mundial. Disponível em: <<http://www.uk sport.gov.uk/>>. Acessado em: 07 ago. de 2011.

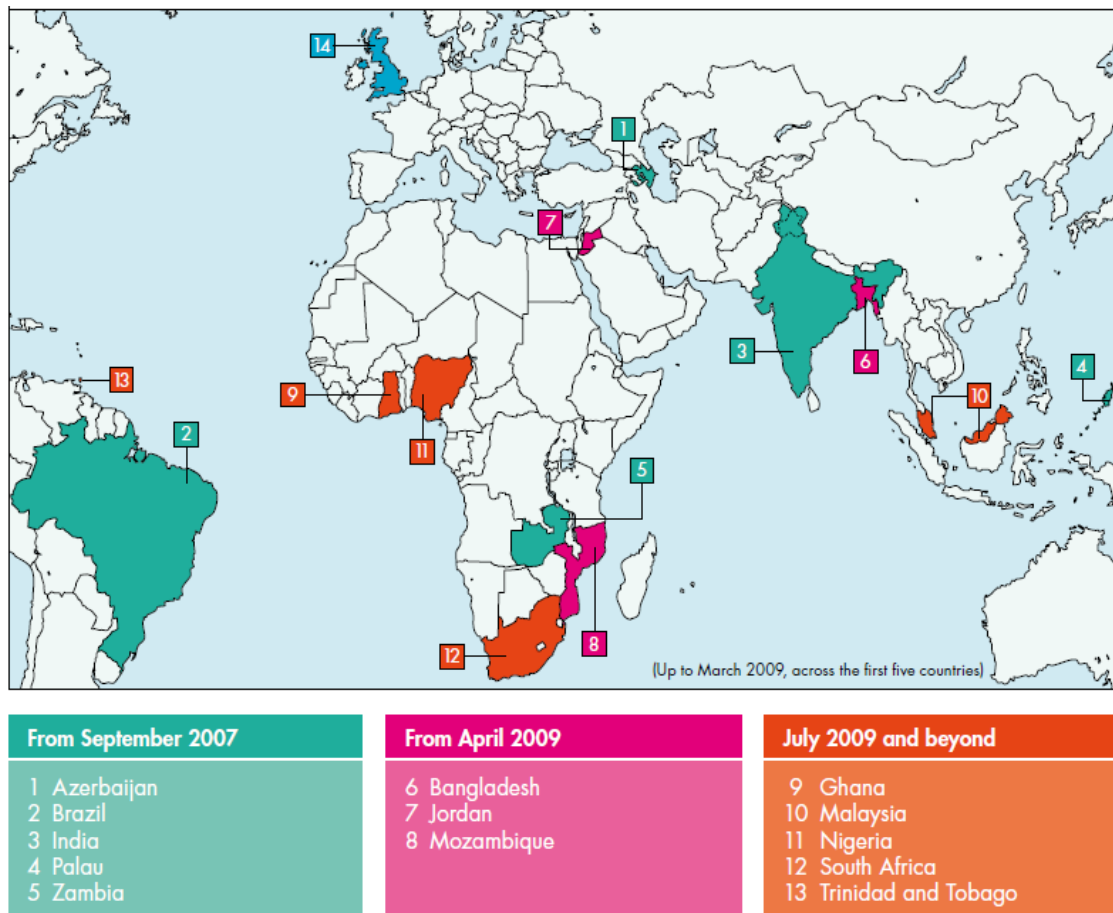
³⁰ O Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF está presente no Brasil desde 1950, liderando e apoiando algumas das mais importantes transformações na área da infância e da adolescência no País, como as grandes campanhas de imunização e aleitamento, a aprovação do artigo 227 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, o movimento pelo acesso universal à educação, os programas de combate ao trabalho infantil, as ações por uma vida melhor para crianças e adolescentes no Semiárido brasileiro. Disponível em <<http://www.unicef.org.br/>>. Acessado em: 24 jul. 2011.

³¹ É uma instituição de caridade independente criada em 1994 para construir um futuro melhor para jovens através da educação física e do esporte. Disponível em <<http://www.youthsporttrust.org/page/home-welcome/index.html>>. Acessado em: 08 jul. 2011.

³² Right to Play (Direto de Jogar - tradução nossa) - Organização não Governamental que trabalha para melhorar a vida das crianças em algumas das áreas mais desfavorecidas do mundo usando o poder do esporte e jogar para a saúde, desenvolvimento e paz. Disponível em <<http://www.righttoplay.com/International/Pages/Home.aspx>>. Acessado em: 22 jul. 2011.

do processo de implementação do PII em 2007, e na sequência a esse período introdutório, abarcou outros países (figura 01).

Figura 1 Processo de implementação do PII até 2009.



Observamos na figura 1 que os países do primeiro grupo possuem condições socioeconômicas precárias (Azerbaijão, Palau e Zâmbia), diferentemente do Brasil, contendo um destaque no cenário mundial como sendo a sétima economia do mundo (TERRA, 2012), ficando atrás do próprio Reino Unido. Ao questionarmos à Gestão do BC sobre a inclusão do nosso país no programa, ele afirma:

Porque o Brasil é tido como país do futebol e do esporte. Nós temos várias estrelas aqui, [...] mas o Brasil foi escolhido quando eles decidiram que iam implementar o PII em cinco países, um em cada continente na verdade, no nosso continente foi o Brasil (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Ou seja, a escolha ocorreu devido ao fato de nos destacarmos no Futebol, modalidade mais praticada na Inglaterra e no mundo, numa relação com o esporte espetáculo e não apenas devido às condições precárias em que diversas

comunidades brasileiras vivem, mas de afinidade a uma modalidade praticada entre os países. Outro aspecto ressaltado pela gestão foi a progressiva ampliação do programa para os outros continentes, inicialmente, com a escolha de um país em cada para integrar o grupo, totalizando no ano de 2012, vinte países, além do Reino Unido³³. Todavia não identificamos a utilização do PII em países do continente norte americano.

Com relação ainda ao fato do Brasil ser um dos países “piloto” do programa, o representante afirmou:

Foi o país em que o projeto melhor se desenvolveu como piloto e foi o programa que serviu na verdade de parâmetro, de exemplo e que foi mais avaliado para servir de exemplo pros outros. Então muito do que foi desenvolvido aqui, foram adaptadas para o Brasil, as lições, as dificuldades foram levadas para os outros países, então nós recebemos muitos pedidos de informação em relação à metodologia e de avaliação (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Observa-se aqui, a estratégia de utilizar os cinco países inicialmente para a materialização do PII, como uma forma de visualizar a sua inserção em realidades diferentes, pois o programa foi elaborado por entidades inglesas que não detinham o pleno conhecimento das organizações (educacionais, políticas, físicas e institucionais) locais.

Por isso, ao possibilitarem esse momento introdutório permitiram adequar suas metodologias às dificuldades e às estruturas regionais, ressaltando, na fala da Gestão, a contribuição do nosso país com relação às modificações necessárias para a metodologia do treinamento dos tutores e jovens líderes. Isto está exemplificado pela Gestão do BC com a alteração do local de realização do curso de formação, onde, inicialmente, era feita em hotéis com situações completamente diferentes das encontradas nas escolas, sendo posteriormente alterados, após a avaliação dos professores brasileiros para acontecer nos próprios colégios ou em espaços mais próximos da realidade local e assim, oportunizar o PII a galgar suas metas.

Para alcançar os objetivos propostos nos países participantes, reconhecemos os seguintes programas nos documentos e falas: *Tops*: fornece recursos de qualidade para formação de professores, técnicos e outros líderes comunitários a serem utilizados, dentro e fora do contexto escolar, para proporcionar experiência

³³ Atualmente outros sete países fazem parte do grupo: Egito, Etiópia, Indonésia, Paquistão, Tanzânia, Turquia e Uganda.

esportiva de qualidade para jovens; *School Links (Link entre Escolas)*: intercâmbio entre alunos dos países envolvidos, com os do Reino Unido, focaliza na aprendizagem intercultural e no estabelecimento de bases para a inovação educacional no currículo através do esporte; *Dreams & Teams Training (Treinando Sonhos & Times)*: metodologia para capacitar os jovens líderes a desenvolverem suas habilidades de liderança, através do esporte e das artes. O programa permite o desenvolvimento da liderança dos jovens em suas escolas e comunidades, engajando assim, outros jovens.

Com relação a essas três formas de intervenções, constatamos que elas já existiam antes do PII e com ampla utilização no Reino Unido, contudo, eram usadas de forma independentes e, só após a necessidade da elaboração de um legado para a Olimpíada de Londres, ocorreu à unificação dos mesmos como um programa único.

Na verdade quando eles pensaram no PII, eles pensaram como fazer isso, então eles pegaram o programa Tops que já existia no Reino Unido, o programa Sonhos & Times que já existia no Reino Unido e a parceria entre as escolas que já existia também. Então eles agregaram esse grupo de projetos e formaram o programa pra deixar como um legado, então eles já tinham experiência nesses três projetos (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Assim sendo, mesmo com esse conhecimento prévio, os organizadores do PII sentiram a necessidade de realizarem os testes com os cinco países pertencentes ao primeiro grupo, pois entendiam que era indispensável reconhecerem as limitações e, procederem com modificações essenciais para a materialização em diferentes países, visto a diversidade cultural a encontrar.

Isso se deve ao fato de que as propostas metodológicas do PII como legado Olímpico compreendem a formação de professores e voluntários, a capacitação dos Jovens Líderes, o intercâmbio entre escolas em diferentes países e ainda procuram contribuir para qualificar as vivências no ensino do esporte, desde as aulas de educação física até a organização de ações em diferentes momentos, como festivais e oficinas. Ratificando assim, a necessidade dos programas em se adequarem à realidade social encontrada, diferentemente de uma imposição ou colonização, renegando todo o conhecimento produzido pelas comunidades locais, pois possibilita essa troca, através de uma relação de igualdade com base na Educação Intercultural.

Identificamos na fala da Gestão do BC que para conseguirem esses objetivos no Brasil, o PII realizou um período de visitas com especialistas da área de esportes e educação do Reino Unido no Brasil e, promoveu o encontro com algumas pessoas³⁴ chaves na área de esporte em nosso país visando à implementação do programa nos estados de PE e AL.

Em seguida, esses profissionais procederam uma visita de estudo ao Reino Unido. Esse intercâmbio possibilitou discussões sobre “como implementar esse projeto, qual o objetivo, se precisaria ser adaptado, se seria bem recebido” (GESTÃO BC/ENTREVISTA). Essa relação permitiu conhecerem em lócus, a dinâmica das metodologias propostas, compreendendo sua aproximação com a nossa realidade, avaliando quais contribuições (pedagógicas, culturais e sociais) e limitações que poderiam surgir nesse processo.

Observamos ainda nessa fase introdutória, a realização dos contatos diretos com o Ministério da Educação e do Esporte, entretanto,

Nessa época o Ministério do Esporte se interessou mais do que o de Educação, embora hoje a gente tenha um contato forte com o Ministério da Educação, porque foi provado que o impacto na educação é muito forte, e nós começamos a desenvolver o projeto com escolas públicas de Pernambuco e Alagoas (GESTÃO BC/ENTREVISTA, 2012).

Pela nossa compreensão, um dos fatores para uma maior aproximação com o referido Ministério aconteceu pelo fato do programa ser, principalmente, um legado da Olimpíada de Londres e se propor a usar o esporte como uma ferramenta educacional, e por isso, inicialmente, poderia se entender apenas no seu âmbito esportivo. O apoio dos Ministérios é importante, pois através deles foi possível firmar os acordos de cooperação entre os países e as Secretarias de Educação de Pernambuco e Alagoas, necessários para a parceria com as escolas inglesas participantes do programa Link entre Escolas.

³⁴ A visita à Inglaterra aconteceu no período de 7 a 14 de julho de 2007 e as pessoas que participaram desse momento exerciam os seguintes cargos: Técnico em Assuntos Educacionais, Ministério da Educação; Assessor de Esportes Educacionais do Ministério do Esporte; Presidente, Instituto Esporte Educação; Gerente de Políticas Educacionais, Secretário de Educação de Pernambuco; Gerente de Gestão Escolar - Secretaria de Educação de Pernambuco; Gerente de Esportes Educacional, Secretaria de Esportes de Pernambuco; Gerente de Programa de Educação Física Escolar, Secretaria de Educação e Esportes de Alagoas; Coordenador de Educação, Secretaria de Educação e Esportes de Alagoas; Gerente Executivo de Esporte de Rendimento, Secretaria de Educação e Esportes de Alagoas; Diretora Recife, British Council (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Assim, após esse período de estudo inicial sobre a receptividade do PII em nossa realidade e o estabelecimento das parcerias institucionais, o mesmo foi implementado em nosso estado, a partir do ano de 2007, e a escolha foi devido ao fato do gerente do programa ficar sediado aqui em PE (GESTÃO BC/ENTREVISTA). Ressaltamos que o BC tem uma sede no estado, servindo como base para o processo de organização e sistematização do programa.

Posteriormente, com base nas falas dos sujeitos, as escolas passaram por um processo de seleção, através de um edital organizado pela Secretaria de Educação de PE (GESTÃO BC/ENTREVISTA, PROFESSOR A, B, C, E, F, G, I /ENTREVISTA). Elas deveriam se inscrever e elaborar um projeto relacionado ao esporte como uma ferramenta educacional, em seguida, seis (Escolas A, B, C, F, G e H) foram escolhidas de acordo com o perfil e o seu engajamento em outros projetos similares .

Como a nossa parceria era com as Secretarias de Educação e Esporte, ficava a critério deles escolher. Nós passamos o perfil do tutor, o perfil do jovem líder e explicamos a fundo como funcionava o projeto para que eles pudessem selecionar uma escola. O ideal seria que a gente tivesse uma escola que já está engajado em projetos como esse. Então aqui em Pernambuco eles abriram um edital e algumas escolas se candidataram e foram selecionadas seis escolas daqui, mas não só de Recife nós tivemos escolas da capital e interior (GESTÃO BC/ENTREVISTA, 2012).

Semelhante foi encontrado nos questionários exploratórios respondidos pelos professores participantes,

Tudo começou com a seleção de Projetos e conseqüentemente o Projeto da Escola foi selecionado pela Secretaria de Educação. Em seguida começamos a ter contatos com o conselho Britânico e fomos convidados a participar do treinamento pelo Programa Inspiração Internacional selecionando quatro Jovens de liderança na Escola para participar do treinamento (PROFESSOR A/ QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Através de um processo seletivo de projetos de educação física, enviados para Secretaria de educação do estado de Pernambuco (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Através do edital da Secretaria de Educação a Escola fez sua inscrição com o projeto preparado pelos profissionais de Educação Física da Escola. Após ser aprovado a escola tinha que indicar um tutor, seria aquele com liderança na escola e na comunidade. Foi aí que eu fui indicada, capacitada e comecei a recrutar e capacitar jovens líderes para realizar os festivais (PROFESSOR C/ QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Esse grupo inicial firmou parceria, durante os anos de 2008 a 2010. Entretanto, duas das escolas tiveram um contato inicial diferente das anteriores, pois, devido parceria com outros programas do BC, foram convidados a agregar no PII, após o período inicial de implementação, já nos anos de 2009 e 2010.

A escola em que eu trabalho já participava de um projeto de intercâmbio com a Inglaterra, quando foi convidada a participar de um treinamento do programa Sonhos & Times, que tinha como objetivo formar jovens líderes na escola (PROFESSOR D/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

A escola onde trabalho já é parceira do British Council desde 2005 com outros projetos. O empenho e sucesso destacaram a nossa escola e em 2009 fomos convidados para participar também Inspiração Internacional (PROFESSOR E/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Devemos salientar que essas duas escolas (D e E) tiveram contato apenas com a ferramenta Sonhos & Times e, apenas o grupo inicial manteve contato com as escolas da Inglaterra, através do Link entre Escolas.

Com relação ao perfil das escolas selecionadas identificamos, estarem em situação de risco, ou seja, com alto índice de violência, drogas e sem interação com outras escolas ou comunidades (GESTÃO BC/ENTREVISTA), descrições essas, próximas da nossa realidade escolar³⁵, agregadas a esse perfil, o PII, por sua vez, elencou algumas características pertinentes, no tocante à relação aos professores para a materialização do programa e a formação dos tutores.

Apresentar um elevado nível de entusiasmo pela parceria e a capacidade de ver o potencial para seu desenvolvimento na escola; Ser comprometidas com o projeto e disponibilizar tempo para gerenciar o processo de parceria, dialogando com outros instrutores e garantindo que o projeto seja inserido no currículo; Ser professor (a) ou alguém com experiência de ensino ou facilitação; Ter habilidade na comunicação com jovens; Ter sensibilidade cultural e interesse por outras culturas; Ter flexibilidade e capacidade de adaptação às situações desafiadoras; Ter interesse em construção de cidadania / liderança; Ter habilidade escrita e oral na língua inglesa ou trabalhar em conjunto com quem tenha; Ter interesse e disponibilidade para visitar o país parceiro (BRITISH COUNCIL, 2008c).

Detectamos que o PII estabelece um perfil do tutor, com características técnicas e pessoais a refletirem em ações desenvolvidas nas escolas, com a participação dos alunos nas atividades. Outro aspecto identificado é a falta da

³⁵ Do grupo inicial de seis escolas quatro eram localizadas na região metropolitana de Recife nos bairros de Casa Amarela, Camaragibe, Barro e Alto José do Pinho; as outras duas no interior do Estado situadas nos municípios de Tuparetama e Orobó. Na sequência mais uma foi agregada ao primeiro grupo e situada no bairro da Torre e outra, no segundo grupo, em Tacaimbó.

necessidade de ser formado em Educação Física, acarretando na inclusão de professores de outras disciplinas, como detectado no questionário exploratório do professor D, formado em História.

Também se faz presente entre os atributos estabelecidos, trabalhar com jovens e em equipe, além de poder destinar uma carga horária para sistematizar e materializar as ações propostas, ter interesse por conhecer outras culturas, sendo esse um aspecto inerente ao programa, visto a necessidade do trabalho intercultural com as escolas da Inglaterra.

Porém esse processo de seleção do grupo inicial foi questionado pelo Professor E, pois na visão do docente foi falho o procedimento de escolha e das pessoas envolvidas.

O primeiro grupo, dizem que foi a secretária, acho que foi o “que indique” da Secretaria, porque foi assim, mal começou, porque eu achei um absurdo, mal começou o projeto e eles foram treinados nem sei como foi essa logística não, é... Viagrou o tutor e o diretor da escola, foram para Londres e tal, aquela história... sem ter resultados, sem nada, sem saber se aquela escola ia caminhar, tá entendendo [...] eu acho assim, das seis escolas que começaram, da um tempo, tá caminhando? Tá, então beleza, então vamos firmar com essa, essa e essa, essa outra não tá caminhando não, então substitui por outra e tal, talvez a repercussão tivesse sido maior e tivesse sido melhorado, ESCOLA G... não aconteceu nada, não tem nada (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Conforme ressalta o docente, a seleção dos professores realizada pela Secretaria para participar do programa, não deixou clara a forma como ocorreu, nem os critérios; afirma, ainda, a interrupção por parte de uma escola participante, que poderia ter sido evitada caso a Gestão do programa usasse outro modo para escolha.

Neste sentido, detectamos, com base nos questionários e entrevistas, os locais onde houve uma continuidade ou não do programa nas escolas públicas do estado, os programas do PII implementados e, se ainda haveria a continuidade em 2012. Portanto, obtivemos o mapeamento do programa no estado, contribuindo para refletirmos sobre a materialização e as contribuições pedagógicas no ensino do esporte na escola.

Desta forma, elaboramos o quadro 3 contendo a relação das escolas, os programas utilizados e a previsão para o ano de 2012.

Quadro 3 Mapeamento dos programas e previsão das ações para 2012 do PII.

Nome da escola	Programas	Previsão das ações para 2012
Escola A	Sonhos & Times; Link entre Escolas	Com certeza irá continuar e já começou com um painel retrospectivo de todos os eventos de 2008 a 2011 através de fotografias de todos os festivais. Também foi feito outro painel sobre as Olimpíadas de Londres 2012 com gravuras de brasileiros classificados (PROFESSOR A).
Escola B	Sonhos & Times; Link entre Escolas	Recentemente deixei a escola e agora estou numa escola técnica, mas para onde vou levo comigo esse aprendizado e estou sempre me atualizando e inovando de acordo com tal filosofia, tornar jovens adolescentes mais independentes e motivados a construir um projeto de vida pra si e suas famílias (PROFESSOR B).
Escola C	Sonhos & Times; Link entre Escolas	Apesar de que no momento estou aposentado desde primeiro de Setembro de 2011, conclui todo 2011 do meu cronograma na escola e fora, inclusive participei até o final do ano dos jogos escolares de Pernambuco. Continuo realizando as tarefas do Sonho e Times da Escola C em 2012, com um cronograma de festivais e encontros (PROFESSOR C).
Escola D	Sonhos & Times	Estava muito difícil conciliar as atividades e projetos da minha disciplina (História/filosofia) com as atividades do Sonhos & Times como não tivemos até o momento um professor de educação física que abraçasse o projeto ficou muito difícil dar continuidade. Acabei me envolvendo com outros projetos como grupos teatrais, projetos pedagógicos e ficou difícil conciliar. Já conversei com ele (professor novo de Educação Física) sobre o projeto e ele achou muito interessante, mas no momento não temos nada planejado ainda (PROFESSOR D).
Escola E	Sonhos & Times	Sim. Diante da necessidade da Escola E nós (Jovens Líderes, Tutor, e Equipe Gestora) elaboramos uma atividade para todo o ano de 2012, Gincana Estudantil Escola E: O patrimônio público é nosso. O objetivo geral - conservar o bem comum. No decorrer do ano letivo e da gincana vários eventos estão programados para as turmas que alcançarem os objetivos: Três festivais, passeios, atividades esportivas e entregas de prêmios (PROFESSOR E).
Escola F	Sonhos & Times; Link entre Escolas.	No momento desenvolvo um trabalho de atividades, voltadas para o treinamento do futebol e futsal, utilizando os festivais, as atividades e os materiais doados pela escola parceiras, no turno da noite, com os estudantes que estão desde o início do programa, na sua maioria (PROFESSOR F).
Escola G	Sonhos & Times; Link entre Escolas.	O programa finalizou, visto que a parceria firmada com o BC era para o período de 2008 a 2010. Não existe planejamento para continuidade do PII na escola.
Escola H	Não respondeu o questionário exploratório e a entrevista	

Nesse cenário, observamos que as Escolas A, C, E e F ainda continuaram com as ações do PII em 2012, porém com atividades diferenciadas. Já na escola D está parado devido à falta de um professor de Educação Física para dividir as obrigações com o Tutor, por conta da falta de carga horária para sistematizar as ações. Na escola B, com a saída do docente, as atividades “deram uma desacelerada e por um tempo pararam” (PROFESSOR B/ENTREVISTA), no entanto, mesmo tendo saído da escola, ainda realiza ações com os jovens líderes, contudo, de forma limitada.

Deixei a escola já faz três anos, mas todo ano realizo atividades com os jovens de lá inclusive faço os interclasses entre as duas escolas a do programa e a que ensino pelo município, e tudo acontece no espaço da escola B (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

O funcionamento de forma limitada acarretou, em alguns momentos, na paralisação do programa, ratificando a necessidade da formação de outros tutores, em cada escola, para a continuidade das ações. Diferentemente da Escola G, pois esta finalizou as atividades por acreditar na parceria firmada, vigente apenas para os anos de 2008 e 2010, terminando o ciclo. Porém, nos documentos e nas falas detectamos, nesse período, haver como meta inicial, a materialização do programa, com o apoio do BC e da Secretaria de Educação.

Na sequência, as escolas deveriam dar continuidade, com auxílio do estado, após a saída dos ingleses da gestão, indo de encontro com a fala do Professor G e, em desacordo com os objetivos estabelecidos para a continuidade das ações.

Assim, para o Professor E, a forma de seleção das escolas deveria ser repensada para uma melhor organização e sistematização, visando o seguimento das metas estabelecidas. Ainda segundo o docente, houve um planejamento errôneo na sequência do PII em nosso estado, referentes à seleção e qualificação dos professores para implementação do Sonhos & Times.

Inclusive teve uma menina que fez com a gente lá (treinamento) no mesmo ano, que ela não teve condição de fazer, mas porque ela não teve, ela gostou e queria participar, porque no ano seguinte, o treinamento foi em novembro, mas no ano seguinte a escola já passou a ser integral e ela não tinha tempo mesmo e voltamos àquela história que não tinha nenhuma carga horária direcionada para esse projeto, nenhuma carga horária disponibilizada (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Isso aconteceu, pois em cada escola, apenas um professor era treinado, sendo este, o único responsável legal pelo programa, recebendo, para tanto, a nomenclatura de tutor após o curso ministrado pelo pessoal do PII, porque conforme estabelecido pelas normas do BC, apenas os educadores que realizassem a formação inicial poderiam formar novos jovens líderes.

Porque se eu sair daqui hoje, eu vou ter dizer agora de coração, se eu sair daqui hoje, professor X ficando no meu lugar ele faz tudinho sem problema. Agora por lei do BC ele não pode treinar jovem líder, porque ele não é tutor (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Com a saída do tutor da instituição poderia não existir uma continuidade do PII, visto a obrigatoriedade da titulação para ministrar a formação de novos jovens líderes. Então, através disso, constatamos a necessidade de formar, nos treinamentos, um número maior de professores por escola, visualizando o prosseguimento do programa, segundo previsto nos documentos analisados. Estabelecendo, desta forma, a “criação de sistemas esportivos fortes, sustentáveis e efetivos nos quais crianças e jovens, em sua maioria, possam se desenvolver participando e se destacando no esporte” (BRITISH COUNCIL, 2007b), na qual fica pertinente esse aumento a fim de evitar a interrupção das ações, como no caso com outros professores (B e D).

Dessa forma, compreendemos o problema enfrentado pela direção das escolas frente à falta de apoio da Gestão, no tocante à realocação desses docentes, bem como a destinação da carga horária específica para o PII. Em detrimento disso, os tutores se utilizavam de seus horários livres ou finais de semana para a sistematização das ações, cursos de formação e a realização dos festivais (PROFESSOR A, B, C, D, E, F e G/ENTREVISTA), causando a descontinuidade das atividades após o período de parceria estabelecido pelo BC em algumas escolas, fragilizando e limitando as ações desenvolvidas nas escolas.

O quadro 3 demonstra ainda, a ênfase na parceria dos programas Sonhos & Times e o Link entre escolas com seis instituições públicas inglesas. Outro ponto detectado é que a ferramenta TOP's não foi implementada em nenhuma das escolas estaduais participantes, entretanto, foi utilizada no Município de Pesqueira, nas aulas de Educação Física, juntamente com a metodologia do Sonhos & Times e o Link entre escolas. Esse último, deu-se em nível local.

Parceria entre escolas (inglesas) a gente nunca teve, até porque Pesqueira no Brasil é a única cidade que trabalhou o Sonhos & Times enquanto município. Em 2009 e 2010 a gente trabalhou o Tóps, no início de 2011 a gente fez a primeira formação do Sonhos & Times, a gente trouxe um professor de lá (Pesqueira) para ser tutor e três jovens (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Diferentemente das escolas públicas do primeiro grupo, Pesqueira utilizou o PII em nível municipal, ampliando as ações desenvolvidas ao aplicar o TÓPS para as aulas de Educação Física em sua rede de ensino, visto que segundo o Professor I existia a carência de um currículo para a disciplina e, havia uma ênfase do futebol e do queimado nas práticas vivenciadas (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Outro aspecto destacado seria o fato de não necessitarem de uma escola fixa para a realização dos festivais, pois eram organizados em nível municipal, abrangendo um número maior de participantes e localidades. Segundo o professor, a escolha do local para as intervenções era feita pela própria prefeitura, existindo o envolvimento de outras Secretarias como a de Saúde e Cultura nas ações.

Já com relação ao grupo inicial de seis escolas (A, B, C, F, G e H) verificamos os treinamentos dos professores brasileiros³⁶ sob a metodologia Sonhos & Times. Identificamos que esta formação consiste em um curso específico, subsidiado por manuais fornecidos pelo BC para o docente, visando à instrução do tutor para a organização das ações e para a formação do jovem líder. Esses, por sua vez, considerados os elementos centrais do PII, com a duração de até duas semanas; na primeira, os educadores são qualificados com atividades diárias, na segunda semana, eles realizam a formação dos Jovens Líderes, acompanhados por uma equipe de Tutores *Másteres*³⁷.

Ao identificar o perfil de formação profissional dos tutores entrevistados, detectamos: sete, dos oito docentes são formados em Educação Física, o outro é graduado em História e todos estão atuando no programa desde o início da implementação, em suas respectivas escolas. Com relação ao ano de formação, observamos que três se formaram na década de 80, na Universidade de Pernambuco (UPE), um deles, em 1992, na Universidade Federal de Pernambuco

³⁶ Segundo a Gestão BC, os docentes ingleses já tinham realizado esse curso anteriormente, pois utilizavam as metodologias na Inglaterra antes do PII (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

³⁷ Nomenclatura usada para identificar os professores responsáveis pela formação dos Tutores. Nas primeiras formações o Tutor Máster vinha da Inglaterra. Atualmente no Brasil existem quatro docentes qualificados, sendo um no Estado de Pernambuco.

(UFPE) e os outros quatro, após o ano de 2002, sendo três deles em universidades particulares e um na UPE.

Os questionários e as entrevistas mostraram ainda que, entre os oito professores, todos possuem especialização ou estavam em processo de conclusão em 2012, porém, dos docentes com formação em Educação Física, apenas em um deles a especialização é voltada para a realidade escolar³⁸ e, somente um, possui mestrado em Ciência da Motricidade Humana na Universidade Castelo Branco (UCB).

Ao traçarmos esse perfil dos tutores, presenciamos experiências das mais diversas áreas (treinamento, reabilitação cardíaca ou com portadores de necessidades especiais), alguns com formações acadêmicas em épocas distintas, onde, na década de 80, a concepção era a do técnico-esportivo-professor, enfatizando as chamadas disciplinas "práticas"³⁹ (BETTI; BETTI, 1996) e, principalmente, da área esportiva. Os autores destacam também, o início deste modelo no final da década de 60, consolidando-se em 70, acompanhando a expansão dos cursos superiores em educação física no Brasil e a "esportivização" da educação física, prevalecendo o interesse técnico, com enfoque curricular empírico-analítico. De acordo com Melo (2007a), nesse tipo de formação, encontramos a presença marcante do esporte e sua supervalorização, influência essa que, ainda hoje, ecoa nos currículos de formação em Educação Física.

Em contrapartida, na década de 80, com a reconhecida crise da Educação Física, os profissionais da época, a partir das abordagens crítico-dialéticas superaram o senso comum e criticaram as práticas curriculares aplicadas, modificando a estrutura curricular do curso de formação profissional em Educação Física com ponto de vista para o comprometimento social do graduado (MELO, 2007a). Estaria, dessa forma, diante de uma reflexão crítica, permitindo a existência de profissionais competentes (sociais) e não comprometidos com o poder dominante (cooperativismo).

³⁸ Os cursos de especialização encontrados nos questionários foram: Educação Física adaptada a portadores de doenças degenerativas e idosos; Fisiologia do Exercício e Prescrição de Exercício; Atividade física e suas bases nutricionais; Educação Física Especial; Gestão em esporte escolar. O professor de história tem especialização em: História Contemporânea.

³⁹ Nesse sentido o conceito de prática está baseado na execução e demonstração, por parte do graduando, de habilidades técnicas e capacidades físicas. Existindo a separação entre teoria e prática, em que a primeira é o conteúdo apresentado na sala de aula (qualquer que seja ele) e a segunda é a atividade na piscina, quadra, pista, etc. (BETTI; BETTI, 1996).

Assim, dentro do grupo de tutores entrevistados, constatamos diferentes concepções de formação, desencadeando talvez, visões divergentes, tanto sobre o esporte dentro da escola, como conflitos teórico-metodológicos diante da proposta do PII.

Consideramos que os cursos de formação contribuem para aproximar os tutores, dos ideais do PII e, através da Educação Intercultural, permitem essa assimilação e apropriação por parte dos participantes, expondo seus objetivos e sua proposta, para o uso do esporte como uma ferramenta. E, o avanço é constatado, pois agregam pessoas com formações heterogêneas, ampliando as ações dentro da escola, ou seja, não se limitando à área da educação física.

É válido enfatizarmos que o primeiro grupo realizou a formação no início do ano de 2008, em Recife, e contou com a participação em conjunto, das escolas de Alagoas. Durante o período do curso, os docentes e diretores das escolas inglesas realizaram visitas às escolas de PE, para conhecerem a realidade e trocarem informações.

Porque ao mesmo tempo em que o Tutor estava no treinamento em Recife, eles (ingleses) estavam vindo aqui. Recebi os professores da escola parceira lá da Inglaterra e fiquei com eles aqui dois dias direto. Tendo eles conhecido a escola, trazendo informações e tudo, como era a escola lá também e toda a organização para começar o projeto aqui na escola (PROFESSORA A/ENTREVISTA).

Continuamente após o curso, os diretores e professores brasileiros foram para a Inglaterra, permitindo aos novos Tutores “ter uma abrangência maior sobre o conhecimento desse programa quando a gente chegou a ir para a Inglaterra” (PROFESSOR B/ENTREVISTA). Esse momento possibilitou ao grupo envolvido, conhecer as diferentes realidades, a organização educacional, um pouco da cultura local, planejando assim, as ações coerentes com as possibilidades estruturais e espaços disponíveis em sua localidade.

Além disso, durante o curso de formação de tutores, os professores vivenciaram dinâmicas de grupos e atividades cujo objetivo era provocar uma reflexão sobre como aflorar o potencial dos seus alunos, desencadeando uma relação professor/aluno e aluno/professor.

Uma forma de como você poder fazer para extrair o conhecimento do aluno, sem que você dê tantas informações. Então não é aquela coisa, não é uma aprendizagem voltada para o professor, é uma aprendizagem voltada para o

aluno. Então é uma forma de como você poder fazer para extrair isso do aluno e não a gente colocar isso ao aluno (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Compreendemos a necessidade dessa concepção, devido ao fato do PII procurar explorar as habilidades dos alunos, nas mais diversas áreas, acarretando na visão do estudante, não apenas como participante, mas também como autor da ação. Possibilitando uma relação de autonomia para os jovens líderes planejarem e executarem as ações, através da liderança juvenil, permitindo modificar a realidade dos envolvidos, com base na metodologia do programa Sonhos & Times.

Em contrapartida, o curso do TOPS é realizado em três dias, utilizando um manual fornecido pelo BC. Esse programa é voltado também para as aulas de educação física e foi elaborado pela *Youth Sport Trust*.

O tops ele é um programa que trabalha com um conteúdo da educação física, então ele é bem diferente do Sonhos & Times. O Sonhos & Times trabalha com o jovem líder, ele vai ser formado pra organizar os festivais esportivos e culturais dentro do conteúdo da atividade física. O TOPS a gente trabalha com professores de Educação Física, é como uma metodologia a mais para que melhore a Educação Física dentro da escola (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

O tops é uma metodologia que estimula os alunos de uma forma inclusiva, na verdade a metodologia tops é formada por cartões com atividades físicas, brincadeiras e exercícios físicos, não na forma baseada no esporte por si só, mas em brincadeiras. O objetivo na verdade é incluir através das brincadeiras e fomentar o exercício físico (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Porém com base nos documentos e entrevistas analisados, o Tops pode ser utilizado para a formação de professores, técnicos e outros líderes comunitários, e as atividades podem ser realizadas dentro e fora do contexto escolar. Reafirmado pela Gestão BC ao falar que o Tops “é uma metodologia que não tem necessariamente que ser empregada por professores de Educação Física”, contrariando a afirmação do professor responsável por ministrar esse curso.

O programa, conforme detectamos, procura oportunizar a prática esportiva, através de um grupo de cartões divididos em: tops, tops play e o tops de iniciação esportiva (ANEXO D), mais caracterizado com os esportes da Inglaterra (Badminton, Críquete, Squash, Beisebol, Rounders⁴⁰ e Softball), modalidades essas, pouco

⁴⁰ O jogo teve origem na Inglaterra e conta com a participação de duas equipes de ambos os sexos. Objetivo do jogo envolve bater uma pequena bola de couro com um bastão que pode ser de madeira, de plástico ou metal. Os jogadores marcam, correndo ao redor das quatro bases em Campo.

praticadas no Brasil. Entretanto ocorre a adaptação para a nossa realidade (PROFESSOR I/ENTREVISTA). Essas modificações são feitas a partir do que eles denominam “STEP” - espaço, tarefa, equipamento e pessoas.

Consideramos essa estratégia pertinente, pois possibilita a reconfiguração das atividades presentes nos cartões, cuja exigência prevê materiais dificilmente encontrados em nossa região, como bolas especiais, bem como uma forma de se adequar à cultura esportiva dos diferentes países e, assim permitir aos tutores a materialização das ações, em situações das mais diversas com base no STEP.

Conforme identificamos, os cartões Tops contêm um “passo a passo”⁴¹ para a aquisição das habilidades básicas, adequando-se à idade dos alunos e procuram trazer diversas possibilidades para se trabalhar, principalmente, com a inclusão (PROFESSOR I/ENTREVISTA). Ao analisarmos os documentos, percebemos a relação desses cartões com um currículo pré-determinado e prescrito para os professores seguirem, não podendo alterar a sequência. Ao questionarmos o Professor I, responsável pelo curso de formação, sobre qual é a concepção de Educação Física nesses cartões, percebemos alguns fundamentos.

A visão de educação física eu acho que vai ta justificada nos níveis dos cartões que a gente escolheu pra cada série, então a atividade inicial que os cartões proporcionam é aquela atividade de despertar o aluno para a prática da atividade física. Inicialmente eu acho que esse é o primeiro grupo, porque trás atividades muito elementares. Então a gente fez uma associação com crescimento e desenvolvimento humano, trazer o desenvolvimento da criança em relação aos movimentos rudimentares, aos movimentos que eles apresentam naquela faixa etária (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Compreendemos que os cartões são organizados para a aquisição de habilidades motoras necessárias para a iniciação esportiva e, concomitantemente, fomentar a prática de atividades físicas por parte das crianças. Por sua vez, não identificamos nos cartões menção à relação crescimento e desenvolvimento humano. Observamos que essa afinidade surge a partir do fato do professor possuir mestrado nessa área.

Ao analisarmos os cartões do TOPS PLAY, vemos a iniciação esportiva e a aquisição das habilidades básicas presentes em todos.

Foi escrito usando as áreas centrais de movimentação dos jogos, lançamento e recepção. Ele começa com uma introdução muito básica ao

⁴¹ Expressão usada pelo Professor I para a organização dos cartões.

movimento e atividades para se acostumar a segurar e carregar uma bola. Depois, usa uma abordagem de habilidades, oferecendo aos professores atividades individuais e em dupla para desenvolver as principais habilidades de lançamento: rolamento; arremesso; golpe; chute (BRITISH COUNCIL, 2002a).

Nesse cenário, os cartões apresentam uma série de atividades com sugestões de variação referente ao ensino das habilidades necessárias (rolamento, arremesso, golpe e chute) para aquele grupo específico de modalidades.

Com relação a essa organização, para a iniciação esportiva e a aquisição de habilidades básicas, os cartões TOPS Jogos de Rede e Parede (BRITISH COUNCIL, 2002b) procuram proporcionar às crianças, uma introdução às habilidades requeridas para os jogos de badminton, squash, tênis de mesa e voleibol, em que o material trabalha sequências de atividades e demandam ações, tais como: pegar e agarrar as bolas – habilidades de jogar e defender; arremesso ao alvo – precisão no arremesso; corrida rápida e pegada segura – correr com um bastão e pegada sob pressão.

Nessas atividades presentes nos cartões, as crianças não jogam propriamente as modalidades, mas sim jogos lúdicos com os materiais oficiais, buscando, primeiramente, o desenvolvimento das habilidades básicas das modalidades esportivas, culturalmente, praticadas na Inglaterra, para depois praticar o “jogo” propriamente dito. Ressaltamos também que nos cartões analisados, não constatamos a prática das modalidades oficiais.

Aproveitamos para destacar nos cartões (BRITISH COUNCIL, 2000a, 2000b, 2000c) a relação para com as diretrizes do Currículo Nacional do Reino Unido do ano 2000, numa imbricação direta entre o Tops e o documento norteador do país para as aulas de Educação Física. Nesse sentido, os cartões se fundamentam sob quatro aspectos presentes nas atividades, são eles: Adquirindo e desenvolvendo habilidades; Selecionando e aplicando habilidades e táticas; Avaliando e melhorando o desempenho; Conhecimento e compreensão sobre boa forma e saúde (BRITISH COUNCIL, 2002a, 2002b, 2002c).

Assim, para cada um desses elementos, existem variações, onde professor deve, através das vivências e diálogos com as crianças, procurar aumentar a complexidade das atividades, desafiando-as a realizarem modificações nas ações propostas, segundo exemplificadas: aumentar o tamanho das barras; especificar o local onde a bola deve ser lançada, monitorarem a frequência cardíaca durante o

aquecimento e explicar porque ela aumenta gradualmente. Observamos que esses quatro aspectos estão presentes em todas as dinâmicas dos cartões, pois consta a demonstração das diversas formas de intervenções, variando de acordo com a modalidade selecionada pelo docente e, funcionando como um manual de atividades a ser seguido.

O Professor I também considera o fato de existir o diálogo durante as práticas e aproxima o TOPS da abordagem crítico-superadora.

Eu acredito que se assemelha muito a crítico-superadora. Ela tem a construção coletiva, tem a reflexão, aqui atrás ela traz toda uma orientação da parte da explicação da atividade de como ela acontece (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Todavia consideramos que mesmo existindo o diálogo durante as atividades, não permite uma semelhança entre as duas propostas, pois a crítico-superadora procura discutir a cultura corporal.

Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Além disso, nessa abordagem "o conhecimento é tratado de forma a ser retraçado desde sua origem...", mostrando que "a produção humana é histórica, inesgotável e provisória" (COLETIVO DE AUTORES, 2012), não sendo encontrado nos cartões reflexões desse tipo, mas situações remetendo às práticas vivenciadas na hora, não existindo nenhuma relação com a sua construção histórica e social, e que restringisse à aquisição de habilidades. Portanto, ao tentar aproximar o TOPS e a abordagem crítico-superadora apenas pelo fato da existência do diálogo ou a construção das atividades, estaríamos olhando apenas pela questão metodológica.

Mesmo sem identificarmos essa aproximação do TOPS com a crítico-superadora, observamos que o professor, ao analisar criticamente o material apresentado, possa fazer a utilização dos cartões em suas aulas. E, desse modo, contribuir pedagogicamente para o ensino do esporte, procurando adaptar as atividades propostas e usá-las de acordo com o seu planejamento, permitindo ao docente ir além das modalidades tradicionais, pois possuem vivências lúdicas contribuindo para a iniciação esportiva e socialização. No entanto, com relação aos

cartões analisados percebemos que, inicialmente, procura-se a aquisição de habilidades básicas, para só depois, jogar a modalidade.

Isto pode desencadear a visão da falta de competência das crianças para jogar dentro dos padrões oficiais. Porém ao ocorrer a pedagogização do esporte (BRACHT, 2000, 2011; ASSIS DE OLIVEIRA, 2001) e a adaptação das suas normatizações para a realidade encontrada, permita às crianças praticarem o fenômeno e compreenderem os aspectos técnicos, táticos e as regras, vivenciando situações de elementos constituintes do jogo, tais como: a arbitragem, o técnico ou a torcida.

Ainda, segundo o Professor I, os cartões também procuram a inclusão de pessoas com necessidades especiais nas atividades, quando presentes nas turmas; eles denominam de “pensar inc” (BRITISH COUNCIL, 2002a; 2002b; 2002c). Todas as ações nos documentos contêm possibilidades para agregar esse público específico com a troca de bolas, implementos ou do espaço usado. Porém consideramos que o fato de existir a adaptação, não significa a real inclusão dessa pessoa, necessitando uma intencionalidade do professor para debater e problematizar as ações com os outros participantes.

Além disso, mesmo na ausência de uma pessoa com necessidades especiais, o docente deve possibilitar a vivência de modalidades paraolímpicas, favorecendo uma reflexão sobre a organização, modificações das regras, espaços e matérias usados para essa especificidade, objetivando discussões sobre os aspectos socioeducativos para os praticantes.

Por outro lado, encontramos informações imprecisas sobre o uso desses cartões nas seis escolas iniciais do PII em nosso estado.

Nenhum dos professores do primeiro grupo recebeu o treinamento do TOPS (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

A gente fez o Tops, promovido exatamente pelo conselho britânico através do programa Sonhos & Times, que é justamente para a formação de tutores (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Em cada uma das doze escolas, eu acho que nós escolhemos um tutor e um coordenador, eu realmente não sei te dizer se todos receberam o treinamento tops, mas eu acredito que a maioria dos tutores recebeu (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Nas entrevistas, apenas o professor B afirmou ter realizado o curso com base no TOPS; os outros participaram apenas pertinente ao de Tutor do programa

Sonhos & Times (PROFESSOR C, E, F e G⁴²/ENTREVISTA). Assim, compreendemos como interessante, a realização da formação de outros docentes para a utilização do TOPS em nossas escolas, como um material de apoio e não um manual a ser seguido (SOUZA JR, 2007). E o professor deve usá-lo de forma crítica, subsidiado pela Educação Intercultural presente no PII para uma ressignificação das práticas presentes nos cartões e, aproximação com a abordagem crítico-superadora adotada pelo estado de PE, visando uma relação para promover modificações no “chão de escola”.

Ao retornarmos as formações fornecidas pelo BC para o Sonhos & Times, identificamos os seguintes aspectos: no primeiro momento, cada escola enviava o diretor ou uma pessoa para atuar como coordenador na instituição, um professor e três alunos, a partir dos critérios estabelecidos. Sequencialmente, esse mesmo grupo retornava para a sua localidade e criava o clube Sonhos & Times com a metodologia elaborada pelo *Youth Sport Trust*, desenvolvendo assim, atividades, gincanas esportivas, festivais esportivos e trabalhos com as comunidades circunvizinhas (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

A formação inicial contava com a participação de discentes, permitindo aos professores serem avaliados enquanto formadores (GESTÃO BC/ENTREVISTA, PROFESSOR B, C, E e F/ENTREVISTA) e ao retornarem às suas localidades já com os jovens líderes, realizavam outras qualificações, podendo contar com 25 alunos por turma e, assim, materializavam o PII nas escolas públicas participantes. O tutor também poderia realizar a formação, caso houvesse a necessidade, uma vez que os alunos podem sair das escolas ou terminarem os estudos.

Detectamos a realização de todos os cursos, seguindo orientações detalhadas fornecidas pelo British Council, ou seja, não podendo o professor/tutor alterar a sequência das atividades propostas. Segundo os documentos analisados, o manual para a formação dos jovens líderes consiste em um curso de cinco dias para estudantes, da faixa etária de 14-19 anos, entretanto, “pode ser ministrado como curso contínuo ou como uma série de unidades de aprendizagem durante um tempo definido” (BRITISH COUNCIL, 2007a). São considerados programas centrais na formação: o curso inicial de Jovem Líder e o montando seu clube de Sonhos & Times.

⁴² Segundo as entrevistas, os Professores A e G não realizaram o curso de formação de Tutores.

Identificamos que essa variação temporal foi relatada pelos Jovens Líderes, onde, dois realizaram o curso em sete dias (JOVEM LÍDER A e C/ENTREVISTA) e, o segundo em apenas dois dias (JOVEM LÍDER B/ENTREVISTA), existindo uma diferença de cinco dias entre as duas situações, visto a demanda de ações propostas pelo manual de formação (BRITISH COUNCIL, 2007a).

Isso pode desencadear limitações referentes aos conhecimentos sobre o PII e as ações desenvolvidas. Compreendemos como um dos fatores para essa mudança temporal, relatada pelos Jovens Líderes, a falta de carga horária para os professores realizarem as intervenções com os alunos, de forma coerente com o manual.

Com base no manual de formação (BRITISH COUNCIL, 2007a), o primeiro momento, denominado de curso inicial de Jovem Líder tem como habilidades e conhecimentos chaves a serem abordados: o trabalho em equipe e liderança; liderança esportiva; incluir crianças com necessidades especiais; proteger a saúde e a segurança das crianças; organização de eventos; avaliação e revisão; introdução ao conceito de clube Sonhos & Times; estabelecer ligação com uma escola parceira.

Agregando conhecimentos referentes a aspectos como: descrever o significado do programa Sonhos & Times para eles, suas escolas, comunidades e país; explicar o impacto de diferentes culturas sociais; identificar implicações interculturais para Sonhos & Times; descrever as habilidades e as qualidades de um líder efetivo nos esportes e nas artes; demonstrar diversas habilidades de liderança esportiva.

Além disso, nesta etapa de qualificação, o Jovem Líder precisa planejar um festival esportivo para incluir algumas atividades artísticas; criar políticas e práticas para resguardar crianças pequenas de qualquer perigo; avaliar suas próprias habilidades e as dos outros; selecionar equipes e papéis baseados em uma avaliação de habilidades, conhecimentos e experiência; avaliar e revisar a organização de um evento esportivo e artístico e o desempenho dos alunos como indivíduos e como uma equipe; explicar como eles podem se conectar com sua escola parceira; explicar o propósito de um clube Sonhos & Times; elaborar um plano de ação para a criação de um clube Sonhos & Times.

Observamos nessa fase de formação, aspectos diretamente relacionados à organização e à sistematização dos festivais esportivos de relativa autonomia do Jovem Líder, bem como a sua função na escola.

A gente aprendeu como se comunicar com as crianças, brincar, ter segurança na hora do festival, nas brincadeiras. Veio o pessoal de pesqueira, veio um professor de São Paulo, passar pra gente a experiência dele (JOVEM LÍDER A/ENTREVISTA).

A gente teve um pouco de debate sobre o que era o jovem líder, o que era o dreams, para o que servia (JOVEM LÍDER B/ENTREVISTA).

O curso sempre procurou o trabalho em grupo, a gente sempre trabalha em grupo ou em duplas porque a gente tem o lema de nunca trabalhar só no programa. Então o curso fazia com que a gente sempre precisasse de outras pessoas (JOVEM LÍDER C/ENTREVISTA).

Com o fomento de possibilidades de atuação em grupo, desde a liderança esportiva à criação do clube Sonhos & Times, agrega aspectos para garantir a segurança e a participação de todos, conforme relatado pelo Jovem Líder C. Também, baseia-se nos aspectos culturais, permeando o programa com a participação, em alguns momentos, de pessoas de outras localidades.

Observamos ainda, atividades que procuravam fazer os jovens refletirem sobre o seu potencial, sendo esse, um dos aspectos reconhecidos pelos professores, como fundamental do PII (PROFESSOR B, C, F, I/ENTREVISTA), utilizarão essas habilidades para melhorar a escola e a comunidade, através das ações planejadas com os tutores.

Ainda segundo os Jovens Líderes (A, B, C/ENTREVISTA), o curso de formação procura problematizar situações para as ações desenvolvidas sempre agregarem a todos os participantes, permitindo, dessa forma, situações envolvendo a participação de crianças com deficiências ou com limitações, minimizando a exclusão dos alunos, posição essa, reforçada pelos professores e pela gestão do BC em entrevista. E que também surgem nos Cartões Tops. Constatamos, nessa primeira etapa de formação, a contribuição para o aluno de se instrumentalizar para a organização dos festivais, de acordo com sua realidade.

Já o segundo programa central denominado de “montando seu clube de Sonhos & Times”, tem como habilidades e conhecimentos chaves: a estrutura de um clube, políticas e procedimentos do clube, proteger a saúde e a segurança de crianças e jovens, o clube Sonhos & Times como parte de um programa mundial, planejar o desenvolvimento.

Apresentando os conhecimentos referentes como: listar as funções, as responsabilidades, as políticas e os procedimentos necessários ao clube Sonhos &

Times; realizar uma reunião de comitê para alcançar um resultado específico; definir estratégias para proteger a saúde e a segurança de crianças e jovens; explicar o que significa para eles a expressão 'cidadão mundial'; desenvolver um plano de ação para o clube; identificar seus aprendizados pessoais e ações para o aperfeiçoamento. Dentro desta perspectiva o Jovem Líder afirma:

A mesma forma que a gente discutia lá era aqui, tudo em conjunto, tudo que a gente tinha de ideia era repassado pra o grupo inteiro, pra todo mundo ter a mesma ideia, discutir na hora e fazer (JOVEM LÍDER A/ENTREVISTA).

Reconhecemos neste segundo programa que ao elaborar um clube, os jovens líderes são incitados a pensar sobre aspectos referentes ao trabalho em equipe, delegando responsabilidades e a preparação de políticas para envolver seus clubes. Analisamos, ainda, uma congruência entre os programas, ao estimularem o aluno como protagonista para “estar constantemente reavaliando suas suposições, convicções e conduta sobre liderança desportiva e consciência intercultural” (BRITISH COUNCIL, 2007a), possibilitando uma reflexão sobre suas atitudes frente às ações e às alternativas visando promover a participação de outros alunos em seu Clube.

Com relação ao manual de formação (BRITISH COUNCIL, 2007a), o Jovem Líder, após terminar os programas iniciais, pode realizar outros na sequência buscando: aperfeiçoar as habilidades de liderança; incluir jovens com necessidades especiais; gerenciar os voluntários do seu clube Sonhos & Times; explorar e desenvolver as artes através do programa Sonhos & Times; introduzir às práticas de tutor e ao monitoramento; promover e divulgar seu clube Sonhos & Times; corroborando assim, para uma visão de instrumentalização dos jovens e na organização e materialização do PII, estimulando à autonomia, a aquisição de habilidades e competências objetivando extrapolar a dinâmica da sala de aula, fomentando ações para promover a participação e o envolvimento de toda a comunidade escolar.

Por outro lado, identificamos a grande sobrecarga do curso de formação dos jovens líderes nos discentes em um curto período, relacionados aos conteúdos abordados, indo desde: segurança do ambiente, como lidar com as pessoas envolvidas e avaliação das atividades; e nos questionando sobre até onde esse momento prepara os envolvidos para as situações encontradas na escola, visto a

heterogeneidade dos alunos e as ações desenvolvidas, causando lacunas na formação dos jovens líderes e fragilizando o processo.

Todavia, segundo a Gestão do PII, nos cursos de formação, eles procuram “plantar uma semente” no aluno, para este exercer a função de jovem líder, aperfeiçoando-se ao longo do processo. Outro aspecto visualizado por nós, nas falas, é a participação constante do professor/tutor na supervisão das atividades, ajudando sempre que necessário, através, não de uma relação imposição, mas de professor/aluno e aluno/professor e com base no diálogo.

Além disso, detectamos que ao término de cada curso disponibilizado pelo BC era realizado um Festival Esportivo, nos moldes propostos pelo PII com todos envolvidos, a fim dos novos jovens líderes experimentarem as dificuldades organizacionais, estruturais e educacionais envolvidas nesse processo e aplicarem os conhecimentos discutidos durante o procedimento de formação, finalizando com uma avaliação dos pontos positivos e negativos do evento.

Segundo relato dos professores, não existia um padrão fixo para a organização dos Festivais, referente às atividades que deveriam ser contempladas; exigia-se apenas, a realização de pelo menos três ao ano, sendo obrigatória a vivência de alguma atividade esportiva e eram acrescentadas atividades relativas a brincadeiras populares, dança, pintura e artes, bem como de outras disciplinas.

Os Jovens Líderes eram encarregados pela organização e pela delegação de tarefas, podendo exercer as seguintes funções: gerente geral (o aluno era escolhido pelo grupo e modificado a cada festival), na recepção dos convidados, grupo da mídia e divulgação dos eventos, na arrecadação de patrocínio com a comunidade e, por fim alguns jovens ficavam responsáveis no acompanhar dos alunos durante as diferentes vivências.

Já os tutores, prioritariamente, ficavam apenas na supervisão, auxiliando sempre na sistematização das ações, de forma coletiva, e apoiando quando necessário (PROFESSOR, A, B, C, F, G/ENTREVISTA). Entretanto eles também poderiam participar das intervenções como convidados. As atividades aconteciam em forma de rodízio, numa rígida organização, referente ao tempo de cada atividade, e o aluno era obrigado a passar por todas, com duração de vinte minutos por estação.

Esses festivais, conforme relatos dos docentes, sempre procuravam uma reflexão para com os participantes; estes, por sua vez, podiam ser os pais, os

professores, os alunos e os convidados, através das atividades realizadas pelos jovens líderes com debates sobre diferentes temas relacionados com a finalidade de cada festival, procurando aproximar as diferenças culturais.

Com relação à seleção dos alunos para realização do referido curso de formação, os tutores, ao retornarem à sua realidade, determinavam os critérios, que variavam entre as escolas, não existindo nenhuma intervenção do BC neste sentido.

Primeira coisa que eu acho fundamental é a questão do comportamento, principalmente em sala de aula, então vai desde o comportamento, se é um aluno organizado, questão de notas também, eu faço o levantamento de notas das outras disciplinas (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Ter habilidade em alguma coisa, artes, pintura, em esportes, muitos que gostavam do esporte como atleta passaram a ter outras habilidades como árbitros, organizadores dos festivais desportivos, outro critério que a gente adotava era o compromisso: com ele mesmo; com a nota; com a participação em sala de aula; frequência na escola. Como também a capacidade de comunicação e outros critérios. Porém muitos desses alunos demonstravam indisciplina, mas a gente não adotou a indisciplina como um critério para ser um jovem líder (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Agora nós temos o seguinte, nós colocamos alguns cartazes sugerindo quem gostaria de ser um jovem líder e na hora que ele se inscrever a gente tem uma conversa, eu e ele e não todo mundo junto e depois eu peço para que eles escrevam no papel como se fosse uma entrevista: por que você quer um jovem líder? Que tipo de liderança você tem? A onde é que você usa essa liderança e de que forma ele pode usar essa liderança dele? É aí onde a gente vai ver se a liderança dele é para o caminho bom ou uma liderança de imposição (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Eu gosto é daquele menino simpático que é você olha pra ele e ele vem rindo abraçando você, esse menino na sala, que tantos professores às vezes fazem “eu não aguento esse menino”, aí eu digo “é o que eu adoro”. É o menino que às vezes ele é muito sofrido, ele não tem espaço em casa, ele não tem com quem conversar, porque pra gente de educação física é sempre um pouquinho de psicólogo. Então eu acho que aquele menino dinâmico, danadinho que a gente chama mais sapeca (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Eles tinham que ter realmente vontade de liderar os outros, ter boa conduta, boas notas, interesse pela língua inglesa, habilidade em algum desses esportes que havia no nosso trabalho, bons relacionamentos interpessoais com os professores, respeitar os limites e regras (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Eram critérios básicos, como a responsabilidade de estar no local que você se programou pra estar, para receber os alunos, para trabalhar com os alunos. O primeiro que a gente elencava como principal era a responsabilidade, bem como, querer ser jovem líder e estar no local no dia e na hora programada e trabalhar com as crianças (PROFESSOR G/ENTREVISTA).

Observamos nas falas, os principais critérios elencados para a seleção dos alunos como sendo a responsabilidade ao assumir o compromisso com as ações do

PII e querer ser um jovem líder, além disso, exercer algum tipo de liderança entre os alunos, possuir um bom relacionamento com as outras pessoas e ter notas boas.

Os professores F e B ressaltaram o fato de possuírem habilidades nas diferentes áreas. Apenas um dos professores relatou o fato da necessidade de trabalhar com crianças como um dos critérios. Já o professor F evidenciou o interesse em aprender o inglês; diferentemente dos outros, o docente C, por sua vez, utiliza-se da escrita como forma de conhecer o perfil do aluno, para entender sua visão de liderança frente às outras pessoas e questionando os motivos para ser um Jovem Líder.

Ao analisarmos o perfil delimitado pelos tutores, teríamos, preponderantemente, o estereótipo de alunos “bons”, excluindo, em um primeiro momento, alunos com qualidades que poderiam acrescentar nas ações do PII. Consideramos, em contrapartida, a falta de coerência para com os objetivos do programa, pois os próprios docentes afirmaram a importância do esporte para agregar esses “maus” discentes e, conseqüentemente, aproximá-los da escola.

Exemplificado pela forma do Professor C que afirmou reelaborar os critérios previstos para agregar crianças com dificuldades de socialização e educação, contribuindo para repensarmos na forma de seleção dos alunos. Nesse sentido, para o Professor I, um bom aluno não é, necessariamente, o melhor jovem líder.

Ele tem que querer, ele tem que tá ali, ele tem que se da à oportunidade. O critério se eu disser pra você que é o melhor aluno da escola vai ser um bom jovem líder, eu não sei, talvez aquele aluno que não queira muito estudar, ele dê um jovem líder, até porque de uma certa forma ele tem uma liderança e que esse também seja indicado para ser um jovem líder, então tudo começar pelo olhar do tutor e do gestor (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Dentro dessa perspectiva, consideramos como um dos principais critérios para seleção seja o “querer” do aluno, permitindo assim, a todos os discentes que tenham a vontade de ingressarem no PII, a participarem da formação. Entendemos, porém, a responsabilidade como um ponto importante, tendo em vista, necessidade de comprometimento com as ações, conforme destaca o professor B.

Esse aluno, mesmo com indisciplina em algumas situações, possui um potencial a ser explorado, favorecendo desta forma, para uma mudança de atitude frente às suas ações dentro da escola; ao passo que o próprio curso de formação inicial provocará reflexões nos estudantes, permitindo modificarem conceitos e

ideias previamente estabelecidas, com relação aos seus potenciais, bem como o olhar dos docentes frente aos educandos.

Porque assim, eu era muito preso, eu não tinha essa coragem de dar aula de desenho. Esse programa e a professora me fizeram mudar, um incentivo a me abrir mais, qualquer coisa que acontecer agora eu posso demonstrar o que eu posso fazer (JOVEM LÍDER A/ENTREVISTA).

É preponderante para os professores o fato de explorarem esses potenciais com as ações do PII, desencadeando modificações duradouras na personalidade dos Jovens Líderes. Outro aspecto presente nas falas dos Jovens Líderes (A, B, C/ENTREVISTA) foram as mudanças de atitudes após a realização do curso.

Mudei meu estilo, meu jeito de se vestir, eu tinha o estilo “maloqueiro”, que é bermuda não sei o que e tudo de marca. Mas eu não me importo agora, Sendo roupa eu uso, não vou gastar um dinheiro caro, gastar muito dinheiro numa roupa que de qualquer jeito se eu comprar uma mais barata ela vai me vestir do mesmo jeito. Minha educação melhorou muito, minha arrogância, porque eu era muito arrogante e agora eu sou mais companheiro, sou mais amigo, sou mais humilde também e acho que só estou mais brincalhão um pouquinho (JOVEM LÍDER B/ENTREVISTA).

Assim sendo, observamos também, modificações na conduta dos jovens entrevistados, mudanças necessárias para a materialização dos objetivos do PII, afim de transformar a vida dos alunos participantes, levando-os a entender os seus potenciais e, a utilizar o esporte, a dança e a arte nas comunidades como meio para se discutir questões educacionais e culturais, contribuindo assim, para uma cultura escolar e favorecendo essa relação.

Destarte, averiguamos no documento de formação, a necessidade do Jovem Líder ter autonomia em suas ações após realizar o treinamento inicial, pois o “programa de aprendizagem foi elaborado para que os Jovens Líderes sejam capazes de realizar as atividades de aprendizagem sozinhos ou em pequenos grupos, sem o suporte de um Tutor local” (BRITISH COUNCIL, 2007a); no entanto, essa autonomia é relativa, porque segundo o Professor E, tratando-se da organização dos festivais,

É tudo, é tudo, o jovem líder é quem faz tudo, ele faz tudo, tudo, tudo. A gente fica, no caso eu fico, a gente... naquela olha minha gente essa ideia vamos pensar em outra, vamos, se a gente pensasse e fizesse... de tal maneira e vamos, nunca chega dizendo que ta errado que ta feio, sempre e se? Olha gente vamos pensar e se chover? E o plano b, entendesse quando eles se esquecem de alguma coisa, mas eles é que... eles que fazem tudo. [...] a gente fica na supervisão [...] e resolver as broncas,

porque tem momentos que é necessário atuar, resolver bronca assim (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Nesse cenário, observamos o papel do professor como um tutor, atuando na supervisão das atividades, promovendo uma relativa autonomia para os alunos na organização e na materialização das ações desenvolvidas na escola. Atentamos ainda para a necessidade de uma preparação do docente no exercício da função, de forma a não limitar as práticas dos Jovens Líderes, ou seja, estimulando a construção das ações e a reflexão por parte dos envolvidos, logo, reafirmando a importância dos docentes em realizarem o curso.

Assim, reconhecemos nos documentos que, através do treinamento inicial, os Jovens Líderes são instrumentalizados e subsidiados a criarem os clubes Sonhos & Times.

Oferecerão oportunidades para utilizar e desenvolver mais as habilidades adquiridas no curso de Jovem Líder. Os clubes pertencerão a – e serão administrados por – Jovens Líderes e para Jovens Líderes, e engajarão muitos outros jovens em suas escolas e comunidades (BRITISH COUNCIL, 2007a).

Aspectos referentes à organização, supervisão e avaliação dos festivais, refletindo sobre outras culturas e diferentes modos de realizar as atividades, “especialmente em como incluir pessoas que são diferentes delas” (BRITISH COUNCIL, 2007a), fundamenta-se na educação intercultural e no esporte como plataforma educacional.

Detectamos que o curso busca, através dessas ações, a formação de um cidadão, não apenas de atuação local e sim global, utilizando-se da rede formada pelo Sonhos & Times a nível internacional, e no processo de treinamento, busca “desenvolver liderança, cidadania e consciência internacional” (BRITISH COUNCIL, 2007a), usando o esporte, as artes e as parcerias culturais, capacitando-os para o exercício de sua cidadania, sem contudo, limitá-los como meros executores das ações.

Desta forma, através do programa Sonhos & Times, os professores são instrumentalizados para a formação dos jovens líderes e a planejar seus objetivos com as parcerias firmadas de acordo com a sua realidade. Logo ao analisarmos os objetivos presentes nos planos de parcerias para a materialização do PII em nosso estado, constatamos uma diversidade coerente com a realidade de cada escola.

O projeto irá utilizar a cultura brasileira / Inglesa para motivar os alunos e ampliar a integração das atividades do programa no currículo escolar: Continuar envolvendo mais alunos da comunidade escolar dentro da parceria internacional e trabalhar para melhorar a aprendizagem da língua no contexto ambiental contribuindo assim a reduzir cada vez mais a ociosidade e a violência nas escolas; Realização da feira de conhecimento Brasil/Reino Unido para um melhor entendimento das diferentes culturas e valorização de ambas as escolas; Ultrapassar as barreiras do idioma Inglês, criar oportunidades sempre que possível para melhorar a comunicação e aprendizagem; Enriquecer a compreensão das diferentes culturas; Compartilhar recursos para melhorar a aprendizagem de cada língua e etc (ESCOLA A/PLANOS DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009a).

Intercâmbio com escola parceira de: Cultura, metodologia, teorias nas áreas de Educação Física, Línguas, Geografia, História, Artes e Educação; Melhorar a comunicação com a escola parceira pela aquisição e acesso a meios tecnológicos de melhor qualidade; Socialização dos conhecimentos construídos principalmente na área esportiva e cultural; Oportunizar o trabalho interdisciplinar; Acompanhar e registrar o processo de desenvolvimento do estudo de caso; Fortalecer e estimular a criatividade e autonomia dos jovens líderes; Estabelecer relação entre esporte e conhecimento; Troca de material informativo com possibilidade de correção de conceitos abstratos construídos (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009b).

Continuar desenvolvendo o Programa de Esportes inclusive liderança comunitária e festivais nas escolas; Desenvolver ensino e treino na metodologia e pedagogia na Escola C; Continuar com a oficina de inglês para jovens líderes; Elevar a consciência cultural em ambas as escolas. Estabelecer um clube de câmbio cultural – EMAIL ou Carta; Utilizar o esporte como veículo para melhorar, comportamento, autoestima em ambas as escolas. Desenvolver tutoria para estudantes – Reforço; Matemática, Português e outras disciplinas com mais necessidade; Continuar com a interdisciplinaridade em prol de uma melhor qualidade de ensino mais com ênfase na Educação Física Especial, Línguas estrangeiras e artes; Desenvolver uma filosofia Inclusiva na escola como um todo integrado com a comunidade através do Esporte e Artes aumentando assim o desempenho acadêmico (ESCOLA C/PLANO DE PARCERIA– BRITISH COUNCIL, 2009c).

Planejamos para o ano II, envolver toda a escola, motivando os professores das diversas disciplinas a participarem do Projeto, de forma interdisciplinar. Tendo como público alvo os alunos da nossa escola e alunos da escola parceira municipal e a comunidade em geral (ESCOLA G/PLANO DE PARCERIA– BRITISH COUNCIL, 2009e).

Desenvolver nos alunos e professores das duas escolas o conhecimento recíproco de suas culturas, línguas e casos específicos. Providenciar aos professores e alunos brasileiros o incentivo e a oportunidade de melhor desenvolver suas habilidades com a língua inglesa. Encorajar os alunos e professores britânicos a desenvolver uma competência básica no português. Desenvolver habilidades de ICT (Tecnologias de Informação e Comunicação) em todos os alunos e professores, para que assim possam fazer bom uso de novas tecnologias; Estabelecer um programa sustentável de liderança esportiva na Escola H. Estender tal programa também à música, arte e dança; Estabelecer parcerias de comunicação entre os jovens líderes da Escola H e da Escola PIH e fazer com que a Escola PH como um todo entenda a cultura Brasileira; Estabelecer um fundo para

providenciar materiais e áreas esportivas na Escola H (ESCOLA H/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009f).

Segundo os planos de parcerias com as escolas inglesas, os objetivos firmados estão diretamente relacionados com as necessidades das escolas e, foram debatidos e sistematizados nos encontros entre os professores das instituições brasileiras e inglesas. Identificamos entre os objetivos elencados nos planos de parcerias de quatro escolas (ESCOLA A, B, C e H), a questão cultural e o estímulo à aprendizagem do idioma inglês, com a finalidade em comum de buscar uma consciência para propiciar trocas e reflexões culturais sobre as diferentes realidades e as valorizando, possibilitando assim, o trabalho com outras disciplinas, numa perspectiva de ampliar as ações desenvolvidas pelo PII nas escolas.

Todavia, apenas as Escolas B, C e G explicitaram o trabalho interdisciplinar em seus planos de parcerias. Outro ponto constatado foi a melhoria e a aquisição de equipamentos tecnológicos no plano das Escolas B e H, estas buscavam, qualificar a comunicação com a escola parceira.

O esporte, por sua vez, surge no objetivo das escolas B, C e H, entretanto, com diferentes sentidos e significados. Para a Escola C, busca-se uma filosofia inclusiva, como possibilidade de melhoria do comportamento e autoestima dos envolvidos e o treinamento de equipes, diferentemente da Escola B, pois ela procura estabelecer uma relação entre o esporte e os conhecimentos ensinados, socializando com a escola parceira, os conhecimentos construídos na área de esporte e cultura.

Já na escola H, entende-se a necessidade da aquisição de materiais esportivos, a construção de áreas para as práticas e ainda o estabelecimento de um programa de lideranças esportivas. Com relação ao plano da Escola A, não verificamos qualquer menção ao esporte entre seus objetivos, sendo incoerente, em um primeiro momento, com a proposta do programa, ou seja, o esporte como plataforma e as suas principais ações desenvolvidas nas escolas, todavia, na descrição das atividades em seu plano de parceira consta a realização de diversos festivais esportivos.

Dessa forma, percebemos entre os objetivos mais relacionados aos Planos de Parcerias, encontram-se a questão cultural, o ensino da língua inglesa e o esporte como uma plataforma. Enfatizamos ainda, a preocupação da interação com

a comunidade circunvizinha à escola, ou seja, a maior participação dos jovens líderes estimulando a autonomia e a criação dos clubes Sonhos & Times.

Do mesmo modo, ao questionarmos nas entrevistas os tutores, os jovens líderes e a gestão referente ao conceito do programa e seus objetivos, identificamos aspectos semelhantes aos encontrados nos documentos, como sendo um programa educativo que procura utilizar o esporte como uma ferramenta para trabalhar a cidadania, através da liderança juvenil, aproveitando as habilidades dos estudantes negligenciadas, em alguns casos, por outros professores.

O PII é pegar o jovem e mostrar a ele, porque a gente pode ter uma coisa escondida para mostrar as outras pessoas. Porque às vezes assim tem muito menino aqui na escola que tem talento, mas é preso. Ai com esse tipo de programa surgiu muita coisa nova aqui na escola (JOVEM LÍDER A /ENTREVISTA).

Neste sentido, as ações pedagógicas do PII procuram promover o estudante a um status diferente, na relação ensino-aprendizagem, em que o professor aprende com o educando e não apenas no sentido inverso, explorando o potencial e os conhecimentos dos alunos para transformarem a realidade das comunidades, tendo o esporte como um veículo capaz de trazer aquele “menino problema” para perto dos estudos (PROFESSOR A, B, C, F/ENTREVISTA).

Para os professores, o PII, através de suas ações, modifica a estrutura da escola (PROFESSOR C/ENTREVISTA) com a utilização de espaços ociosos (PROFESSOR B/ENTREVISTA) e com uma maior participação das comunidades e dos pais no ambiente escolar, pois encoraja a prática esportiva inclusiva e a reflexão, por parte dos docentes, sobre suas ações pedagógicas, oportunizando ainda aos alunos a possibilidade de participarem dos clubes, treinamentos, aprenderem novas modalidades ou algumas, pouco praticadas nas escolas participantes, tal como o basquete. E ao expandir essas ações pedagógicas estabelecerão uma cultura esportiva, tendo o aluno como sujeito do processo, favorecendo a participação em competições estaduais e fortalecendo os sistemas esportivos das escolas.

Assim, entendemos a escola como um local capaz de prover condições para a materialização dessas ações. Todavia se faz necessário repensarmos na sua construção curricular e na sua organização, utilizando uma perspectiva crítica e

fomentando atividades pedagógicas para estimular o aluno, como um sujeito das ações, extrapolando o conhecimento adquirido na escola para a comunidade.

Salientamos que as atividades desenvolvidas pelo PII visam colaborar para a construção participativa de sistemas esportivos sustentáveis, eficazes e ainda contribuir com milhões de crianças e jovens do mundo, ajudando-as a melhorar e enriquecer suas vidas brincando e se destacando através do esporte (BRITISH COUNCIL, 2007b, 2008c). No entanto, na fala dos professores, a procura de talentos não é um dos objetivos do PII; para a gestão, o PII toma por base a educação intercultural. Conforme aborda a Gestão BC, onde a busca através do esporte visa,

Atingir melhorando a vida de milhões de jovens no mundo todo. Desenvolvendo esses jovens, promovendo a liderança, o protagonismo juvenil deles tornado-os mais aptos e seguros a viver com saúde, com educação, espírito de protagonismo, de colaboração e de voluntariado (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Esses objetivos foram identificados nas falas dos envolvidos e entendem como importantes para o programa, entretanto apenas os Professores D e F relataram as trocas culturais entre os dois países e as escolas locais, diferentemente dos dados encontrados nos questionários exploratórios, aparecendo com mais incidência, visto que o PII também utiliza a dança e as artes em suas atividades para alcançar seus objetivos.

Contudo, o esporte por si só, conforme concluímos, não tem o poder de realizar tal conquista; é necessário o investimento em políticas públicas de esporte, lazer, educação, segurança e saúde, ou seja, além das ações pontuais previstas no PII, portanto, as modificações que ocorreram com base nas ações desenvolvidas no programa ficaram restritas a um grupo pequeno, caso comparada a toda rede estadual de ensino de PE.

Além disso, as práticas previstas procuravam uma maior aproximação com a comunidade escolar e circunvizinha. Segundo os professores, as atividades procuravam inserir a família e a comunidade dentro do cotidiano da escola.

Hoje em dia tem muitas mães que vem para escola, até para procurar saber como é que ta o próprio filho, o comportamento dele, porque a gente sentia antigamente o menino muito jogado na escola, a mãe deixava e só vinha quando tinha algum problema com aquele filho, mas hoje em dia a gente vê a participação nos festivais à comunidade vêm, as mães vêm pra participar, mesmo que seja de observação das atividades, mas eles vêm entendeu, a

família vem à comunidade participa também (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

O grande interesse nosso era que a comunidade participa-se, principalmente a comunidade circunvizinha, não só a escolar. A comunidade ela poderia contribuir na participação, pois ela participando o objetivo nosso tava em cima exatamente dela (PROFESSOR B/ENTREVISTA),

Durante os festivais algumas mães vinham ver, algumas mães daqueles meninos que vinha de outras escolas também queriam vir (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Nessa comunidade (próxima a Pesqueira) a gente percebeu que muitas crianças não estavam na escola e aí a ideia é de levar essa criança para a escola, [...] ela não sabe dizer se quer ou não ir para a escola, então o trabalho era muito na família (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Identificamos na fala dos tutores como sendo um dos pontos principais do programa, a tentativa de agregar a família, dentro do contexto escolar, em uma relação que vai além da observação das atividades, ou seja, interagindo com os educandos.

Segundo relatado pelos tutores, houve um maior interesse e integração com os pais dos discentes, após as ações desenvolvidas pelo PII. Esse envolvimento proporciona um avanço no quesito formação do cidadão, pois entendemos que ao mesmo tempo esses ambientes podem favorecer ou prejudicar a socialização dos estudantes, pois a cultura presente nos dois pode provocar conflitos.

Para Dessen e Polonia (2007) e Polonia e Dessen (2005), a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que cooperam e inspiram a formação do cidadão, pois ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado. Ou seja, as duas precisam trabalhar em conjunto para favorecer a socialização e a presença do aluno na escola, oportunizando a confrontação dos saberes adquiridos socialmente e extrapolando para a comunidade através do PII.

Para o Professor I (PROFESSOR I/ENTREVISTA), através das famílias, procura-se resgatar as crianças ausentes do ambiente escolar, fomentando assim, a reflexão por parte dos envolvidos ao observarem e participarem das ações do PII.

Então eles fizeram uma peça com uma família totalmente desestruturada e como os pais deveriam agir e é direcionada pra uma reflexão mesmo e depois uma dinâmica, umas brincadeiras com os pais, de acordo com a faixa etária com o que se quer passar pra eles (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Através de atividades pedagógicas voltadas para a importância das situações que ocorrem nos núcleos familiares e os seus possíveis reflexos no desempenho acadêmico dos jovens, bem como a valorização do potencial do aluno pelos pais e pela comunidade acadêmica da escola.

Certamente, a integração das duas é fundamental para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social (POLÔNIA; DESSEN, 2005; DESSEN; POLÔNIA, 2007), e evidenciando nas práticas pedagógicas do PII, a necessidade da participação da família dentro do processo, visto a concretização das metas estabelecidas. Fornecendo, por sua vez, informações aos tutores sobre o comportamento dos alunos fora do ambiente escolar, numa relação de trocas.

Em contrapartida, nos documentos oficiais não encontramos nada descrevendo especificamente o envolvimento dos pais na escola, todavia, nas falas dos Professores e da Gestão BC identificamos a interação a partir da participação e observação dos festivais.

Mas tentando chegar a um acordo para que ele pudesse melhorar seu rendimento, quando necessário chamava até os pais na escola e por meio do diálogo a gente ia tentando (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

É importante a família, ela é o primeiro ponto da história do dreams. A gente sempre tinha que chamar a família para pedir a assinatura pra que eles fossem capacitados, filmados, fotografados. Então pra mim a família é um ponto fundamental em todos os processos se não a gente não tinha toda essa integração, essa inclusão e esse intercâmbio interdisciplinar mesmo (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Reafirmamos a necessidade da interligação entre ambas as partes para a materialização do PII, com a realização de reuniões, explicando aos pais sobre os objetivos (BRITISH COUNCIL, 2009a; 2009b), as ações desenvolvidas e a importância dos mesmos para a educação dos jovens. Isso permite, através de ações pedagógicas aproximarem as famílias da comunidade escolar, favorecendo para a mudança de comportamento entre os envolvidos, visto que, muitas vezes, a família é um dos pilares para o engajamento na prática esportiva, assim como as questões culturais presentes nesse âmbito podem fomentar estereótipos que favoreçam a exclusão da prática (OLIVEIRA, 2008).

Outro ponto detectado na materialização do programa é a falta de espaços para as práticas de lazer e esportivas ao redor da escola (PROFESSOR B), tendo o PII oportunizado ações para permitir o acesso de pessoas a modalidades nunca antes praticadas, como no caso do rúgbi ou *netball* e o primeiro contato com os materiais oficiais (bolas, tabelas e redes), contribuindo, como em alguns casos, na reestruturação de áreas ociosas de lazer próximas à escola.

Nós até tentamos ajeitar/mudar uma praça, mas a parte política é muito complicada. Então a gente conseguiu com as nossas mãos, com nossas enxadas com os jovens líderes limpando, convidamos um grupo de violino de lá que tocaram pra gente, brincaram nessa praça e tornou-se uma coisa útil. Há pouco tempo eu fui lá e tá abandonada, porque a gente não tem poderes (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Ratifica-se a nossa visão da necessidade de políticas públicas voltadas para as comunidades, sendo assim, consideramos que as intervenções do PII ficaram restritas devido à falta de apoio da Gestão. Mas também, observamos a tentativa do docente, em conjuntura com os jovens líderes de modificarem o ambiente próximo à escola, propiciando a utilização do espaço ocioso ou inadequado para as práticas de lazer no bairro.

Situação divergente da exposta pelo Professor I. Pois este, contou com o apoio da Prefeitura de Pesqueira para implementar o PII em âmbito municipal.

A gente conseguiu modificar alguns espaços físicos para a prática da atividade física e hoje a gente vê com mais frequência crianças praticando mais atividades físicas nas suas comunidades. Pessoas fazendo caminhadas, pessoas procurando academias, hoje a gente tem as crianças buscando na direção de esportes apoios pra praticar esportes na escola e na comunidade. Tanto é que hoje temos um nível de material que foi comprado agora e a gente conseguiu justificar a prefeita que era necessária à aquisição (PROFESSOR I /ENTREVISTA).

A associação do programa a uma política de esporte e lazer permitiu o fomento de uma cultura esportiva, voltada não apenas para as crianças, mas toda a comunidade, adequando os espaços físicos e fornecendo materiais apropriados, produzindo resultados que contribuíram para um maior investimento por parte da Prefeitura local e a ampliação das ações desenvolvidas. Salientamos, por sua vez, que o Professor I trabalhava na Secretaria de Esporte da cidade e atua na gestão do PII.

Outro papel analisado nos documentos e falas com relação à comunidade seria a procura por patrocínio para a realização dos festivais (BRITISH COUNCIL 2007a, PROFESSOR A, B, C, E, F, G/ENTREVISTA). Inicialmente, apenas o primeiro grupo de seis escolas recebeu a ajuda da Secretaria de Educação de PE. O montante arrecadado pelos jovens líderes e o tutor com os vizinhos era empregado para a compra de lanches, bebidas, materiais cenográficos e outros itens usados nas atividades. Esse processo de arrecadação do dinheiro fazia parte do treinamento Sonhos & Times, sendo um dos aspectos discutidos pelos jovens líderes ao organizar os festivais.

De fato, a participação da comunidade dentro da escola e nas ações do PII procurou reunir aspectos para beneficiar a circunvizinhança através de atividades que promovessem a reflexão dos participantes, com a utilização do esporte, da dança e da arte como ferramentas educacionais para alcançar os objetivos propostos pelo programa em nosso estado.

Assim, observamos um processo de materialização, iniciado no ano de 2007, em nosso estado, contando com o apoio de parceiros como os Ministérios e Secretarias de Educação e Esporte, tendo o BC como interlocutor desse processo através da realização de um intercâmbio de diretores, tutores e jovens líderes de doze escolas públicas brasileiras e inglesas, usando o esporte como uma ferramenta educacional para aproximar os jovens e as famílias da escola, favorecendo a formação de cidadãos.

4.2 Organização do PII nas Escolas

Para a materialização dos objetivos propostos pelo PII, reconhecemos nas falas e nos documentos um apoio financeiro de oito mil reais às primeiras seis escolas, com a finalidade de custear a compra de materiais necessários para a realização das diversas atividades, referentes ao programa no período de 2008 a 2010; esse valor foi disponibilizado pela Secretaria de Educação de Pernambuco (GESTÃO BC/ENTREVISTA), cabendo a cada escola administrar essa verba inicial.

Constatamos nos planos de parceria, a necessidade das escolas em reformar a parte infraestrutural, para poder manter contato com as escolas inglesas, ou seja, fundamental para o programa Link entre Escolas, pois buscavam “melhorar a

comunicação com a escola parceira pela aquisição e acesso a meios tecnológicos de melhor qualidade” (BRITISH COUNCIL, 2009b).

Essa melhoria, por sua vez, não era apenas importante para o programa, mas para a comunidade escolar. Ao utilizar a tecnologia a seu favor estaria qualificando a prática pedagógica e possibilitando levar os envolvidos a analisarem sobre diversas temáticas entre elas o esporte e a sua relação com a sociedade.

Ao assimilarmos que a prática do professor não pode ficar limitada à sala de aula, o docente precisa buscar agregar à comunidade e, em conjunto com os alunos estimular a interação com esse público, procurando uma relação com o saber, utilizando-se também da tecnologia. Sobre isso, Souza, Dudu e Silva (2011, p. 6) discutem:

A aplicação dos conhecimentos adquiridos na formação pode ir além das salas de aula, atingindo a comunidade na qual a escola está inserida para causar motivação e sustentação das metas pedagógicas. O contato com o ambiente informatizado induz o professor ao contato com outras realidades, novos problemas e soluções o que lhe disponibilizará novos desafios com missão de melhorar suas técnicas de instrução.

Através da tecnologia como ferramenta pedagógica, tornou-se possível aos professores, trocarem informações com as escolas parceiras na Inglaterra, agregando novas modalidades esportivas, bem como suas regras, sua história, a cultura dos povos.

Facilitou também, pois possibilitou aos alunos assistirem partidas cujas modalidades ou danças típicas não existem em suas comunidades, estimulando o interesse, bem como a troca de conhecimentos com estudantes de outras realidades, através da educação intercultural, que busca essa reciprocidade, como relata o professor ao empregar a tecnologia em um programa com o British Council.

Eles tinham um.... era tipo uma gincana/campeonato entre eles de dança... cada turma apresentava uma dança, e ai eles mandaram o vídeo pra gente e lançaram o desafio para à gente reproduzir a dança, e nós fizemos. Agora vocês vão fazer uma que a gente mandar, então eu filmei os meninos, passo a passo do frevo, alguns passos né, lógico, alguns passos mais simples do frevo, depois a dança como um todo e a gente mandou um vídeo, cd e tudo. E eles fizeram lá e fizemos aqui, foi bem legal (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Desta forma, constatamos o uso da tecnologia como uma ferramenta pedagógica aplicada para possibilitar a troca de informações entre professores e

alunos, fundamentada na educação intercultural, contribuindo para ampliar os conhecimentos de ambos os países.

Entretanto a realidade das escolas públicas ainda é precária nesse sentido, necessitando adquirir materiais para continuar as comunicações com as escolas inglesas; portanto, mais uma dificuldade enfrentada por estas entidades para a materialização e a sistematização do PII.

A tecnologia e outros meios de comunicação foram requisitados constantemente pelas escolas envolvidas; segundo os documentos houve uma diversificação de procedimentos empregados como a construção de sites, blogs, troca de emails e videoconferências, mecanismos empregados visando a possibilidade do envio e da divulgação dos trabalhos realizados pelas escolas e entre as escolas, bem como trocas culturais fundamentais para a organização das ações.

Desenvolver o web site da escola; Estudo para melhorar o clube de língua inglesa: compartilhar trabalhos, e-mails, adicionar web site da escola parceira e reforçar a nossa parceria com a escola inglesa; Programar um cronograma para comunicação entre as duas escolas facilitando a formação dos professores e a integração das atividades do programa inspiração internacional no currículo da escola; Semanalmente sempre que possível enviar e receber e-mails da Escola Britânica - colocando em primeira página de nosso site / Blog ; Semanalmente contatos; email em abril; Compartilhar web site e blog Setembro; Webcam link (ESCOLA A/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009a).

Webs-site; E-mail; Visitas; Telefone; Troca de material informativo com possibilidade de correção de conceitos abstratos construídos; Socializando o trabalho através do interesse de outras escolas de conhecer aplicar nas suas práticas; O projeto se desenvolverá através de pesquisa, construção concreta de slides, vídeos, boletins, folhetos, cartão postal, depoimentos, jogos educativos, recreação, culinária, receitas, gráficos, mapas, treinamentos, pesquisa na web, festivais, oficinas e seminários na própria escola e escolas municipais, estaduais com troca de informações entre as escolas parceiras, possibilitando correções de conceitos culturais (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009b).

Estabelecer um clube de câmbio entre jovens líderes Brasil x Inglaterra; Por email e carta. Ambas as escolas têm site que será acessado e até datado regularmente. Uso do *British Council* Recife facilidades para videoconferência. Colocar Notícias no Site (ESCOLA C/ PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009c).

Através de troca de experiências, vivenciadas pela parceria ao longo do ano II; Promover um encontro entre escolas de Pernambuco envolvidas no Projeto de Inspiração Internacional, proporcionado troca de informações vivenciadas no ano I pelas Escolas; As Trocas de informações é fundamental para que haja êxito na parceria; Através de comunicação por e-mail e vídeo conferência; Reunião Com a Direção da Escola Parceira Brasileira G (ESCOLA G/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009e).

Estabelecer parcerias de comunicação entre os jovens líderes da Escola H e da Escola Parceira Inglesa e fazer com que a Escola Parceira inglesa como um todo entenda a cultura Brasileira./ Vídeos conferências entre alunos e professores estão previstos para serem realizadas por PC utilizando Webcam. / Inicialmente via e-mail. Futuramente blogs, salas de bate-papo, etc. serão implementados pelo VLE (Sistema de Aprendizagem Virtual) uma vez que o mesmo esteja funcionando. Vídeo conferências via webcam também serão realizadas uma vez que o equipamento da Escola H (ESCOLA H/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009f).

Verificamos a utilização da tecnologia para a materialização do PII. As escolas variaram os meios para o contato e troca de informações com as inglesas. Detectamos, ainda, a extrapolação de dados produzidos pelos jovens líderes para o ambiente digital, pois ao mesmo tempo em que atualizam os sites e os blogs⁴³ com informações, podem acessar conteúdos de outros jovens líderes em diferentes lugares, compartilhando as experiências com a comunidade local e internacional.

Porém houve dificuldades iniciais para o uso da tecnologia devido a essa falta de infraestrutura, prejudicando o processo de inserção do programa em nosso estado.

A questão da infraestrutura das escolas. Porque o programa tinha um viés, um eixo que era de colaboração com as escolas parceiras do reino unido era estimular a globalização, a troca de ideias com escolas lá. Mas as escolas (em PE) não tinham internet, não tinham computador, quando tinha computador não tinha internet, ou quando tinham internet não tinham computador, ou quando tinha computador os jovens não podiam usar e tinha a barreira da língua e às vezes mesmo com uma ferramenta de tradução online, os professores e os tutores não tinham muita habilidade em lidar com email, estavam começando a usar isso, sabe nesse período do treinamento (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Tal fato obrigou as escolas a usarem o dinheiro inicial para a aquisição ou reforma desses espaços, além disso, existiu a limitação de alguns professores para lidar com a tecnologia digital e, procurou-se com a ajuda dos jovens líderes com domínio da ferramenta amenizar essa situação, causando para gestão do programa, um obstáculo em um dos pontos principais do PII , ou seja, a troca cultural Brasil e Inglaterra.

Entendemos então, a importância do domínio básico da informática para os docentes ao utilizarem em suas aulas, corroborando com Souza, Dudu e Silva

⁴³ Maiores informações sobre o concurso realizado pelo British Council em parceria com a UNICEF, sendo premiadas as quatro escolas que mais e melhor contribuíram para o blog Inspiração Internacional, disponível em: <<http://www.britishcouncil.org/br/brasil-esportes-inspiracao-internacional-axis1.htm>>. Acessado em: 08 jan. 2012.

(2011), pois permite acessar e conhecer outras realidades, como foi proposto a partir das intervenções; portanto, usar a internet para pesquisarem sobre as diferentes modalidades e suas histórias, regras e fundamentos.

Por sua vez, um dos fatores para o surgimento desses contratempos foi a falta de critérios específicos para a seleção das escolas, pois seria fundamental, a evidenciação, por parte do BC, elencando as ferramentas centrais para a realização do Link entre Escolas, exigindo assim, investimentos que poderiam ter sido evitados, caso houvesse uma melhor comunicação ao firmar as parcerias.

Percebemos dificuldades, por parte de alguns tutores, com a língua inglesa, sendo necessário o uso de tradutores on-line para conseguirem compreender as mensagens. Todavia, ao firmarem parceria com o PII todas as escolas estavam cientes da obrigatoriedade da presença de uma pessoa fluente na língua estrangeira. Porém, para o Professor C também deveriam ingressar pessoas com habilidade em português, nas escolas inglesas, visto que eles também queriam aprender sobre a nossa cultura.

Assim, compreendemos que no curso de formação do tutor deveria ter um momento voltado para noções básicas de informática, pois o programa visa o uso dessa ferramenta como um dos principais meios para troca de informações, ou mesmo tornar como um dos critérios para o ingresso dos docentes no programa, noções básicas de informática.

Além dessa dificuldade, os professores entrevistados identificaram a falta de interesse de outros colegas nas escolas, visto que o programa era um trabalho voluntário e por isso, inicialmente, afastou os docentes, prejudicando a materialização do PII.

Bem na verdade a minha escola na sua totalidade não acreditava no projeto. Porque eles sempre falavam assim: esses meninos só querem saber de jogar bola. Eu não acreditava que a bola ia fazer a diferença no futuro pra eles e pra escola e para o estudo na sala (PROFESSOR C/ENTREVISTA)

A dificuldade é porque esse programa ele veio com cunho voluntário, então o professor de educação física que tivesse vontade de participar ele não tinha nem na época, nem a disponibilidade da carga horária como a gente tem para treinamento, por exemplo, além de ensinar em sala de aula 40h de treinamento, 90h de treinamento, não havia isso, então não houve o interesse do professorado (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

O relato feito pelo Professor C retrata um estereótipo referente aos alunos, “em que eles só querem exclusivamente jogar”, não se importando com outros aspectos, devendo as aulas se limitarem ao “jogar bola”, favorecendo uma atrofia frente aos saberes construídos socialmente.

Preliminarmente, a falta de apoio dos professores refletiu nas ações do PII, porém existiu uma orientação do BC para estimular a entrada desses docentes através das ações do programa (GESTÃO BC/ENTREVISTA), agregando mais professores para auxiliarem na construção e na participação das atividades presentes nos festivais e oficinas.

Sempre que tinha, por exemplo, oficina de artes, o professor de artes orientava e aí através também dava instruções a eles, pra vê como eles poderiam demonstrar a arte através da pintura, através da dança mesmo e outros como apenas ouvintes, muitas vezes o professor era quem se tornava o aluno, que aí as brincadeiras, jogos e disputas que eles criavam, inclusive o netball foi a modalidade adotada de lá. Os professores participavam em massa e tinha uma participação geral, ou seja, eles conseguiam fazer isso trazer o lúdico para o professor e eles por sua vez intervirem sobre o professor como alunos e não professor como professor, melhorando até a relação entre eles (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Numa relação recíproca entre docente e discente, permite-se, através dessas ações, um maior envolvimento dos participantes, contribuindo para as práticas não se limitarem ao ensino das modalidades esportivas, ou melhor, agregando a participação nos festivais e nas oficinas de outras áreas como artes, matemática, português e sociologia. Isso, também permite que o aluno se torne sujeito da ação e possibilitando aos docentes atuarem, não apenas na função de proponente da ação, mas numa relação de aprendizagem recíproca professor/aluno e aluno/professor.

Outra dificuldade encontrada, no tocante à materialização e gestão do PII nos planos de parceria foi a precariedade dos materiais esportivos de nossas escolas públicas participantes do programa. Houve, portanto a necessidade da aquisição de bolas, redes, colchões, jogos de salão, entre outros itens, com a utilização dos oito mil reais disponibilizados para suprir, inicialmente, a materialização do programa, bem como espaços adequados para a prática das atividades e, em algumas situações, foi necessário o deslocamento para áreas próximas às escolas para a realização dos festivais, numa realidade diferente da encontrada nas escolas inglesas parceiras no programa e descritas pelos tutores.

Verificamos nos planos de parceria gastos com itens das aulas de educação física que, a priori, já deveriam ser subsidiados pela Secretaria de Educação, ocasionando custo com materiais básicos e, em alguns casos, mais da metade ou quase todo o orçamento. Acrescentamos a aquisição de padrões de jogo completos, tênis com meia e um tanque para lavar os padrões usados pelos alunos; todavia encontramos ainda a compra de materiais para a realização dos festivais e a de aparatos para o ensino das modalidades vindas da Inglaterra.

Porventura, conforme o Professor B, devido à falta dos materiais oficiais, utilizam-se dos equipamentos reciclados e criados em conjunto com os meninos.

Bem a gente não teve porque, antes mesmo da gente aderir ao programa eu particularmente junto com alguns alunos a gente já trabalhava e é uma das coisas que tá no tema do nosso trabalho que é o aproveitamento de materiais alternativos (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

A utilização de materiais alternativos aumentou a prática esportiva dentro da escola, conseguindo, conseqüentemente, resultados em competições “a própria mesa de tênis de mesa que eles construíram a gente conseguiu o quinto lugar no pernambucano” (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Entretanto ressaltamos que esse tipo de instrumento deva ser utilizado como uma estratégia pedagógica para demonstrar as possibilidades de construção fora do ambiente escolar, sendo impreterível o fornecimento pelo de materiais de qualidade, evitando aos docentes a obrigação de utilizar de sua criatividade para transpor as limitações impostas pela falta de implementos.

Primeiramente, apenas as seis escolas que firmaram parceria com escolas inglesas receberam financiamento, portanto, as outras duas atuando apenas com Sonhos & Times deveriam arcar com todos os valores dos festivais.

Outro aspecto referente aos problemas da gestão abordados pelos professores, para a efetivação do PII nas suas escolas está relacionado à destinação da carga horária para a organização e a sistematização das atividades do programa.

Não, eu faço nos meus horários e nos horários extras mesmo, eu não tenho carga horária específica pro projeto não (PROFESSOR A/ENTREVISTA)

Eu tinha 200 horas e a gente só procurava fazer os festivais no momento das datas festivas e finais de semana. Não foi dispensado nenhuma hora aula para se fazer essas atividades, por isso eu tive que deixar os alunos, tive que passar bem a filosofia de trabalho, porque não tinha como eu tá em

cima do aluno direto a todo instante. Então eles só reportariam a mim quando necessário. E aí as atividades eram feitas em horário de recreio, final de semana, datas festivas (PROFESSOR B/ENTREVISTA)

Não, até hoje ninguém tem. por exemplo eu tinha que me dispor, reunião de noite vinha da minha casa fazer reunião. fim da tarde para pegar os alunos largando, pronto todas as minhas capacitações ou são nas férias ou no recesso, porque eu tenho que ter uma sala, eu tenho que ter não digo silêncio, mas eu não posso fazer uma capacitação numa sala onde as outras estão tendo aula. por conta da concentração para o aprendizado deles ali naquela capacitação de três, quatro dias é no recesso. e a gente não ganha nada não, nunca ganhei (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Não tinha nenhuma carga horária direcionada para esse projeto, nenhuma carga horária disponibilizada, se eu não me resolvesse aqui com a direção e se não já soubesse de tudo isso aí, a escola totalmente alheia, imagina, o gestor ia liberar tantas horas?... Diretor essa semana a aula atividade de uma... é a turma tal, eu já falei com o professor e ele vai dar aula no meu lugar, vai fazer tal coisa e eu vou ficar supervisionando os meninos que tem o festival e não tenho tempo pra nada, não tudo bem professor, beleza, se o gestor não tá nesse envolvimento ele vai liberar? Não libera não. Libera de jeito nenhum. (PROFESSOR E/ENTREVISTA)

Não, os profissionais de educação física não tinham carga horária pra isso, era uma ajuda que a gente dava, tanto a gente como a direção da escola, no projeto que acontecia, mas que nós tínhamos carga horária pra isso, verba diretamente pra gente pra isso não, a gente terminou abraçando um festival que a gente sabia que era importante pro nosso aluno como jovem líder, pra própria formação de pessoa dele e bom pra criança que vinha da outra turma (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Essas afirmações nos incita a questionarmos aspectos referentes à organização e à gestão do PII dentro da escola, tal como a sua relação com o currículo da instituição e o apoio da Secretaria de Educação.

Pois ao firmarem a parceria e se comprometerem a subsidiar os professores para a materialização do programa, deveria disponibilizar um percentual da carga horária dos docentes para qualificarem as atividades realizadas. Uma vez que identificamos na fala dos tutores a necessidade de utilizarem horários fora da sua carga horária ou até mesmo nos finais de semana para sistematizarem e realizarem os eventos, inibindo o ingresso de outros docentes nas atividades e prejudicando a própria formação de novos jovens líderes.

Todavia averiguamos entre os critérios estabelecidos pelo British Council para firmar a parceria com o Governo do Estado de Pernambuco o de “apoiar o instrutor parceiro indicado quanto ao desenvolvimento do projeto em todo o currículo” (BRITISH COUNCIL, 2008c).

Ainda segundo o documento, deveria auxiliar para “permitir que os professores tenham um tempo determinado de aulas com os alunos para

desenvolver a parceria”. Assim sendo, vemos uma fragilidade na implementação e gestão do programa em nosso estado, bem como na sua relação com o currículo das escolas, pois no momento em que o professor não poderia direcionar sua carga horária para o programa, denota a ideia de uma realização à parte para as atividades, ou seja, como se não tivesse nenhum vínculo pedagógico com a escola, usufruindo apenas do espaço físico.

Isso acarreta uma quebra na relação entre a escola e o programa, refletindo diretamente nos objetivos propostos inicialmente, dando a ideia de que o PII não estaria articulado plenamente nestas entidades educacionais, bem como a sua relação com as aulas de educação física, enquanto componente curricular, fragilizando a própria sistematização e materialização das atividades propostas.

Para a própria gestão do BC, a falta de apoio da Secretaria de Educação de PE foi vista como sendo um dos obstáculos à materialização do PII em nosso estado.

A parceria com os órgãos Públicos envolvidos, com as secretarias de educação. Não houve um acompanhamento, eles tentaram eu acho, nós tentamos, mas as Secretarias na verdade tem problemas tão sérios, tem tantas demandas e tanta dificuldade em dar conta dessas demandas que o nosso projeto também passou por isso (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Ainda de acordo com a Gestão BC, esse fator prejudicou os objetivos do PII, pois a proposta inicial era: ao término do convênio firmado com o BC, as secretarias locais dessem continuidade às ações desenvolvidas durante o período de 2008 e 2010.

Então em vários momentos não tivemos o acompanhamento das secretarias na execução do programa também. Uma vez o envolvimento do conselho britânico terminado, porque todo projeto tem começo, meio e fim, nós viemos, plantamos a semente, treinamos, passamos a metodologia, os estados de Pernambuco e Alagoas tinham pessoas para continuar disseminando isso (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Nesse cenário, o ideal seria um maior apoio e um coordenador na secretaria para atuar com o papel que o conselho britânico exercia lidando diretamente com as escolas, com os tutores e com os problemas do cotidiano, realizando um papel importante para a comunicação e gestão entre as escolas.

O conselho britânico ele foi a nossa ponte. Ele sempre tava nós dando apoio, sempre estava nós dando o respaldo, as trocas de correspondência quando a gente não conseguia, sempre chamava a gente pra lá para trazer

novidades, sempre tinha concurso disso, concurso daquilo, não para o tutor e sim para o aluno e a escola como um estímulo para não desistir de ser um jovem líder. O conselho britânico no começo ele foi muito mais que um intercâmbio, ele se envolveu mesmo até quando a gente foi para a Inglaterra que eles foram com a gente como tradutores, eles se envolveram mesmo na hora de trocar e tudo, estavam como se tivessem vivenciando pra eles chegarem aqui e vivenciar com a gente na escola, como vivenciaram (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

O conselho britânico intermediava as relações entre a escola que estava na Inglaterra e as escolas públicas. Muito mais como um elo administrativo e passava as informações que fossem necessárias pra fazer acontecer o programa (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

O BC representava a mediação das ações do PII no Brasil, desempenhando um papel estratégico para a materialização do programa e a continuidade das atividades.

Nós negociávamos, nós tínhamos reuniões com os ministérios, com as secretarias de educação, nós tínhamos diretamente com as escolas, com os tutores em alguns momentos nós fazíamos desde a comunicação diretamente com o tutor com os problemas mais elementares que eles poderiam ter ido buscar a secretaria, mas que não tinham o apoio, até com a negociação com o ministério. Então nos fazíamos de tudo na verdade (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

O BC assumiu funções inerentes à Secretaria de Educação, auxiliando os docentes com os problemas enfrentados no “chão da escola” e, desencadeando fragilidades para planejarem e organizarem as intervenções, pois o BC não tem o mesmo poder de intervenção da Secretaria para disponibilizar a carga horária para o PII. E com a saída do BC, as escolas não tiveram a quem recorrer, ocasionando, desta forma, um enfraquecimento das ações do programa em algumas escolas.

Apesar de que o conselho britânico falou para gente que o trabalho deles em si foi até 2010, mas de 2010 pra cá, caiu bastante nesse sentido, porque a gente ficou sem um apoio. Assim, pelo menos na minha escola eu senti isso, a escola parceira também ficou muito a desejar nesse sentido. Porque os contatos que tínhamos antes, até porque o conselho britânico ele era mediador entre as duas escolas, daí então quando o mediador saiu, ficou como se fosse um elo meio que partido, então ficou o contato maior não ta tendo mais esse contato com a escola da Inglaterra (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Mas com a saída do conselho britânico perdemos um pouco o vínculo maior [...] eu acho que já no final de 2011 pra cá quebrou um pouco, não porque o conselho tivesse culpa, mas porque ele tinha que se desligar (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Percebemos esse hiato, sentido pelos docentes, prejudicando a continuidade das ações e, em algumas escolas, a paralisação, exemplificado pela interrupção dos cursos do Sonhos & Times para a formação de novos tutores e jovens líderes.

Para contornarem o problema identificamos, o convite, pelos professores, (A, C, E e F) dos tutores de outras escolas próximas com o intuito de realizarem os treinamentos dos novos Jovens Líderes, evitando a suspensão das ações. A nosso ver, essa estratégia foi pertinente, pois aumentou o contato entre as mesmas, favorecendo as trocas e novas parcerias, porém não contaram com a ajuda da Secretaria de Educação para liberação dos tutores ou carga horária.

Porém apenas em 2012, ou seja, dois anos após o término do convênio, o Governo de PE determinou uma pessoa para exercer a gestão do PII, sendo o Professor I, ora também Tutor *Másteres*, que assumiu um lugar na Secretaria para gerir e ampliar as ações do programa.

De acordo com o Professor I (PROFESSOR I/ENTREVISTA), existe um plano de expansão do PII em nosso estado até 2016, com a participação de novas escolas e a formação de mais tutores, acarretando no aumento de crianças envolvidas no programa. Todavia a parceria entre escolas e as trocas culturais será em nível local, porém, segundo a gestão, ainda assim irá produzir impactos significativos, visto a abrangência de nosso estado e as diferentes realidades entre os municípios.

Dessa forma, reconhecemos que a Gestão do PII em nosso estado não conseguiu cumprir totalmente com os acordos firmados, por questões relacionadas a: financiamento, infraestrutura e gestão das atividades; ou seja, sem esses problemas, o programa poderia ocorrer de forma plena em nossa realidade. Essas fragilidades sobrecarregaram e deixaram os professores sem um apoio para enfrentarem as dificuldades diárias, prejudicando a continuidade das ações nas escolas, a falta de apoio financeiro (PROFESSOR A, C, E e F/ENTREVISTA) e a sua inserção no currículo.

Assim temos um programa NA escola, pensado pelas instituições inglesas e, o DA escola, a partir da nossa realidade, através das quais ocorreram adaptações devido às dificuldades (materiais, estruturais e políticas) enfrentadas para sua materialização. Acrescentamos também, a capacidade dos sujeitos envolvidos em produzirem situações não pensadas anteriormente, visto a autonomia para a

sistematização, de acordo com a realidade de cada escola, possível através da Educação Intercultural que permeou todas as ações do PII em nosso estado.

4.3 A Educação Intercultural no PII

Constatamos nos documentos que para tornar a parceria efetiva se faz necessária a inserção do programa no currículo das instituições, possibilitando “integrar a parceria, plenamente, ao plano de desenvolvimento da escola” (BRITISH COUNCIL, 2008c), ou seja, existiu a intencionalidade da relação do PII com os documentos norteadores da escola, procurando se adequar à nossa política educacional.

Percebemos ainda que, para a sistematização e materialização dos programas propostos pelo PII, faz-se presente a Educação Intercultural, pois essa permeia as ações desenvolvidas principalmente através da parceria entre as escolas inglesas e brasileiras. Esta concepção educacional busca o desenvolvimento da interação e da reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo, promovendo a construção de identidades sociais e o reconhecimento às diferenças culturais nos mais diferentes setores.

Eles quando vieram para cá, eles acharam bem diferente a questão da comida, aqui o almoço é almoço mesmo e lá é um lanche de meio dia, eles comem muito bem de manhã com feijão e tudo. Então tem toda essa troca de cultura e costumes de tudo. A parte também educacional, aqui ele viu que o funcionamento da escola, que a escola aqui os professores é que vão pras salas, se deslocam, lá os professores não se deslocam, são os alunos que se deslocam pras salas, o professor fica fixo na sala com toda a estrutura de data show e tudo mais que você imaginar (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Então essa troca entre intercâmbio cultural com a comunidade e com a escola, essa troca ela é bem feita, essa troca evolui a escola e a comunidade. Enquanto também essa troca do intercâmbio cultural com a Inglaterra ela melhorou muito também para a gente, porque veio e a gente fez trocas de alguns jogos e eles levaram o frevo, a nossa capoeira. Recentemente eu recebi um vídeo com festival de dança, agora as danças eram todas temáticas de lá, tudo assim: jazz, dança de rua e eles observaram muito aqui também o que a gente gosta (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Estas trocas favoreceram aos professores reconhecerem as diferenças e as singularidades dos países, não se limitando a aspectos educacionais; todavia para isso ser possível é preciso existir um respeito e uma reciprocidade mútua entre os

envolvidos. Entendendo que não existe uma cultura superior ou inferior, contudo acreditando nas diferenças, pois em nossa sociedade capitalista, observamos as culturas dominantes invadirem as dos dominados, causando perdas de parte da identidade cultural, através da imposição de estilos de vida e costumes sociais divergentes da cultura local.

No entanto, esta perspectiva problematizadora da dimensão intercultural pode oferecer aos agentes – institucionais ou populares – instrumentos indispensáveis à sua prática educativa, possibilitando a valorização e o consequente resgate cultural.

Porque na medida em que o jovem descobre essa parte cultural dentro do próprio convívio de onde ele mora, de onde ele estuda, de onde ele vai a igreja, a padaria em todo o lugar, é uma coisa assim. No São João isso é bem claro, no carnaval é mais claro ainda porque a comunidade tá se materializando cada vez mais e a escola ela se envolve com cerca de 80% dos alunos da escola eles dançam quadrilha, eles participam de carnaval e muito, bloco disso e bloco daquilo estão sempre lá (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

O PII contribui pedagogicamente ao agregar à prática dos professores, o reconhecimento e a riqueza da cultura local, pertinentes à construção da nossa identidade, através da resignificação das práticas corporais, historicamente construídas e, inerentes a um programa implementado em países com realidades sociais e culturais diferentes.

De acordo com Fleuri (2001), o documento da UNESCO, “Declaração Sobre Raça e Sobre Preconceito Raciais”, foi um dos primeiros textos a propor os conceitos da educação intercultural. Além disso, para o autor a relação intercultural indica uma situação de interação entre pessoas de culturas diferentes, ou uma atividade com a necessidade de tal interação, sendo pertinente para os envolvidos compreenderem a singularidade e o valor de sua própria cultura e, estarem abertos a conhecerem outras culturas coerentes com os critérios estabelecidos pelo BC (BRITISH COUNCIL, 2008c) para a seleção dos Tutores.

A valorização de outros espaços, ter a cabeça aberta para aprender outras coisas que não só a limitação do teu contexto cultural. Como eu digo a gente vive um contexto, mas se nós não temos uma cabeça dessa para experimentar novas culturas, nós ficamos limitados e aí o nosso contexto cultural fica limitado e aí quanto mais abrangência, quanto mais aquisição de novas culturas, melhor para o acervo cultural, melhor pra essa educação intercultural (PROFESSOR B/ENTREVISTA)

O que eles falavam sempre é que, o que, a gente tem que respeitar a cultura a cima de tudo, respeitar as culturas de todos, porque tem as suas particularidades tem suas coisas (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Desde a seleção e a formação dos tutores já existia um cuidado do BC para formulação do perfil, permitindo, dessa forma, essas trocas através da Educação Intercultural e, possibilitando uma ampliação dos conhecimentos para os envolvidos, através de uma situação de respeito mútuo para a construção das identidades pessoais.

Exemplificamos: quando uma criança do sertão de Pernambuco conversa com outra no interior da Inglaterra, , ou seja, eles iniciam um processo de descoberta e interação que se torna uma experiência de vida única. Temos, então, uma possibilidade para conhecer as diferenças e semelhanças entre essas realidades. Para Fleuri (2001), com base em Candau, a ênfase na relação intencional entre sujeitos de diferentes culturas constitui o traço característico da relação intercultural, elucidado pelo depoimento de um Jovem Líder (18 anos):

Apreendi sobre como trabalhar com a diversidade cultural, fiz muitos amigos novos, e percebi que, apesar de nossas experiências diferentes, todos nós capazes de realizar ações de impacto em nossos próprios países (BRITISH COUNCIL, s.d).

Demonstra-se a ideia central do programa visando à promoção da prática esportiva e o intercâmbio entre os Jovens Líderes, fomentando a reflexão sobre as diferentes culturas. Para Nanni (apud FLEURI, 2001, p. 55), a educação intercultural pode ser definida operacionalmente como:

Um processo multidimensional, de interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes, estes, através do encontro intercultural, vivem uma experiência profunda e complexa de conflito/acolhimento. É uma oportunidade de crescimento cultural pessoal de cada um, na perspectiva de mudar estruturas e relações que impedem a construção de uma nova convivência civil.

Desta forma, esta concepção indica que a educação intercultural ultrapassa a perspectiva da educação multicultural. Esta última reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre diferentes grupos identitários (FLEURI, 2001). Já a educação intercultural busca construir uma relação recíproca entre os envolvidos, que gere mudanças em cada indivíduo, favorecendo a

consciência de si e reforçando a própria identidade, procurando não uma imposição ou substituição, mas uma dinâmica para permitir uma mescla entre as culturas.

A Educação Intercultural foi muito bom para materializar o programa aqui com os três que foram pra Inglaterra, foi uma visão de educação impressionante pra eles, principalmente para o jovem líder da época que viajou. [...] quando ele trouxe a visão dele da Inglaterra e conversou com as crianças, serviu até de estímulo de incentivo pra que os demais se interessassem mais para no próximo ano tentar conquistar a vaga pra ir à Inglaterra (PROFESSOR G/ENTREVISTA).

Para o professor G, o impacto foi maior para as pessoas que viajaram para a Inglaterra devido ao contato direto com os ingleses. Apontamos também a utilização de um estímulo, pelo PII, frente à possibilidade de conviver e conhecer pessoas de outras culturas, utilizando-se de diferentes meios. Visa, por sua vez, reconhecer as riquezas presentes na cultura local e observar o mesmo fenômeno, sem olhar de forma etnocêntrica e preconceituosa, mas com um respeito recíproco, permitindo ressignificar práticas culturalmente determinadas e historicamente construídas.

Para Silva (2001), com base em Paciano Feroso Estébanez, essa dinâmica beneficia a integração e a reciprocidade de maneira a se enriquecer mutuamente. Pois conserva identidades próprias, concomitantemente, a possibilidade de cruzamento destas culturas que acabam, por sua vez, sendo estimuladoras de novas construções identitárias híbridas ou mestiças.

Ou seja, entendemos a busca do PII com relação ao incentivo entre os envolvidos no processo, para uma reflexão acerca da diversidade cultural presente nos dois países, utilizando-se do esporte como uma plataforma, numa perspectiva para fomentar a relação intercultural.

Diferentemente da visão etnocêntrica que se baseia na supervalorização da própria cultura em detrimento das demais. Todavia, ao utilizarmos um olhar sociológico, uma cultura não pode ser compreendida a partir da lógica de outra cultura, pois não há superioridade e sim diferenças. Culturas essas trazendo consigo, estereótipos a serem revistos, conforme encontrado nos planos de parceria e nas entrevistas a necessidade de se rever atitudes aprendidas culturalmente, através de experiências que permitam essa reflexão.

Educação intercultural configura-se como uma pedagógica do encontro até suas últimas consequências, visando a promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrativas diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento (FLEURI, 2001, p. 53-54).

Desta forma, essas experiências causam um desdobramento ou conclusão imprevisível, a partir da relação intercultural, motivando uma particular oportunidade de crescimento da cultura individual, assim como as mudanças das relações sociais. Essa relação intercultural também permeia as ações desenvolvidas nas escolas, ao possibilitar a inserção de práticas culturais esportivas brasileiras e inglesas. Observamos uma reciprocidade no próprio sentido e significado do programa frente às suas ações, respeitando e procurando conhecer a cultura e a realidade dos países.

Ao dar continuidade no PII em nosso estado, em um primeiro momento, essas trocas não acontecerão entre os países, mas sim localmente. Essa limitação incipiente foi vista como prejudicial ao programa na visão do Professor I:

É uma coisa que me preocupou quando me foi colocado que a gente não teria mais o intercâmbio. Porque a educação intercultural é eu aprender com o outro em uma comunidade diferente, pelo menos isso é uma coisa que enche os olhos das pessoas é a oportunidade de conhecer a cultura de um outro país (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Na fala do docente, observamos que a troca cultural entre os países favorece uma rica aprendizagem e a participação de outras pessoas. Porém, o professor menciona ainda haver ganho para os envolvidos, por possibilitar aos jovens líderes se conhecerem e realizarem festivais nas diferentes localidades, levando consigo as experiências culturais e assim, formar uma rede integrada no Brasil, pois o “programa vai chegar nas doze cidades da copa do mundo e ai quem sabe até ampliar pra fora do país” (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Assim sendo, compreendemos, através da educação intercultural, a viabilização, pelo PII da possibilidade de vivenciar experiências que extrapolem os muros da escola numa relação direta com o aprendizado, incentivando a construção de valores sociais e culturais a partir do conhecimento acerca de outras realidades, através da prática esportiva.

Portanto, verificamos a importância de uma educação cujo objetivo respeita as diferenças culturais, sendo, portanto, fundamental para um projeto que busca essa inovação no currículo, bem como a interação entre os países, considerando as diferenças sem impor uma sobre a outra.

Desenvolver nos alunos e professores das duas escolas o conhecimento recíproco de suas culturas, línguas e casos específicos; Ambas as escolas contribuirão com seu conhecimento em dança e música locais e terão assim um melhor entendimento das culturas e línguas uns dos outros; As escolas H e PIH irão realizar Trocas de informações sobre culinária, danças, música, futebol de salão, badminton e capoeira durante todo o ano (ESCOLA H/PLANO DE PARCERIA).

Demonstrando o crescimento da consciência crítica, cultural e intelectual; Mini-projeto interdisciplinar sobre os aspectos físicos, históricos e cultural do país parceiro estabelecendo semelhanças e diferenças; Vivência de mini-projeto interdisciplinar envolvendo os professores de português, matemática, educação física, ciência, história, geografia, inglês, artes e metodologias para o desenvolvimento de estudos dos aspectos físicos, históricos e culturais do país parceiro estabelecendo, semelhanças e diferenças culturais (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA).

Enriquecer a compreensão das diferentes culturas; Aumentar o interesse da escola com relação a outras culturas, possibilitando a permanência do aluno na escola, contribuindo com um trabalho de projetos interdisciplinares, ampliando a participação ativa dos alunos e suas relações com os outros que irá contribuir para atenuar os problemas sociais; Realização no mês de setembro do ano em curso de uma feira de conhecimento aberta à comunidade para exposição da produção dos alunos da escola sobre aspectos relevantes do Reino Unido nas artes, no esporte, na cultura etc, estabelecendo semelhanças e diferenças com relação ao Brasil (ESCOLA A/PLANO DE PARCERIA).

Impactar a escola e a comunidade, oferecendo diversas atividades recreativas e esportivas, voltadas para o crescimento intelectual e profissional dos envolvidos, através de capacitações oferecidas pelo Projeto. Acreditando com isso que haja um desenvolvimento maior na consciência internacional, uma vez que se trata de intercâmbio de informações. (ESCOLA G/PLANO DE PARCERIA).

Elevar a consciência cultural em ambas às escolas. Estabelecer um clube de câmbio cultural – EMAIL ou Carta; Aumentar a consciência cultural dos nossos alunos; Aumento e entendimento da experiência educativa, os alunos de outros Países e cidadania global; Aumentar o conhecimento do esporte, inglês, danças e música mais profundo e suficiente para fornecer aos nossos próprios alunos; Maior conhecimento cultural (ESCOLA C/PLANO DE PARCERIA).

Identificamos que estas parcerias são projetadas para permitir aos envolvidos compartilharem as experiências e adotarem uma abordagem inovadora em escolas públicas de PE, no uso das aulas de Educação Física, da prática esportiva e das artes para beneficiar crianças, jovens e comunidade em geral. Utilizando-se da cultura como fonte de conhecimento, refletindo diretamente na prática pedagógica dos professores e nos conhecimentos dos alunos e, contribuir para a formação humana dos alunos.

Outro aspecto encontrado foi a intencionalidade do PII em diminuir a violência escolar através da parceria internacional, aumentando o tempo do aluno dentro da

escola (ESCOLA A/PLANO DE PARCERIA). Observamos ainda a ida do futsal, capoeira e danças populares da nossa região para as escolas parceiras, em um processo que permitiu a vinda do badminton, *netball*, críquete e rúgbi, subsidiando a inserção dessas novas práticas na cultura escolar local.

Constatamos ainda nos planos de parcerias que entre os conhecimentos culturais compartilhados, a música foi abordada nos escopos das escolas C e H, a dança e a culinária surgiram no planejamento da escola H. Compreendemos que a educação intercultural permitiu uma vasta possibilidade de ações, contribuindo desta forma, para enriquecer as ações pedagógicas desenvolvidas; tendo a Escola H, abarcado um número maior de conhecimentos culturais em suas atividades.

Todavia, essa troca intercultural não se limita apenas às escolas inglesas e brasileiras; pois a Escola G busca em seu plano de parceria:

Promover um encontro entre escolas de Pernambuco envolvidas no Projeto de Inspiração Internacional, proporcionando troca de informações vivenciadas no ano pelas Escolas; Visitar de Professores e Jovens Líderes a uma escola envolvida no Projeto de Inspiração Internacional do estado de Alagoas no sertão de Pernambuco, afim de proporcionar aos Jovens Líderes e Professores envolvidos no Projeto uma visão de como acontece o projeto numa região diferente da nossa.

Então, dessa forma, a educação intercultural presente no PII motiva o intercâmbio cultural, e este, não se restringe aos países, pois também procura agregar o estado de Alagoas ou bairros, segundo exemplificado pela Escola G em seu plano de parceria e na fala do Professor I, valorizando assim, todo esse processo pedagógico, identificando as diferenças e as similaridades. Vislumbramos a diversidade presente em nosso estado, mesmo em realidades tão próximas, enriquecendo as experiências socioeducacionais .

Garantir que esses jovens tivessem uma capacidade ou fossem estimulados a se desenvolverem, a desenvolver o que a de melhor neles, a entenderem as suas necessidades e buscarem se desenvolver, esse foi o elemento principal (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Nesse panorama, não apenas o esporte foi utilizado, mas a dança, as artes e outras áreas, com a participação de professores, gestores, jovens líderes e as comunidades, por intermédio de uma relação que permitisse materializar o PII em nosso estado, sendo a Educação Intercultural, na visão dos professores (A, B, C, E,

F, G e I/ENTREVISTA), importante para essas ações, contribuindo em suas práticas pedagógicas e também como pessoas.

Para o professor A deveria ser implementada em nossas escolas estaduais, a possibilidade dos intercâmbios culturais através das situações propostas pelo PII, com subsídios da Educação Intercultural; porém ressalta a necessidade de uma melhor infraestrutura para a implementação das atividades. Além disso, o Docente B ratifica que a oportunidade de viajar à Inglaterra contribuiu na sua formação profissional.

Ter conhecido eles lá, vê como eles desde os simples detalhes como eles se cumprimentam ou como eles convivem, até mesmo como eles lecionam a aula, eu achei fundamental. Eu digo para você que eu não seria igual a eles, mas admiro o jeito de como eles e poderia me adaptar ao modo como que eles vivem (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

De fato, observamos a importância dessas trocas para os professores, todavia, segundo destaca o Professor G, o impacto foi maior para as pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer em lócus, as escolas inglesas. Entretanto, segundo Fleuri (2001) com base em Nanni, para a educação intercultural ocorrer plenamente é necessário haver três mudanças no sistema escolar: primeiro, a realização do princípio da igualdade de oportunidades, pois a educação intercultural requer o tratamento das instituições educativas e dos grupos populares não como cidadãos de segunda categoria, mas que se reconheça seu papel ativo na elaboração, na escola e atuação das estratégias educativas.

Com relação à segunda mudança temos a reelaboração dos livros didáticos, a adoção de técnicas e de instrumentos mediais, estimulando a interdisciplinaridade e de forma multimedial; particularmente, os livros didáticos deverão sofrer profundas mudanças. Esses são escritos geralmente na perspectiva da cultura oficial e hegemônica, e não para alunos pertencentes a muitas culturas, diferentes entre si, justamente no modo de interpretar fatos, eventos, modelos de comportamento, ideias, valores.

Já a terceira alteração seria a formação e a requalificação dos educadores, talvez, considerados como problema decisivo, acarretando no sucesso ou o fracasso da proposta intercultural, procurando a superação da perspectiva monocultural e etnocêntrica que configura os modos tradicionais e consolidados de educar.

Assim sendo, para a educação intercultural ser materializada plenamente, torna-se necessária uma mudança nas práticas educacionais. Portanto é preciso repensar sobre como se pratica a educação em seus diferentes setores. Desde a formação dos professores à construção dos livros didáticos, buscando assim, uma construção democrática, justa, humana e inclusiva, com a igualdade de oportunidades; possibilitando superarmos as desigualdades sociais e os preconceitos culturalmente estabelecidos, visando à ascensão de seus membros através da formação de sujeitos históricos, ativos, criativos e críticos, capazes de exercerem sua cidadania plena.

Ao analisarmos os documentos e as falas, detectamos para materializar essa concepção de educação, o emprego dos três programas (TOPS, Sonhos & Times e o Link entre escolas). Estes podem atuar de forma conjunta ou não, através das ações orientadas pelos Professores e Jovens Líderes para toda a comunidade escolar.

Pois agregam mudanças visando valorizar: a cultura local e seus aspectos educacionais, a adoção de novas metodologias para o ensino e o trato do esporte dentro das escolas; ampliando o conhecimento sobre a cultura inglesa e por fim a realização de cursos de formação dos tutores e jovens líderes, procurando ressignificar ações desenvolvidas no ambiente escolar, corroborando nos elementos por Fleuri (2001) para a Educação Intercultural se materializar no “chão da escola”.

Esses programas, através da educação intercultural, trouxeram para a prática pedagógica dos professores inovações que contribuiriam para o ensino do esporte dentro da escola. Compreendemos inovação pedagógica, a partir dos estudos de Melo (2007a, p. 62) com base numa concepção crítica de ensino, em que:

Ocorram na prática curricular dos professores, uma redefinição dos critérios de seleção e de organização dos saberes escolares, uma mudança nas concepções de ensino, contribuindo para que os professores desenvolvam uma consciência crítica, questionando o conhecimento tido como oficialmente válido e recriando criticamente os conteúdos que transmite.

Ou seja, contribuir para a aprendizagem do aluno, utilizando uma relação dialógica na construção do currículo escolar, tornando-o mais próximo e comprometido com os conhecimentos presentes no contexto social; Por sua vez, a inovação não está necessariamente relacionada a algum método ou modelo de

ensino novo, mas em ações que possibilitem aos professores a análise de suas concepções de ensino, seleção e organização dos saberes.

De acordo com o dicionário online Michaelis (2012), o verbete inovação pode ser definido como: ato ou efeito de inovar e renovação. Inovar significa fazer inovações, introduzir novidades, produzir algo novo, encontrar novo processo, renovar. Ou seja, fazer parte do PII, possibilitou aos docentes a introdução de algo novo em sua realidade, influenciando os processos no “chão da escola”, mas também favoreceu uma renovação de suas práticas com base nas reflexões subsidiadas pela educação intercultural, através do intercâmbio com os professores ingleses.

Investigamos através dos questionários exploratórios se o PII trouxe algo de novo a prática pedagógica dos docentes. Com relação aos professores que tiveram contato com o programa Link entre escolas:

Trouxe uma maior aproximação com meus alunos de saber suas reais necessidades e transformou minha prática pedagógica mais concreta. (PROFESSOR A/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO)

Uma didática diferente de ensino onde o aluno tem uma maior compreensão e aprendizado, melhorou na dinamicidade das atividades e interatividades entre os alunos, ganhei credibilidade com a proposta de trabalho e reconhecimento louvável no espaço escolar etc... (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Esse Programa não só trouxe algo novo, como permaneceu bem forte nas mudanças que fiz e realizei nas minhas práticas pedagógicas. Percebi a grande diferença que existia entre ser um professor e ser um Tutor (PROFESSOR C/QUESTIONÁRIO).

sim, parcerias, intercâmbio, motivação, comportamento organizacional, liderança, solidariedade (PROFESSOR F/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Para os tutores que tiveram contato apenas com o programa Sonhos &Times:

O programa ajudou a dinamizar minhas aulas e a me envolver com o trabalho voluntário, além de me conscientizar mais para a importância da prática esportiva. (PROFESSOR D/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO)

Na realidade não trouxe novidades principalmente para profissionais de Educação Física, mas o programa é muito interessante porque nos faz repensar pontos imprescindíveis para a nossa prática pedagógica: tempo pedagógico, uso de material, espaço físico e principalmente a capacidade e o espírito de liderança dos nossos alunos (PROFESSOR E/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Constatamos primeiro, aspectos pertinentes às mudanças na prática dos professores, especialmente, dos participantes da ferramenta link entre escolas. Entretanto, um dos professores que participou apenas com o Sonhos & Times alega que, com relação à educação física, não trouxe novidades para sua prática, mas contribuiu pedagogicamente para refletir aspectos como tempo pedagógico, uso do material, capacidade e espírito de liderança dos seus alunos.

Observamos, o PII possibilitando aos docentes, através da Educação Intercultural, refletirem sobre suas práticas, mesmo não trazendo algo propriamente “novo”, conforme descrito pelo professor E. Todavia a possibilidade de conhecer diferentes formas de se apropriar do fenômeno contribuiu para o avanço na prática dos envolvidos, principalmente na relação professor/aluno.

Outro aspecto constatado como positivo para os professores e, abordado anteriormente foi a participação da comunidade dentro da escola, permitindo aproximar as famílias das ações realizadas. Além disso, para os professores (A, B, C, E, F, I/ENTREVISTA) o PII modificou a forma de olhar as potencialidades dos alunos, inovando suas práticas.

Só influenciou, até hoje eu aplico e adotei uma didática bem diferente da que eu tinha antes, foi uma experiência a mais. Algumas atividades práticas que eu não modifiquei (feita pelos alunos) e adotei-as e até hoje coloco em prática (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Assim eu acho que hoje eu sou mais construtiva e espero muito do protagonismo do aluno hoje em dia, Eu espero toda vez que trago um material ou uma vivência, eu espero a colaboração dele com maior intensidade. Eu acho um crescimento e espero que isso contribua para as relações interpessoais dele, das relações de pertencimento a um grupo, eu me preocupo com isso. Preocupo-me também nas aulas de educação física que a gente tivesse essa qualidade de materiais, um fardamento adequado pra trabalho, infelizmente não é a nossa realidade em escola pública (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Observamos que de fato, ao formar o tutor, o programa estimula o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, permitindo uma relação de crescimento mútuo dos envolvidos. Pois é preciso o professor compreender o discente, não como algo vazio, mas um ser historicamente em formação, compreendendo que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE. P, 2010). Ou seja, ao colocar o educando como sujeito das ações, o tutor criaria alternativas para

a produção do saber, originada pelas relações sociais presentes nas atividades desenvolvidas com base na Educação Intercultural.

O Sonhos & Times tem papel fundamental nesse sentido, pois motiva os jovens líderes a situações de sujeitos no processo para o ensino e a prática esportiva (BRITISH COUNCIL, 2008a,b). Segundo os professores, os jovens líderes exercem ativamente as atividades, utilizando diferentes funções, sendo este um aspecto relevante para o programa, a valorização do aluno. Ainda segundo um dos docentes, o programa inova nesse sentido.

Eu acho muito bom pra formar esses jovens líderes é dar responsabilidade a esses meninos, é... Eles têm muita capacidade sabe, eles tem, eles tem mais no momento, o que eu acho diferencial, o que eu acho legal esse, porque muitas vezes no dia-dia de aula, de todas as disciplinas o professor não enxerga muito bem o menino sabe, a gente de educação física já vê de outra forma e dentro desse projeto eu acho melhor ainda, porque pra gente de educação física aquele menino que a gente diz, que menino... Hiperativo, muito danado, cada um que taxa o menino de alguma forma, mas é esse menino que a gente gosta (PROFESSOR E /ENTREVISTA).

Possibilita assim uma reflexão sobre o papel do aluno na prática pedagógica do professor, e sua relação com o conhecimento tratado, promovendo inovações ao compreender o discente como um sujeito ativo nesse processo dinâmico e contínuo, através da reflexão sobre o sistema educacional e suas concepções de educação. De acordo com Lima (2000), as reformas dos sistemas educativos deveriam provocar discussões, não somente entre especialistas e docentes, mas também entre sociedade e nesta, podem fazer suas intervenções.

Essas discussões contribuem para caminhararmos pela ótica do aluno, não como um objetivo, mas sujeito do processo, assim o professor precisa deliberar sobre sua visão de sociedade, função da escola e sua prática no processo educativo. Ao realizarem os festivais esportivos, os jovens líderes começam a vislumbrar potenciais que numa educação tradicional e bancária (FREIRE. P, 2010) não teriam possibilidade.

E no projeto a gente tem mais espaço para trabalhar com eles, ai outro dia chegou pra mim e disse: professor eu não sabia que era capaz de fazer tanta coisa, eu achava que eu não tinha condições, não tenho de organizar e de sentar. É bem interessante por isso, porque a gente passa a ver o menino de uma outra forma, dentro daquele lado... (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

O próprio ensino do esporte com base no tecnicismo e com ênfase para a repetição pela repetição, acarreta uma alienação referente ao fenômeno praticado e suas implicações na sociedade. O aluno é visto como um simples “material” a ser aperfeiçoado, cada vez mais em busca de uma vitória a qualquer custo dentro do ambiente escolar, negando ao discente a reflexão e a experiência de criar e recriar o fenômeno estudado e ensinado, contribuindo para um conhecimento atrofiado, diferentemente de um PPP crítico que busca o exercício pleno da cidadania. Para Neira (2009, p. 65),

A cidadania eleva o educando a condição de sujeito no seu processo de ensino, capacitando-o para a participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente o desenvolvimento de competências técnicas, mas também de conhecimentos e convívio com os semelhantes, tais conquistas dar-se-ão unicamente caso a prática esportiva seja, como dizia Paulo Freire, permeada pela problematização das situações vividas com um constante incitamento ao diálogo para o encontro de soluções verdadeiramente democráticas.

Compreendemos que ao ensinar o esporte dentro da escola, o professor deve buscar problematizar e instigar o aluno a ponderar sobre o fenômeno e a analogia com a vida em sociedade, colaborando para uma relação do saber que contribua significativamente para os envolvidos no processo. Ou seja, corroborando temos a proposta do PII, que através da liderança juvenil utiliza o esporte como uma plataforma para debater sobre diferentes temáticas sociais e procura a formação do cidadão, diferentemente de uma concepção voltada à educação do esporte através da exclusiva prática esportiva sem nenhuma reflexão, reproduzindo uma educação tradicional e tecnicista, tratando o aluno como “coisa”.

O professor ao subsidiar o estudante para organização, sistematização e materialização dos festivais esportivos contribui para a ótica do discente como agente modificador e atuante perante a sociedade, inovando ao se apropriar do fenômeno esportivo através das ações desenvolvidas, exigindo atitudes e valores, ora não estimulados pela educação tradicional, contribuindo com o programa para o exercício pleno da cidadania. Para o professor E em sua escola,

Os professores e equipe gestora indicam os alunos que se destacam e se enquadram no perfil do projeto, mas a nossa prioridade é para aqueles que possuem uma liderança mas não direciona positivamente. O nosso objetivo é usar o potencial do aluno para produzir e se sentir útil na sociedade como cidadão (PROFESSOR E/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Cidadania essa, originada pela relação com a comunidade, e estimulada a partir dos festivais, visando uma interação mais frequente com a escola e com os alunos. Logo, originando atividades que promovam não apenas a prática, mas a reflexão durante as vivências dentro e fora da escola, como encontrado no questionário exploratório e plano de parcerias, o interesse na participação da comunidade nas atividades do PII.

Foram imbuídas no projeto político pedagógico da escola, adotadas nas aulas de educação física e realizações nas escolas e aplicadas pelos jovens líderes atuantes a todo instante nas dependências e fora da escola juntamente com outras escolas e comunidades circunvizinhas. (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Os jovens também estavam sempre presentes em todas as ações realizadas na escola, como por exemplo: Dia das Mães, Professor, Dia das crianças, Semana da Pessoa Portadora de Deficiência e outras. Em 2010 iniciamos uma nova atividade, realizamos um Festival numa escola do Interior de Pernambuco, realizamos A primeira Colônia de Férias na Comunidade, nossa comunidade. Também exploramos movimentos culturais durante as férias dos Jovens Líderes; Museu, Cinema, Circuito da Poesia, Praia e parque da Jaqueira. Em 2011 iniciamos uma novo Projeto de Trabalho. I Festival na Pestalozzi do Recife foi um sucesso. (PROFESSOR C/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Após o treinamento que fiz em Recife, de volta a escola que trabalho, escolhi 20 jovens para participar do treinamento que eu mesmo iria ministrar na própria escola. O treinamento, que teve a duração de dois meses, culminou com a realização de um festival artístico e esportivo promovido pelos Jovens Líderes numa escola da comunidade (PROFESSOR D/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Socializando o trabalho através do interesse de outras escolas de conhecer aplicar nas suas práticas; Apresentação dos resultados das outras escolas no festival Inter-geracional. [...] oficinas e seminários na própria escola e escolas municipais, estaduais com troca de informações entre as escolas parceiras, possibilitando correções de conceitos culturais (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009b).

Observamos que a atuação dos Jovens Líderes nos festivais extrapola os espaços das escolas e agrega em alguns casos, não apenas a comunidade circunvizinha, mas amplia a parceria com escolas próximas, procurando estimular essa participação na cultura escolar através do esporte, da dança e das artes presentes nos festivais, reafirmando assim, a importância de refletir o papel do discente enquanto sujeito.

Entretanto para o aluno ser visto como sujeito e não como objeto na sua relação para o exercício da cidadania, os estudantes não podem ficar limitados à

execução de atividades ou a um discurso pré-estabelecido, faz-se necessário o norteamento para a reflexão, no mesmo sentido da prática do esporte.

Assim, ao propor o discente como sujeito do processo, contribuindo para a formação do cidadão através do esporte, não podemos ecoar um discurso vazio e tratar o aluno apenas como objeto/executor de atividades, porque estaríamos favorecendo a uma formação acrítica e apenas psicologicamente compensatória – ou da simples adaptação dos jovens às perversas condições da atual ordem socioeconômica (FERRETI; ZIBAS; TARTUCE, 2004). Então é preciso entender que apenas exercer atividades de voluntariado dentro e fora da escola não garante essa plenitude, exigindo uma intencionalidade pedagógica por trás das ações.

4.4 O sentido e significado do esporte dentro do PII

Com relação ao esporte praticado no programa identificamos como sendo uma plataforma através da qual “jovens em diferentes países podem explorar juntos questões relativas ao ‘jogo limpo’, equidade, diversidade cultural, inclusão, religião, ética, comunicação global e muitas outras” (BRITISH COUNCIL, 2007a; 2007b; 2008a). Notamos o esporte sendo utilizado em: aulas de educação física, recreios ou intervalos de aula orientados, treinamentos, além de oficinas e nos festivais.

Detectamos o esporte, principalmente, numa visão de lazer (BRACHT, 2011), procurando através dele a educação, a inclusão, a socialização e ainda como uma ferramenta para aproximar o aluno da escola.

No festival buscávamos a interação, cooperação, solidarização, socialização, minimizar ou vamos dizer melhorar os laços afetivos da escola, porque aí nos festivais eles não trabalhavam de forma individualizada, mas de forma coletiva (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Porque ele sente que através do esporte consegue fazer com que o aluno permaneça na escola, permaneça com atenção de estudar. O aluno ele vê o esporte e vê também o outro lado que ele tem que estudar, porque somente jogar bola não vai ser ninguém na vida. A gente tem que buscar dentro do jogo a outra parte da vida dele, o estudar, o social e a família acho que envolve tudo o esporte (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Levar diversão, socialização e consciência intercultural [...] com o objetivo promover a integração, o respeito e a inclusão. Todos deviam participar, independentes de suas limitações físicas (PROFESSOR D/ENTREVISTA).

A ideia do pertencimento, a ideia da prática esportiva como um bem estar geral de socialização, de inclusão (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Verificamos aspectos perpassando as atividades propostas pelo programa, com base na Educação Intercultural, inerentes à compreensão do esporte além de uma visão de alto rendimento na escola, portanto, baseado em uma perspectiva intercultural. Além disso, observamos no esporte proposto pelo PII, aspectos pedagógicos, sociais e culturais, que o fenômeno traz consigo na sua essência e permite diferentes sentidos/significados para sua prática.

Acrescentamos também, o uso do esporte, pelos tutores e jovens, objetivando desencadear o potencial dos discentes, para ser, além de um atleta, um cidadão coerente com os valores da escola.

Ele vê no esporte aquilo que tem mais força em cima de um aluno, em cima de um garoto que não tem escola. Ele visa através do esporte mostrar a esse menino que ele pode ser um jogador, que ele pode ser um médico, ele pode ter outra profissão que escolher, necessariamente ele não precisa ficar na rua, ele não precisa deixar de estudar porque ele joga futebol (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Se ele tende ser um atleta que seja, agora que ele tenha autonomia, depois se ele não tiver de ser um atleta, que ele seja um cidadão que tenha autonomia para ser independente, que se dedica a seus estudos também (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

A gestão visualiza o esporte do PII como um:

Catalisador na verdade, é o meio pra atingir a educação, o protagonismo juvenil, o voluntariado, mas não é o esporte por si só. É o esporte aliado a Educação Física, porque o esporte em determinada situação ele pode ser excludente, então a intenção do programa é completamente oposto é inclusivo, então é o esporte como forma de ferramenta para atingir essas coisas (GESTÃO BC/ENTREVISTA).

Entendemos, deste modo, que essa concepção permitiu aos envolvidos entenderem o esporte como um meio de formação do cidadão. Empregando as potencialidades dos alunos para outras ações além do esporte, instigando a participação de todos e evitando assim, a exclusão no esporte, ocasionada por diversos fatores, tal como a valorização das habilidades físico/técnicas, ocasionando assim, o desinteresse de alguns alunos. Para evitar esse tipo de situação, observamos, nas falas dos sujeitos, a imbricação do esporte e a educação nas atividades desenvolvidas, num sentido de agregar a todos.

Detectamos, no esporte do PII, o estímulo à iniciação esportiva através das ações pedagógicas com os tutores e jovens líderes, pois estes participantes compreendiam as intervenções como atividades recreativas para vivenciarem as

modalidades (PROFESSOR A/ENTREVISTA) e também como uma confraternização (PROFESSOR E/ENTREVISTA), quando relacionado aos festivais e às gincanas, ratificando a nossa visão da dimensão do lazer.

Essa iniciação, que compreendemos ser benéfica, concede às crianças, público alvo dos momentos de intervenção do PII, conhecerem, vivenciarem e também tocarem nos materiais oficiais, para despertar o interesse pela prática esportiva. Ou seja, corroborando com o rodízio de modalidades entre os festivais e através da educação intercultural, esses aprendizes conhecerem esportes como o críquete, rúgbi, *netball* e o badminton, cujo processo está em ascensão em nosso país e que fazem parte da cultura escolar inglesa.

Os tutores veem como positivo o fato de agregarem essas novas práticas, pois existem crianças que não gostam das modalidades tradicionalmente jogadas e têm o acesso, muitas vezes, negado pela falta de conhecimento do professor sobre determinado conteúdo.

Se você não dá a oportunidade para que outras pessoas também possam conhecer outras modalidades você não tem como descobrir o atleta. Então a partir do momento em que ficou abrangente, ou seja, abriu o leque de oportunidade outros se identificaram (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

O professor ainda complementa:

Tem alunos, por exemplo, que não gosta de jogar esporte coletivos, mas que se identifica muito com o individual nada como o atletismo, tênis de mesa e o xadrez. E ai ele se identificou com uma das modalidades. O problema não está no aluno, o problema está em quem abre o leque, em que dá a oportunidade para o aluno possa se identificar (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Ao abarcar outras modalidades como o xadrez e o tênis de mesa, o PII permitiu aumentar o número de atletas dentro da escola, sendo um desafio para os tutores e jovens líderes se apropriarem das novas práticas, uma vez que algumas não fazem parte do nosso dia a dia, exigindo pesquisas e, em alguns casos, o apoio da escola parceira inglesa para acessar alguns dos materiais pedagógicos. Todavia, para os tutores o programa não estimula o alto rendimento, mas uma iniciação esportiva.

O programa em si não visa o alto rendimento, pelo menos aqui na escola é mais de integração social esportiva (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

A gente não partia para o treinamento físico ou técnico ou tático da modalidade dentro do programa não, agora se no momento surgiam talentosos, eles podiam participar do treinamento específico da modalidade (PROFESSOR F/ENTREVISTA)

Portanto mesmo procurando estabelecer a prática esportiva dentro das escolas, as atividades propostas eram voltadas para a integração, educação, socialização e aspectos culturais. Mas os “talentosos”, como definiu a professora, poderiam participar das equipes da escola em outros momentos, ou seja, separado do programa. É válido ressaltarmos o relato dos tutores sobre a presença de alunos nas atividades que procuravam o esporte de alto rendimento ou que, a partir das atividades, ingressaram em equipes.

Nesse sentido consideramos a importância da continuidade das ações, pois esta reforçaria a integração do programa com os outros espaços de práticas esportivas dentro da escola e ampliaria o universo de modalidades disponibilizadas para os alunos.

Compreendemos como salutar a formação desse atleta dentro da escola, todavia, ressaltamos que isso deve ocorrer com base no PPP da escola, como afirma Assis de Oliveira (2001). Esse documento norteador aborda as finalidades da escola, o seu papel social e a definição de formas operacionais e de ações a serem empreendidas no processo educativo (VEIGA, 2011); bem como, estabelece um nexo entre a formação do atleta com a escola e sua função social, entendendo ainda que aula de Educação Física não é um momento para tal fim.

Diante disso, o sentido/significado das práticas esportivas do programa favorece a moralização e o controle da violência (BOURDIEU, 1983; ELIAS, 1992) dos participantes em decorrência da prática esportiva. Pois se utilizam das ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores e jovens líderes, procurando viabilizar a competição presente nos jogos, de uma forma educacional e, com a participação de todos, uma vez que os alunos competem com e não contra o outro, valorizando ainda mais o lado educacional do esporte.

Identificamos também em nosso estudo de graduação (OLIVEIRA, 2008), o esporte sendo empregado como um catalisador para unir as pessoas e desenvolver as competências sociais, pessoais, cognitivas e culturais. Porém, Bourdieu (1990) nos chama a atenção sobre essas variadas utilizações sociais, sendo marcado a cada momento pelo uso dominante que é feito deles, como também ocorre com a

música ou um texto filosófico, portanto, considerando segundo Smit (2007) o esporte, ao mesmo tempo, um veneno ou remédio.

O professor através das ações pedagógicas com o esporte pode promover transformações duradouras em si e nos envolvidos no processo, mudanças estas, com efeitos positivos ou negativos na formação do atleta/cidadão, corroborando na fala dos professores, referente ao esporte no PII como sendo uma ferramenta educacional a favorecer na relação da escola com a comunidade, agregando aspectos alusivos à formação do cidadão,

Ao analisarmos os planos de parcerias de situações que remetem à relação do emprego do esporte e as comunidades, identificamos a:

Implementação dos esportes do Reino Unido (*badminton*, críquete, rúgbi) no projeto "Escola Aberta" que acontece nos finais de semana (sábado e domingo) para jovens adolescentes e jovens, sobretudo, para aqueles em situação de risco social; Realizar um concurso para criação de um esporte inédito tanto para o Brasil quanto para a Inglaterra (ESCOLA A/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009a).

Estudo sobre os esportes: origem, regras, fundamentos técnicos, táticos e físicos, aspectos sociais e cognitivos dos alunos. Modalidades: Futebol, Futsal, Handebol, *Netball*, Rúgbi, Ginástica, Voleibol, Judô, Atletismo; Efetivação de treinamentos e oficinas nas escolas municipais; Vivência de mini-projetos interdisciplinares construídos com a equipe de professores as modalidades esportivas, sendo uma por turma (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009b).

Desenvolver uma filosofia Inclusiva na escola como um todo integrado com a comunidade através do Esporte e Artes aumentando assim o desempenho acadêmico (ESCOLA C/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009c).

Impactar a escola e a comunidade, oferecendo diversas atividades recreativas e esportivas, voltadas para o crescimento intelectual e profissional dos envolvidos, através de capacitações oferecidas pelo Projeto. Acreditando com isso que haja um desenvolvimento maior na consciência internacional, uma vez que se trata de intercâmbio de informações; Realização da 3ª Liga Escola G de Futsal, recebendo e hospedando em nossa escola, as escolas de Pernambuco e alagoas envolvidas no Projeto Inspiração Internacional, e mais escolas da região, para participarem do evento (ESCOLA G/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009e).

Observa-se a variedade de ações pedagógicas sistematizadas pelos tutores e jovens líderes para o trabalho com a comunidade, por um movimento de troca e ampliação das ações, não se limitando ao espaço da escola, mas agregando outros grupos e firmando novas parcerias locais.

Detectamos no Plano de Parceria A e B, a vinda de modalidades esportivas (rúgbi, badminton, *netball* e críquete), através das quais as crianças tiveram o acesso, ratificando o intercâmbio cultural Brasil e Inglaterra. Para os professores, uma dificuldade para materializarem essas novas modalidades foi principalmente enfrentarem uma cultura de práticas esportivas por vezes voltadas para o futsal, futebol e o handebol, exigindo dos envolvidos diversas atividades de introdução com a utilização da internet para fazerem pesquisas, assistirem vídeos e depois vivenciarem na prática (PROFESSOR A, B, C, F, G/ENTREVISTA); contavam também com os materiais disponibilizados pelas escolas parceiras da Inglaterra.

Com base nos questionários constatamos que as modalidades ensinadas com base nas parcerias com as escolas inglesas variavam de acordo com a escola e parceria.

Depois que voltei do Reino Unido, trouxe para a Escola as modalidades do Críquete inglês e o Rúgbi para os Jovens Líderes aprenderem e repassar essas modalidades para os menores. Depois quando os Jovens foram se multiplicando, em 2009 chegamos a ter 25 Jovens Líderes que atuavam, de acordo com as suas habilidades, nessas atividades diversas e daí foi tudo acontecendo no decorrer dos anos. (PROFESSOR A/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO)

Futsal, Handebol, *Netball*, Atletismo, Rúgbi, Voleibol, Basquetebol, Tênis de Mesa. (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO)

Sinceramente tive dificuldades em adaptar o *Netball*, mas procurei iniciar algumas praticas. Sendo assim trabalhei Danças, jogos populares, ginástica com material e os esportes: voleibol, futsal e iniciação ao basquete. (PROFESSOR C/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO)

Futsal, futebol, voleibol, handebol, rúgbi, críquete. (PROFESSOR F/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Em contrapartida, essa parceria permitiu aos professores, através da Educação Intercultural, a troca de modalidades de acordo com a realidade e a escola parceira, possibilitando a prática de modalidades tradicionalmente não ensinadas nas escolas brasileiras, como o rúgbi, críquete e o *netball*.

Entretanto observamos a dificuldade do professor C em adaptar o *netball* a sua escola. Pois, conforme afirmou, teve problemas no entendimento das regras, bem como a falta de informações em português da modalidade. Com relação às escolas participantes apenas da ferramenta Sonhos & Times, ocorreu a prática do vôlei, futebol e basquete, ou seja, não foram inseridas as modalidades da cultura inglesa.

Outra característica importante foi com relação à limitação dentro da escola, de modalidades tradicionais como o futebol para os meninos e queimado ou vôlei para as meninas. Na visão do professor E, falta aos docentes propiciarem modalidades diferentes, como ele relata, ao organizar um dos festivais com a vivência do basquete e como não tinha tabelas, construiu em conjunto com os jovens líderes.

Sempre num festival, a gente acrescentava (modalidade), voleibol e futsal, na ultima a gente ia colocar basquete, só que a gente não tinha cesta, ai vamos improvisar uma cesta pra eles não ficarem só no futsal, ai eles improvisaram uma cesta, deu certo até a metade do festival, depois não deu mais, então vamos, ai participou, colocou um balde no chão que era a cesta depois lá em cima, mas enfim deu para fazer alguma coisa do basquete, natação a gente tentou no subtenente, mas eles não deixaram porque era terceirizado [...] eu acho que isso mesmo, a cada momento que fosse fazendo botar uma modalidade diferente, uma coisa, pra eles, eles ficam curiosos, ninguém fique pensando que o menino gosta só de futebol que não é, eles gostam de outras coisas também, é porque as vezes não é proporcionado (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Na visão desse tutor, o discente teria acesso a diferentes modalidades na sua escola, mesmo que através da construção de materiais alternativos construídos em parceria com os alunos. Entretanto, resgatamos a questão recorrente da estrutura das escolas para o ensino das modalidades. Porém não impediu o professor de procurar uma atividade além do vivenciado tradicionalmente na escola, estimulando os discentes a conhecerem e praticarem além das tradicionais futebol e vôlei.

Nesse processo observamos primeiramente, um cuidado dos tutores em apresentar as modalidades em vídeos, visto que, algumas não passam na mídia brasileira, apoiando-se no uso da internet como uma ferramenta pedagógica importante para o ensino.

Eles achavam interessantes (as novas modalidades) porque a gente pesquisava também na internet. Eu procurei o netball na internet e tinha pouquíssimas coisas e depois elas mandaram pra mim as regras e a gente fez umas adaptações. [...] e os meninos gostavam porque era novidade, sempre uma coisa diferente e quando eles estavam com os outros das outras escolas. Ai muitas vezes a gente adaptava o críquete porque a gente não tinha tudo (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Essa relação permitiu aos alunos e docentes assistirem partidas e entenderem o jogo imbricado ao desafio de vivenciarem na prática as ações, evitando o desinteresse dos envolvidos e, apropriando-se das regras de forma

pedagógica, adequando-as as limitações de cada ambiente, indo além do ensino apenas pela prática, estimulando a pesquisa escolar para conhecer essas novas modalidades e seus aspectos organizacionais, técnicos, táticos e sua relação com a cultura.

Ao estimular a prática esportiva dentro das escolas, o programa estaria coerente com os objetivos de formar sistemas esportivos fortes, sustentáveis e efetivos. Assim identificamos a necessidade de uma iniciação esportiva que subsidie e mantenha uma base sólida. Além disso, possibilitou aos alunos além da prática esportiva a reflexão sobre as diferentes culturas, usando o esporte como uma plataforma.

O aspecto da iniciação esportiva estaria diretamente relacionado ao fato do PII ser um dos legados das Olimpíadas de Londres, em que, temos o esporte moderno e seus princípios da espetacularização, profissionalização e mercantilização regido pelo *fair play* e o espírito do cavalheirismo, tão propagado pelo Barão de Coubertin, idealizador do evento na modernidade. Todavia, compreendemos historicamente esse evento sendo palco de disputas políticas, sociais, culturais e econômicas, exemplificado pelos boicotes dos Estados Unidos e da antiga União Soviética.

Assim temos cada vez mais a influência de fatores externos carregando consigo a busca constante pela vitória, o recorde, a especialização, a racionalização e o treinamento; tendo esse mesmo esporte influenciando as aulas de educação física e as práticas esportivas dentro da escola (BRACHT, 1989; SOUZA JÚNIOR, 2001; DARIDO, 2008; TUBINO, 2011; COLETIVO DE AUTORES, 2012). E estas justificadas perante a sociedade como local para a formação de atletas, servindo de suporte para as instituições esportivas como um celeiro. Entretanto, em nenhum documento ou fala analisada houve menção a essa relação do PII e as atividades propostas.

No entanto, segundo o Professor A, poderia existir uma parceria das escolas com os Clubes e Equipes do estado, para que, caso fosse detectado algum aluno com o potencial esportivo, existisse uma forma de encaminhá-lo para testes. Constatamos a carência de uma política esportiva ecoando na fala do tutor devido à ausência de centros de treinamentos em nossas cidades das Federações e Confederações Esportivas, restringindo o aluno a clubes particulares e ainda arcando com todos os custos, fragilizando o nosso sistema esportivo em âmbito

nacional, visto a dificuldade para conseguirem patrocínios para competirem em alto nível.

Destacamos ainda nos documentos o esporte como sendo uma plataforma para se debater sobre diferentes assuntos com base na educação intercultural.

Estabelecer relação entre esporte e conhecimento; vôlei, futsal, futebol, ginástica, handebol, *netball*, rúgbi, atletismo, jogos educativos, brincadeiras, sendo que em ginástica e atletismo sendo essas duas últimas subdistribuídas dentre suas modalidades, onde todas as modalidades estarão distribuídas entre um total de 16 turmas sendo cada uma responsável para apresentação de um seminário ressaltando os aspectos técnicos, táticos e físicos do jogo, regras de jogo e condutas e aspectos que contribuem para o meio social, afetivo e cognitivo dos alunos (as) (ESCOLA B/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009b).

Utilizar o esporte como veículo para melhorar, comportamento, autoestima em ambas as escolas (ESCOLA C/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009c).

Jovens vão oferecer atividades recreativas esportivas e dança aos idosos (ESCOLA H/PLANO DE PARCERIA – BRITISH COUNCIL, 2009f).

Constatamos inicialmente o objetivo do programa em criar oportunidades para os estudantes terem a chance de praticar diferentes modalidades nas aulas de educação física, recreios orientados, oficinas, treinamentos e festivais, no intuito de que essas ações pedagógicas possam, em longo prazo, transformar as vidas dos envolvidos.

De acordo com Bourdieu (1983), a chegada do esporte na escola está diretamente relacionada a seus aspectos moralizadores e como forma de ocupar o tempo dos estudantes, reafirmado na fala dos tutores quando procuram orientar as ações pedagógicas para “tirarem” as crianças da rua ou das situações de envolvimento com drogas, buscando direcionar as atenções para a prática esportiva, melhorando a autoestima, o comportamento e o convívio social.

Subsidiados pelas regras presentes nos esportes como forma de controlar a violência entre os alunos, numa relação direta com o comportamento de “cavalheiros” (BOURDIEU, 1983), ratifica os aspectos de moralização presentes nas práticas esportivas encontradas no PII.

Também concordamos que as atividades propostas pelo programa procuram usar o esporte DA escola (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001) coerente com a cultura escolar. Por sua vez, de forma pedagogizada, trabalhado de forma crítica, histórica, participativa e educativa, onde suas normas e condições de adaptação à realidade

social e cultural da comunidade que o praticam, o criam e o recriam sejam sempre questionadas.

Exemplificado através de uma adaptação das regras, materiais e espaços para a realização das atividades, permitindo ao jovem líder se apropriar do fenômeno esportivo como ferramenta educacional e não de alienação; portanto, servindo de plataforma para debater aspectos políticos, sociais e culturais, reafirmando as características e as finalidades do esporte preconizado pelo programa numa concepção de lazer (BRACHT, 2011). Concretizando ações pedagógicas voltadas para a cidadania, socialização e inclusão social, e propiciar ao mesmo tempo a formação de uma cultura esportiva voltada para a prática sistemática.

Já para o Professor I (PROFESSOR I/ENTREVISTA), o esporte do programa atua numa dimensão educacional. Essa concepção se aproxima de Tubino (2011) ao retratá-lo nos sistemas de ensino de maneira assistemática, minimizando a seletividade e hipercompetitividade. O docente relata ainda: “é aquele sem regra, é aquele que você vai construindo” (PROFESSOR I/ENTREVISTA), todavia, discordamos dessa visão, pois um dos elementos presentes no esporte é as regras institucionalizadas que determinam toda a organização do jogo.

Acrescentamos as modificações realizadas pelos professores nas regras para o ensino do esporte do tipo didático-pedagógicas, para que possam ocorrer as ações propostas do PII em uma adequação de acordo com a realidade de cada escola.

Tinha um menino, um jovem líder que ficava tomando conta para fazer a arbitragem, então ele no começo juntava todos e dizia as regrinhas básicas: saiu, é com a mão e era com os pequenininhos, então não eram muito as regras oficiais não. Uma regra pré-determinada por ele, em comum acordo entre eles (PROFESSOR E/ENTREVISTA)

A nossa orientação (para os jovens líderes) é que as regras sejam construídas. Ai no final fazer aquela reflexão que eu te disse: mas essa é a sua realidade? Você conhece esse esporte dessa forma através da televisão? Não, na televisão o voleibol não pode isso, não pode aquilo (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Para o docente essas modificações são essenciais.

Muita gente lá no festival não vai saber fazer o toque e aí? Você não consegue, saia? Não, então se eu não consigo dar o toque pra ele, eu vou passar a bola pra ele, não é regra eu passar a bola, então eu não estou infringindo a regra, eu to passando a bola (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Numa pré-definição do Jovem Líder com relação às regras, favorecendo a dinâmica do jogo. Todavia os docentes não podem descaracterizar as modalidades em sua essência, procurando sempre fazer referências às regras oficiais e toda a sua organização, até porque, mesmo não jogando em uma quadra oficial, o aluno entende o sentido/significado do jogo, como exemplificou o Professor I.

Com relação à utilização de regras pré-determinadas pelos Jovens Líderes nas ações, no próprio curso, eles são instruídos para entre outros aspectos: aprender a planejar, organizar e realizar um festival seguro e divertido de esportes e artes para crianças da escola primária; lidar com pais, organizações esportivas e as mídias; adaptar diversas habilidades esportivas básicas para permitir que crianças com diferentes capacidades e necessidades participem (BRITISH COUNCIL, 2007a), e poderiam modificar caso fosse necessário para propiciar a participação de todos.

Consideramos a validade desse tipo de estratégia, para situações de curto tempo pedagógico, todavia, é preciso resgatar o conhecimento prévio do aluno referente às regras e aos elementos presentes no jogo, valorizando o conhecimento do discente para problematizá-lo durante as práticas.

Outro ponto destacado pelo Professor I seria o fato de alguns docentes na escola subentenderem que no esporte de rendimento não existe o *fair play* e cavalheirismo, valorizando “o ganhar a todo custo”, indo de encontro com a essência do esporte.

Uma visão muito tecnicista que é uma coisa que a gente tentou quebrar um pouco, porque a ideia infelizmente é ganhar de qualquer forma de algumas pessoas e isso interfere na ação do jovem. [...] Então como infelizmente na cabeça de alguns profissionais a gente tem muito só a visão de rendimento, não importa como chega lá, talvez o trabalho da gente tenha sido o inverso (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Constata-se aqui um dos aspectos criticados com relação à formação de atletas dentro da escola, voltados apenas para a competição, propagando os códigos das instituições esportivas, valorizando aspectos necessários apenas para o desempenho nas modalidades e esquecendo fundamentos inerentes à escola, atuando como instituições diferentes dentro desse ambiente.

Destacamos que o PII procura, segundo relatado pelo Professor I, ir de encontro a essa visão, com base no esporte, para, além de favorecer a formação do

cidadão, contribuir para o surgimento de atletas, afastando os alunos das ruas e, através da liderança juvenil, modificar as comunidades.

Já o Professor G afirma que o programa não explicitou uma definição do esporte presente nas ações.

Ele não trouxe concepção, nem a visão deles pra gente, nós não tivemos uma formação onde mostrasse a gente o que era o esporte escolar ou educacional da Inglaterra. Nós não tivemos e eu muito menos que eu entrei da metade pro fim como eu te disse, a visão de esporte era nossa, que os profissionais daqui tinham que a gente repassava para as crianças (PROFESSOR G/ENTREVISTA).

Diante disto, as visões de esporte propostas pelo PII eram dos próprios professores, na visão do docente G, pois a escola parceira da Inglaterra e os cursos oferecidos pelo PII não discutiam sobre uma concepção, mas sim o que queriam através do esporte, exigindo dos docentes da escola G, adotarem o ensino do esporte como base na abordagem crítico-superadora.

A gente usava como proposta de trabalho a crítico-superadora. É a que a escola seguia, porque o Governo do Estado segue essa visão e a escola sempre seguiu também. Então a gente pegava essa proposta, juntava com o conhecimento que vinha do críquete pra fazer a oficina funcionar (PROFESSOR G/ENTREVISTA).

Isso nos faz questionar o curso para os professores e lacunas existentes. Todavia fazemos a ressalva que o professor G não realizou o curso de formação, mas contou com o apoio de outros tutores da escola e que compartilharam da mesma escolha para a sistematização das atividades.

Porém, nos documentos analisados, identificamos referências a um esporte educacional para as ações do programa (BRITISH COUNCIL, 2007a, 2008a), reafirmando assim a importância da realização do curso por parte dos docentes. Esse procedimento parte dos tutores, a nosso ver, é fundamental e está coerente com o proposto pelo PII através da Educação Intercultural, com relação a uma tentativa de imbricação das metodologias com a concepção de educação em nosso estado.

Essa ligação também ocorre na visão dos professores (B, C e F/ENTREVISTA), pois procuraram orientar as atividades propostas pelo programa com base na perspectiva crítico-superadora, abordagem pedagógica que norteia o ensino da educação física no Estado (PERNAMBUCO, 1990, 1992, 1998, 2006 e

2010), servindo de arcabouço teórico para as Orientações Teórico-Metodológicas (OTM)⁴⁴, documento esse que desde 2010 orienta a prática pedagógica dos professores de Educação Física do Estado de Pernambuco.

Em nossa compreensão, a atitude dos tutores favoreceu uma continuidade organizacional perante as atividades, inovando e contribuindo pedagogicamente para o ensino do esporte ao permitir essa imbricação. Diferentemente de programas como o Segundo Tempo, por possuir uma metodologia própria e não permitir essa dinâmica. Outro aspecto relevante seria o fato do referido programa federal atuar com docentes diferentes daqueles que ministram as aulas de Educação Física na escola, não existindo uma inter-relação das ações.

Observamos também o estímulo à prática esportiva, por parte dos Jovens Líderes, com a atuação em diversos momentos, possibilitando a participação da comunidade escolar, através da realização dos festivais, recreios orientados, oficinas e atividades esportivas, práticas essas regidas pelos discentes com orientação e supervisão dos tutores.

Interpretamos que para essas atividades a finalidade não é a formação de atletas, mas o estímulo à iniciação e à prática esportiva dentro das escolas, fomentando uma cultura esportiva. Tendo esses Jovens Líderes autonomia para organizar as vivências, procurando materializar os ensinamentos do curso de formação inicial visando a participação de todos, assegurando os cuidados com a segurança dos envolvidos e também a relação de respeito com as crianças (BRITISH COUNCIL, 2007a).

Observamos aqui a condição para os alunos se apropriarem do esporte, possibilitando-os criarem e recriarem, adequando-se as necessidades dos seus praticantes, tendo como princípio a participação de todos. Ainda segundo os documentos, eles devem “elaborar uma forma de aplicar o que eles aprenderam com o programa no planejamento de um evento esportivo e cultural em toda a comunidade” (BRITISH COUNCIL, 2007a), corroborando temos a participação de

⁴⁴ Este documento é fruto da sistematização dos estudos, discussões e produções realizadas pela Comissão de Educação Física, instituída pela Secretaria de Educação de Pernambuco (SE-PE), desde maio de 2008. A referida comissão é composta por membros da SE-PE e por professores da Universidade de Pernambuco/Escola Superior de Educação Física (UPE/ESEF), convidados a subsidiarem as ações e assumirem o processo de elaboração da Orientação Teórico Metodológica da Educação Física. Esta sistematização resultou de reuniões da Comissão em vários Seminários com os representantes dos níveis de ensino da Secretaria de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (SEDE), os técnicos das Gerências Regionais de Educação (GRE's) técnicos e professores de Educação Física representantes das GRE's (PERNAMBUCO, 2010).

jovens líderes em ONG's e eventos dentro das comunidades, como identificados nos planos de parceria.

Além disso, os jovens líderes devem “estar constantemente reavaliando suas suposições, convicções e conduta sobre liderança desportiva e consciência intercultural. Elas devem pensar sobre as outras culturas e outros modos de fazer coisas, especialmente em como incluir pessoas que são diferentes delas” (BRITISH COUNCIL, 2007a), possibilitando através dessa liderança, a reflexão sobre a importância da participação nas ações e o respeito às diferenças, inovando ao possibilitar pensar a cultura com base nas trocas de informações entre os países. Assim, Neira (2009, p. 62) menciona:

As críticas proferidas aos programas de educação pelo esporte geram um ambiente de desconforto entre aqueles que cultuam a falsa consciência de que o simples acesso à prática, por si só, garantirá uma formação cidadã às milhares crianças e jovens representantes das comunidades socialmente alijadas de sólidas e concretas experiências educacionais.

Concordamos com Neira, através de uma visão que contraria o jogar pelo jogar na formação do cidadão, tornando necessárias intervenções pedagógicas numa intencionalidade dos envolvidos. Coerente com as ações propostas pelo PII, pois este procura nos documentos e cursos, quando trata da necessidade dos jovens líderes e tutores, estarem em constante reflexão sobre suas atitudes e práticas.

Ampliando, conseqüentemente, suas atuações além das escolas, não apenas propiciando momentos de lazer dentro das atividades, mas ao realizarem os festivais, a existência de objetivos diretamente relacionados com o PPP, agregando a participação de toda a comunidade acadêmica e circunvizinha, trazendo inovações pedagógicas para as ações voltadas para o ensino e o trato do esporte dentro da escola.

Os jovens líderes realizavam ações pedagógicas com as modalidades vindas da Inglaterra: rúgbi, críquete, *netball* e badminton, sendo esta última à única olímpica, desde o ano de 1992. Essas modalidades têm suas práticas bastante estimuladas nos países europeus, todavia, alguns são poucos conhecidos no Brasil, tornando-se difícil, em alguns casos, encontrarem materiais oficiais ou espaços adequados para sua vivência, mas observamos uma crescente prática dessas

modalidades em nosso país, com a criação das confederações, que ajudam a divulgar as modalidades.

Constatamos as modalidades trabalhadas, oriundas das trocas culturais com as escolas inglesas, cujos os princípios e as características do esporte moderno, contam com a realização de campeonatos mundiais, com adeptos, principalmente, nos países Europeus e Asiáticos, estimulando o consumo dos produtos oriundos das práticas esportivas.

Destaque para o Rúgbi, pois nos EUA é a modalidade com o aumento mais significativo de praticantes em 2010 e, nos últimos três anos, o Brasil se projetou da 45ª para a 27ª posição no ranking da International Rugby Board (IRB) na categoria Masculina Adulta⁴⁵.

Atualmente, conta com mais de quatro bilhões de pessoas em audiência acumulada referentes aos jogos da Copa do Mundo de Rúgbi, realizada em 2011, na Nova Zelândia, números que deixam o torneio atrás apenas das Olimpíadas e Copa do Mundo Fifa⁴⁶, inclusive, fará parte dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro e vem crescendo sua prática em nosso país⁴⁷.

Outra modalidade com destaque crescente no cenário nacional é o Badminton, considerado um esporte olímpico desde 1992 e, aparecendo em edições anteriores como forma de demonstração e exibição. No Brasil, sua prática competitiva tem início na década de 80, no estado de São Paulo, sendo criada no ano de 1993, a Confederação Brasileira de Badminton; ganhou destaque nacional depois das conquistas realizadas nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, em 2007.

Já o críquete é uma modalidade ainda pouco praticada no Brasil, sendo a Associação Brasileira de *Cricket* (ABC) criada em 2001. A copa do mundo de Críquete é considerada uma das maiores audiências da televisão dos países europeus e asiáticos. Observamos portanto, que o PII promove a prática de modalidades com destaque internacional presentes na cultura inglesa e, a maioria

⁴⁵ Notícia retirada do site da Confederação Brasileira de Rúgbi. Disponível em: <<http://www.brasilrugby.com.br/>>. Acessado em: 14 jul. 2012.

⁴⁶ Notícia retirada do site de notícias Terra. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/jogodenegocios/blog/2011/10/21/audiencia-da-copa-do-mundo-do-rugby-so-perde-para-olimpiadas-e-copa-do-mundo-de-futebol/>>. Acessado em: 14 jul. 2012.

⁴⁷ Notícia retirada do site da Confederação Brasileira de Rúgbi. Disponível em: <<http://www.brasilrugby.com.br/>>. Acessado em: 14 jul. 2012.

das modalidades é oriunda ou foi sistematizada, enquanto práticas esportivas, na Inglaterra, considerada como atividades culturalmente ensinadas na escola.

Com relação ao *netball*⁴⁸, ele surge do basquete, sendo muito praticado na Oceania e em alguns países da Europa e África, entretanto é pouco vivenciado no Brasil. Tivemos um primeiro contato com a modalidade no ano de 2007, em que foi utilizado como um exemplo de modalidade esportiva restrita às mulheres na África, diferentemente do futebol que era proibido para esse gênero (OLIVEIRA, 2008).

Destacamos aqui a influência das tradições familiares como sendo um obstáculo para o ingresso das mulheres nos esportes, pois devido a fatores culturais existem modalidades específicas para cada sexo, o próprio *netball* é apenas jogado por mulheres em alguns países e o futebol por homens.

E mesmo em nosso país do futebol, ainda ocorre o preconceito com relação às meninas que jogam futebol (PAIM; STREY, 2006; GOELLNER, 2007). Ou seja, a cultura influencia a prática esportiva, mas também sofre influência, mudando paradigmas como fomento à inserção das mulheres nos esportes ditos “masculinos”.

Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 4).

Esses argumentos favorecem o declínio da prática pelo sexo feminino e a exacerbção de estereótipos construídos historicamente. Porém nos documentos e na fala dos professores não existia nenhuma delimitação referente à participação das atividades de acordo com o sexo, existindo em todas a participação de ambos.

Com relação aos treinamentos, apenas o Professor B os realizava imbricado com o programa e quem ministrava as atividades eram os jovens líderes com habilidades naquelas modalidades específicas, exigindo um conhecimento prévio para atuar frente às ações. Ao ser questionado sobre a sistematização dessas atividades afirmou:

Não vou dizer uma periodização, porque ai seria de mais para eles. Mas uma orientação básica sobre os fundamentos técnicos, táticos, físicos e às

⁴⁸ Não identificamos nenhuma Federação no Brasil relacionado ao *Netball* até o ano de 2012.

vezes até eu reunia o grupo e fazia. Eu às vezes dava o ponta pé (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Nesse cenário, o professor atuava na supervisão e orientação das atividades, ajudando os Jovens Líderes na organização das práticas, entendendo os limites didático-metodológicos, os desafios e as possibilidades dos alunos comandando as ações pedagógicas, vista a complexidade na periodização e sistematização dos treinamentos.

Entendemos como uma dificuldade para as oficinas e outras ações do PII, a falta de conhecimentos teóricos por parte dos jovens sobre as modalidades, tendo mais desenvoltura na parte prática (PROFESSOR A e B), uma vez que o tutor, junto com o jovem líder responsável, supria essa demanda. Também não foi verificado nos documentos de formação, qualquer orientação destinada à organização de treinamentos por parte dos discentes, questionando-nos se eles deveriam exercer essa função, visto que isso seria ofício exclusivo do docente e se o curso de iniciação deixa lacunas na formação.

Ainda segundo o Professor B, esses momentos eram chamados de oficina: “qualquer um e a qualquer momento poderia entrar nas atividades e sair também”. Desta forma, o esporte presente nas oficinas era acessível a todos os alunos da escola e funcionava no horário do contra-turno.

Essas atividades contribuem para repensarmos sobre o esporte dentro da escola numa relação de tempo ampliado para o planejamento das aulas. Tendo nessas, experiências de apropriação do conhecimento, permitido em alguns casos, satisfazer a necessidade de ação e curiosidade dos alunos aprofundando nexos e conteúdos, relacionando aulas de Educação Física, treinamentos e oficinas, qualificando as práticas pedagógicas.

Essas intervenções não visavam apenas à prática esportiva; eram realizados momentos de reflexão com os alunos.

Tinha, eu sempre conversava com eles, porque se a gente tinha nas oficinas critérios para mantê-los nelas, haveria reflexões o tempo todo. Então o aluno não tá com bom rendimento na sala, mas ele quer jogar tudo, ele quer o esporte, mas ele tem que dar o retorno para a escola, ele tem que dar de alguma forma o retorno (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Numa imbricação entre as atividades e o desempenho escolar, exercia a necessidade de corrigir atos e costumes, usando para tanto, o esporte como um

meio, exigindo do aluno não apenas a reflexão, mas uma mudança de atitudes para com a comunidade e, tendo ainda o respaldo da família, presente nas atividades do programa.

Já para o Professor F, em sua escola, as oficinas, atividades realizadas no contra-turno, eram regidas por voluntários em conjunto com um jovem líder que era escolhido também pelo seu nível de habilidade na modalidade. Todavia, a função do jovem líder era apenas de auxiliar o professor nas ações, participando da construção e sistematização das aulas. De acordo com o tutor F, esses voluntários eram docentes ou pessoas da comunidade observados e monitorados por alguém da coordenação.

A gente tinha uma programação que o aluno tinha que ter duas horas de aula prática e duas horas de aula teórica, então ele praticava o esporte optado por ele, ele jogava voleibol, depois de um intervalo ele ia ter duas aulas de matemática ou inglês ou português (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Além disso, contava com outras atividades diárias.

Tinha a ética do esporte, porque a gente percebeu que a gente tinha que tirar alguns vícios como a pornografia na fala dos alunos, o trabalho de cuidados da vida diária, como no banho, na alimentação ou uso do talher etc... Então a gente também tinha essa aula e também a parte ética do esporte também e aí a gente fazia dessa forma (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Identificamos não apenas em oficinas na área esportiva, mas para melhorarem o desempenho acadêmico dos alunos em outras disciplinas, agregando um número maior de voluntários. Para o Professor F, os festivais organizados na escola serviam como uma culminância para avaliarem as ações desenvolvidas, ou seja, um momento para mostrar o conhecimento aprendido durante aquele ciclo de oficinas.

Já os Professores A e C, além das oficinas semanais, usavam os recreios orientados, que consistiam na organização de atividades durante os intervalos das aulas e eram monitoradas pelos jovens líderes na escola A; já na C, o professor, inicialmente, era quem comandava essa intervenção, existindo atividades de recreação e práticas esportivas para as crianças, procurando diminuir a violência nesses momentos (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Observamos as oficinas como uma das principais ferramentas para o ensino do esporte dentro do PII, numa relação direta com os Festivais promovidos pelos

tutores e jovens líderes. Porém não existia uma uniformidade na organização e sistematização das ações, cabendo a cada escola, adequar-se à sua realidade, numa ressignificação do esporte ensinado dentro da escola e não apenas nas aulas de Educação Física ou treinamentos.

Com relação ao esporte ensinado no PII e às aulas de Educação Física, identificamos situações diretas e indiretas, o Professor A evidencia a existência de uma continuidade das atividades.

Isso, com certeza. Porque é todo um processo. Por que ele (oficina) é um reforço a mais vamos dizer assim, porque o que se tem na aula de Educação Física que são só dois dias, ele vê mais em três dias durante a semana e nos festivais que se tem (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Reforçando:

Os jovens líderes atuais a maioria deles são também da minha turma de treinamento esportivo, então eles atuam também nessa parte de treinamento esportivo do handebol, eles atuam treinando e participando do projeto. Então tem uma interligação geral tanto na educação física em si como no treinamento esportivo como na parte do programa (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Era uma relação de imbricação das ações, onde o conhecimento abordado nas aulas de Educação Física é aprofundado nas oficinas. Estas, por sua vez, acontecem durante a semana ministrada pelos Jovens Líderes e, alguns desses fazem parte de equipes de treinamento da escola. Para o docente essa dinâmica é importante, pois os jovens líderes têm limites com relação aos conteúdos mais específicos das modalidades, principalmente na parte histórica das regras e dos fundamentos básicos.

Porque assim eles não têm o preparo do conhecimento específico, mas na educação física eu passo pra eles. Tem a parte teórica que eu passo no quadro sobre aquela determinada modalidade esportiva, tanto a parte histórica como na parte de regras e os fundamentos básicos. Depois é realizado na prática (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

O tutor destaca que já ensinava os conteúdos da Educação Física dessa forma e as oficinas, permitiram-no aprofundar os conhecimentos de forma mais plena, pois as aulas dessa disciplina para o Ensino Fundamental II no Estado ocorrem duas vezes por semana.

Assim ressaltamos a contribuição pedagógica para o ensino do esporte do programa ao acrescentar na cultura escolar as oficinas com a orientação dos jovens líderes, através da liderança juvenil. As crianças teriam outras atividades contando

com a supervisão do tutor; e este intervindo sempre que necessário e não se limitando às aulas de Educação Física ou treinamentos.

Ao analisarmos os manuais de formação dos Jovens Líderes não identificamos atividades com essa finalidade de aprofundamento sobre as modalidades, assim, compreendemos como uma lacuna na formação dos jovens, referente a esses aspectos detectados pelos professores. Todavia, através da pesquisa, aulas de Educação Física e os treinamentos ajudaram a suprir essa demanda, bem como o papel ativo dos tutores para a sistematização das ações. Outro aspecto é a mídia como um meio de transmissão do conhecimento.

Eles (alunos) assistem muito na televisão a parte esportiva, eles já tem a noção do que pode e não pode. Às vezes tem menino que vem até com as regras do basquete e eu digo: e eh! eu acho interessante (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

As mídias exercem um papel importante na disseminação das práticas esportivas, segundo exemplificado pela fala do docente, permitindo às pessoas terem acesso ao esporte em suas diferentes dimensões sociais: lazer e alto rendimento (BRACHT, 2011). Esse último exerce influência direta no esporte praticado dentro da escola nas aulas de Educação Física (ASSIS DE OLIVEIRA 2001; SOUZA JÚNIOR. 2001; DARIDO, 2008; COLETIVO DE AUTORES, 2012); sendo uma preocupação dos professores, a reprodução pelos estudantes das concepções veiculadas no discurso midiático (LIPPI; SOUZA; NEIRA, 2008). Por isso de acordo com os autores a educação física enquanto componente curricular é:

Responsável pela apropriação, ressignificação e ampliação de conhecimentos da cultura corporal, não pode ficar aquém dessa discussão, visto que, na contemporaneidade, os meios de comunicação de massa se configuram entre as principais fontes de informação e conhecimento acessadas pelas crianças e jovens (LIPPI, SOUZA e NEIRA, 2008, p.91).

Conforme explicitado pelo Professor A, o aluno já tinha tido acesso ao Basquete através da televisão, e procurou agregar o que observou enquanto telespectador com a atividade realizada na escola, contribuindo para uma relação do saber que é construído socialmente (CHARLOT, 2000).

Exigindo do professor a análise do uso das mídias como uma forma de expandir e ressignificar os conhecimentos da cultura corporal, estabelecendo um diálogo entre o esporte da TV e o da escola, oferecendo, pedagogicamente, condições para os estudantes desvendarem os interesses e valores veiculados pela

mídia acerca dessa prática esportiva (BETTI, 2001; BATISTA; BETTI, 2008; LIPPI; SOUZA; NEIRA, 2008). Contribuindo para entender, criticamente, o esporte enquanto fenômeno, sendo pertinente a relação de continuidade dos Festivais e as aulas de Educação Física, segundo exemplificado pelo professor A.

Com relação ao docente B, ele ratifica a relação do esporte ensinado nas aulas de Educação Física e os festivais.

Total, não tinha como a gente se desprender dos festivais sem falar da Educação Física, é como eu estou dizendo muitas atividades que eles construíram eram recolhidos e postos na educação física. E a própria aula de Educação Física servia para eles assim como eu tutor e professor deles, eu trazia as atividades do Tops e colocava para eles. Eu digo: oh isso aqui vocês podem aplicar, fiquem a vontade para adaptar, criar, alterar e construir novas, isso é importante (PROFESSOR B/ ENTREVISTA).

Assim o fato de ser professor e tutor dos meninos, concomitantemente, contribui nesse processo de continuidade e imbricação, permitindo momentos de reflexões com os alunos e ainda reproduzindo atividades construídas pelos jovens líderes para os festivais, visualizando o ensino dos conteúdos das aulas.

O Professor trabalhava os conteúdos com base na proposta do Estado e usava a metodologia do PII quando necessário em suas aulas de Educação Física, do mesmo modo que o Professor C, relação obtida a partir da Educação Intercultural, contribuindo para o docente inovar nas suas práticas.

A situação de ter jovens líderes como alunos nas aulas de Educação Física, também aparece para os Professores C, E e F, evidenciado na fala do docente C: “tinha jovens líderes que participavam das minhas aulas, mas como alunos. Educação física é educação física” e “o jovem líder em momento nenhum ele estava à frente das minhas aulas de Educação Física não” (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Essa afirmação demonstra o cuidado do docente em diferenciar as ações do PII e as aulas de Educação Física, em que, mesmo utilizando as metodologias do programa, era ele quem ministrava as aulas, corroborando na fala dos outros docentes (PROFESSOR A, B, E, F e G/ENTREVISTA).

Diferentemente das escolas D e G, a primeira, devido ao fato do tutor responsável ser professor das disciplinas de história e sociologia, não contou com a ajuda de um educador da área de educação física, impossibilitando essa continuidade.

Em relação ao esporte, por enquanto, só está associado aos festivais, embora já tenho pensado em algumas atividades lúdicas e esportivas, que possibilitem uma aula de História ou filosofia mais dinâmica. Mas é algo que ainda está nos meus planos, não foi colocado em prática (PROFESSOR D/ENTREVISTA).

Assim sendo, dentro de sua disciplina irá procurar usar o esporte, porém não como um conteúdo, mas uma estratégia pedagógica para dinamizar suas aulas e não existindo uma continuidade com as atividades do PII. Por sua vez, a escola G mesmo com a presença de professores de Educação Física não procurou essa interligação, porque na visão do Professor G, as ações desenvolvidas pelo programa aconteciam com as crianças da escola parceira Municipal. E os jovens líderes alunos do ensino médio realizavam as atividades pedagógicas com eles, impossibilitando a imbricação do PII e as aulas de Educação Física.

Observamos no relato dos professores A, B, C, E e F que a continuidade das ações ficou restrita às aulas de Educação Física ministradas por eles, excluindo os docentes que não faziam parte do PII, podendo existir jovens líderes que não participaram dessas aulas, mas com acesso a esse conhecimento através das ações desenvolvidas pelos grupos nas oficinas e festivais.

Com relação ao Município de Pesqueira, o PII contribuiu para a construção do currículo para as aulas de Educação Física, usando também como referência a proposta do Estado intitulada OTM.

A gente foi adaptando com o do Estado e a gente acrescentou, por isso que eu te disse que muita, muitas ações do Tops e do Sonhos & Times, atividades do Instituto Esporte Educação que é o esporte educacional, que é um parceiro do PII. E aí a gente começou a trabalhar com o conteúdo do esporte educacional que te faz alguns resgates que não tá especificamente nem na metodologia tops e nem na metodologia Sonhos & Times. Então a gente trouxe também porque enriquece a prática, tudo que veio pra enriquecer a prática a gente (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Portanto exigiu da gestão do programa no município uma sistematização dos conteúdos procurando unir as propostas do Estado (OTM), Tops, Sonhos & Times e a do Instituto Esporte & Educação (IEE), esse último tem suas ações fundamentadas na utilização do esporte como instrumento de educação.

Desenvolve valores como a solidariedade, respeito ao próximo e às regras, tolerância, sentido coletivo e cooperação. Cria oportunidades de o aluno desenvolver estratégias para resolver problemas e enfrentar situações da vida em sociedade (INSTITUTO ESPORTE & EDUCAÇÃO, 2012).

Esses objetivos são congruentes com os do PII ao empregarem o esporte como uma ferramenta para estimular o potencial dos alunos. Sua metodologia tem como princípios básicos: ensinar esporte para todos - independente da habilidade técnica com a premissa de inclusão e participação de todos, indiferentes dos potenciais e das limitações individuais; ensinar bem esporte para todos - de maneira que todos aprendam a jogá-lo com competência técnica e tática; ensinar mais do que esporte para todos - de forma aos alunos se apropriarem de conhecimentos nas áreas de saúde, cultura, cidadania, protagonismo e comunidade (INSTITUTO ESPORTE & EDUCAÇÃO, 2012).

Com relação à OTM:

Veja só a gente tem a OTM do estado e temos as lutas, ginástica, esporte e jogos. Mas a gente trabalhou para ter nos dois primeiros meses ou três primeiros meses o esporte educacional. Na etapa seguinte a gente trabalha com capoeira, não é a amplitude que tem o estado que não só trabalha a capoeira, mas o judô, trabalha lutas e os nossos professores que são os mesmos do estado, diga-se de passagem (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Nesse cenário, os tutores procuraram uma relação entre os conteúdos presentes na OTM e as metodologias do PII, porém o docente faz uma ressalva sobre a implementação dessa proposta curricular:

Mas assim tem toda uma limitação a toda uma resistência pra fazer, mas a gente conseguiu evoluir na questão da mudança da característica da aula e conseguiu levar a escola mais pra parte educacional e tirar um pouco a parte de treinamento durante as aulas (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Como uma dificuldade, havia a concepção da aula de Educação Física de alguns professores, em que valorizavam o treinamento esportivo durante esses momentos, necessitando de uma reflexão sobre o esporte enquanto conteúdo das aulas de Educação Física.

Então hoje a gente tem professores de treinamento na escola e professores de Educação Física. Que antes era só professores de treinamento e a aula de Educação Física era um treinamento. Então acho que o grande significado desse conteúdo, desse “currículo” é trazer a tona na vivência do professor de Educação Física que ele além dele ser técnico ele também é professor de educação física na escola (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Esse contratempo ratifica as críticas sofridas pelo esporte ensinado e praticado nas aulas de Educação Física, desde a década de 80; esta época visava

à formação de atletas (ASSIS DE OLIVEIRA 2001; SOUZA JÚNIOR, 2001; DARIDO, 2008; COLETIVO DE AUTORES, 2012), sendo considerado o esporte NA escola (BRACHT, 1992; VAGO, 1996; ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

E ao inserir esse currículo a partir do PII favoreceram uma mudança na cultura esportiva das aulas, exigindo uma diferenciação, por parte do professor, sobre esses dois momentos. Porém consideramos que as atividades de treinamentos existentes na escola devam ser subsidiar pelo PPP (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001), existindo uma imbricação das ações relativa à finalidade da escola e a formação um atleta.

Reconhecemos no programa, ações pedagógicas para estimular a comunidade escolar a refletir sobre a sociedade e as diferentes culturas, a função da escola, das aulas e o papel do educando nessa relação. Ao passo que, diferentemente dos planos de parcerias analisados, onde apenas uma escola tomou por base o PPP (ESCOLA B), todos os professores relataram usar o referido documento para orientar todas as ações pedagógicas desenvolvidas, pois o PII busca a sua inserção, no currículo das instituições.

A gente percebeu que houve essa relação em Educação Física, à gente conseguiu fazer, buscar a prática, buscar a realidade das crianças. Muitas coisas nasceram da própria comunidade escolar [...] a gente ia para as escolas para trabalhar, porque não tem sentido você trabalhar isso sem tá dentro do PPP da escola. tem que estar inserido. Então a gente começou desde 2009, mas eu posso te dizer que só 2011 a gente conseguiu trabalhar efetivamente dentro do programa o PPP (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

Esse processo mostra uma evolução por parte dos envolvidos com relação à inter-relação do PII e do PPP das escolas, exigindo um período de adaptações e uma sistematização por parte dos docentes para se apropriarem do documento e da proposta do programa, reafirmando a importância desse procedimento, numa via de mão-dupla, para a materialização das ações desenvolvidas pelos tutores e jovens líderes.

Por sua vez, nos documentos analisados consta que para tornar a parceria efetiva se faz necessária a inserção do programa no currículo das instituições, possibilitando “integrar a parceria, plenamente, ao plano de desenvolvimento da escola (PDE⁴⁹)” (BRITISH COUNCIL, 2008c). Portanto existindo a intencionalidade

⁴⁹ O PDE Escola é um programa de apoio à gestão escolar baseado no planejamento participativo. Seu objetivo é auxiliar as escolas públicas a melhorar a sua gestão e, para as escolas priorizadas

da relação do PII com os documentos norteadores das instituições, procurando se adequar a nossa política educacional. Mas apenas os professores A e F relataram o uso do PDE para financiar a compra de materiais esportivos para as atividades na sequência do programa.

Destacamos aqui a nossa visão de currículo ampliado dentro da escola com base na dialética, sendo compreendido como sendo um movimento próprio da escola, construindo uma base material capaz de realizar o projeto de escolarização do homem (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Sendo este, com suporte em três polos: o trato com o conhecimento (corresponderia à necessidade de criar as condições para a assimilação e a transmissão do saber escolar), a organização escolar (o tempo e o espaço pedagógico necessário para aprender) e a normatização escolar (através da representação do sistema de normas, padrões, registros, regimentos, modelos de gestão, estrutura de poder, sistema de avaliação entre outros.).

Desta forma, ao implementar o PII em nosso estado, constatamos a inter-relação dos três polos, exemplificada pelas falas citadas anteriormente, em que foi necessário repensar sobre a construção curricular dentro da escola e a prática dos professores, adequando as ações do programa ao nosso sistema escolar, diferentemente de situações onde os currículos são apresentados às escolas e aos professores para serem seguidos como simples guias curriculares, todavia, ele precisa ser pensando de acordo com a ideia de educação proposta pelo local. De acordo com Souza Junior (2007, p. 138),

O currículo, na escola de educação básica, tem experimentado, submetido e realizado diferentes formas de mobilização, transformação e produção do conhecimento. Essas formas levam à constituição do saber escolar, fazendo com que o conhecimento, ou dimensões deste, passe por um processo de seleção, organização e sistematização diante do papel social dessa instituição educacional.

Diante disto o currículo não pode ser pensado apenas como junção de programação de conteúdos; ele reflete valores e atitudes para enriquecer as relações e provocar indagações dos envolvidos no processo educacional. E segundo os documentos, o PII procurou essa integração desde o início da sua

implementação; primeiramente através de atividades extracurriculares e, em seguida, inseridas nos planejamentos e documentos das Escolas, respeitando as diferenças culturais nos currículos e valorizando a autonomia dos envolvidos para ampliarem as ações.

Para Neira e Nunes (2009), a escola em sua função educativa está imersa na tensão entre a reprodução e mudança, tendo na sua construção curricular um local de conflitos, em um processo complexo e sutil, marcado por profundas contradições e inevitáveis resistências individuais e grupais. Conflitos esses que permeiam desde a educação física até a sua busca pela legitimação dentro da escola como componente curricular, bem como, a subserviência ao sistema esportivo, influenciando diretamente na prática pedagógica dos professores para o ensino do esporte, contribuindo para uma pedagogia tecnicista com ênfase no rendimento, bem como um esporte pedagogizado e coerente com a realidade escolar.

Ainda segundo Neira e Nunes (2009, p. 44), “a escola e especificamente cada aula passam a ser vistas como cenários vivos de interações em que se intercambiam explícita ou tacitamente ideias, valores e interesses diferentes e seguidamente enfrentados”, portanto, quando não faz parte do currículo da escola, o projeto é visto como algo à parte, trazendo consigo sentidos/significados diferentes do esporte ensinado nas aulas de educação física no estado de Pernambuco.

Contudo, diferentemente de programas que não respeitam a cultura e o patrimônio local, nos documentos e nas entrevistas analisados ficou clara a intencionalidade do PII em fazer parte dos instrumentos norteadores das ações pedagógicas em escolas públicas de Pernambuco. Influenciando diretamente as ações pedagógicas desenvolvidas no programa, com base na educação intercultural, possibilitando assim, um contexto eclético de práticas pedagógicas para o “chão da escola”, através de uma relação com as aulas de educação física.

Compreendemos que historicamente o estado de Pernambuco toma por base, para o ensino do esporte nas aulas de educação física, a abordagem crítico-superadora: “aborda-se uma concepção de currículo escolar vinculada a um projeto político-pedagógico, onde se destaca a função social da Educação Física dentro da escola” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 18).

Assim, vislumbramos que todo esporte ensinado dentro das escolas públicas no estado de Pernambuco com relação direta com o currículo da instituição precisa tomar como base o PPP. Esse documento

[...] representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações. Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 25).

Nesse sentido ao tomar como subsídio para a sistematização das aulas e atividades um documento que exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, o seu papel social e a definição de formas operacionais e de ações a serem empreendidas no processo educativo (VEIGA, 2011), avançamos para uma reflexão sobre o sentido e o significado do esporte ensinado e praticado na escola. Bem como nossas atitudes frente a esse fenômeno de forma a procurar não reproduzi-lo, mas ressignificar sua prática de acordo com os códigos e valores da instituição escolar.

Assim sendo, averiguamos os professores e jovens líderes se apropriando do esporte enquanto fenômeno social e o utilizando como uma plataforma para a reflexão de temas diversos. Planejando atividades em diversas situações, com ações pedagógicas nos festivais esportivos, contra-turno, intervalo de aulas, aulas de educação física, treinamento e a elaboração de campeonatos. Corroborando, encontramos nos questionários relatos da periodicidade e o tempo de intervenção referente à materialização dos programas nas escolas.

Jovens Líderes que estudavam de tarde iam a Escola pela manhã perto da hora do recreio para atuarem com as atividades para os menores. Depois passou a ser manhã e tarde na hora do recreio. Três vezes por semana manhã e tarde na hora dos recreios por um tempo de 30 minutos. Com o objetivo de incentivar a prática esportiva e diminuir a violência na Escola (PROFESSOR A/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Tornou um filosofia de trabalho, um norte para educação física de nossa escola, usando nas Aulas de Educação Física, contra-turno e outros, entre período de fevereiro de 2008 até meados de 2010 (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Durante o ano letivo dividido em quatro unidades, durante os Festivais e treinamentos de Futsal. Durante as aulas 50 minutos com cada turma, nos festivais durante 20 minutos dos rodízios e duas vezes por semana o treinamento no contra turno. As Aulas de Educação Física são aplicadas duas vezes por semana para cada turma (PROFESSOR C/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Como trabalho numa escola de tempo integral, haviam momentos para atividades diversificadas. Apenas em 2010 durante todo o ano. Entre os meses de março e abril ocorreu o treinamento (de jovens líderes) e o primeiro festival. Nos meses de maio e junho tivemos campeonatos de voleibol na mesma escola em que foi realizado o primeiro festival e em

agosto fizemos outro festival dessa vez numa escola da Zona Rural (PROFESSOR D/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Educação física, contra-turno, outros: atividades extraclases (PROFESSOR F/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Podemos observar a assimilação dos professores referente às ações pedagógicas propostas pelo programa, ocasionando um vasto campo de aplicação e, sendo coerente com os documentos analisados. Ou seja, os docentes utilizaram esses conhecimentos adquiridos dentro de suas aulas de educação física, atividades no contra-turno com os alunos, treinamentos esportivos entre outros, tendo o planejamento dessas ações pedagógicas baseado na realidade de cada escola.

Através das necessidades dos alunos e da carência de novos conhecimentos esportivos e cultural (PROFESSOR A/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

De acordo com os elementos da cultura corporal, respeitando os conteúdos de cada unidade e só implementava aplicabilidade das ferramentas adquiridas com o programa inspiração (PROFESSOR B/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Um ponto fundamental são as OTMS, participei de varias reuniões e pude colaborar com sua construção. Baseado nela preparo meus planejamentos e seleciono algumas atividades, sempre procurando em diversos momentos adaptá-las a realidade da Minha Escola e Sua Clientela (PROFESSOR C/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Baseado na formação *dreams+teams* (Sonhos & Times), cultura corporal e treinamento esportivo e da Educação Física (PROFESSOR F/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Todos os materiais para atividades e conteúdos foram entregues aos tutores que participaram do treinamento inicial em Recife. Eu recebi muito material impresso além de cds com todo o planejamento do curso de jovens líderes, festival e atividades em geral. Apenas tive o cuidado de adaptar algumas atividades a nossa realidade local. Os planejamentos eu fazia em momentos de aula atividade na própria escola (PROFESSOR D/QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO).

Assim sendo essa relação permitiu a materialização do programa de acordo com a realidade das escolas e as parcerias firmadas, desencadeando inovações pedagógicas para o ensino do esporte e a resignificação de práticas culturais construídas historicamente, favorecendo uma cultura esportiva em nossas escolas, com base na Educação Intercultural e a imbricação dos programas (Tops, Link Entre Escolas e Sonhos &Times) com os documentos norteadores das escolas.

No tocante à organização das atividades dentro das escolas constatamos que as ações variavam entre as instituições, ocorrendo uma extrapolação do

programa para a comunidade, com a participação coletiva de professores e jovens líderes na elaboração e materialização dos festivais e atividades pedagógicas.

Observamos ainda que o Professor D, mesmo não sendo formado em educação física, realizou os festivais esportivos com os jovens líderes, bem como, organizou competições e extrapolou as atividades para escolas circunvizinhas, sendo subsidiado pelos Tutores Másteres, com materiais para auxiliarem na sistematização das ações desenvolvidas dentro de sua realidade.

Ao questionarmos os professores sobre essa concepção de esporte e o seu ensino na escola através das ações do PII, eles veem como algo positivo, mas os jovens líderes e os alunos precisam de uma supervisão dos Tutores.

Veja só, é positiva por um lado que é tanto os jovens líderes estão aprendendo, certo?! Aquela parte, eles estão liderando ali aquela turma e ao mesmo tempo é um pouco negativo, porque vai no sentido que to falando é que os alunos que estão participando as vezes eles não querem fazer daquela forma, querem do jeito deles, então a esse impasse de até um pouco, alguns não quererem seguir o que a regra permite, que o jovem líder passa, quer fazer do jeito dele, ai as vezes ai o ponto negativo nesse sentido. Mas ai qualquer coisa os jovens líderes me dizem: oh professor eu estava naquela turma lá e eles disseram que não estavam querendo fazer daquela forma. Aí tenho que depois conversar com eles sobre esse sentido (PROFESSOR A/ENTREVISTA).

Nesse cenário identificamos o jovem líder vivenciando situações de enfrentamento por parte dos alunos presentes, devido às divergências advindas durante as atividades, exigindo do professor um cuidado maior frente a essas situações, ao passo que o Jovem Líder atua exercendo a função de um monitor e poderá não saber lidar pedagogicamente, pois são alunos na faixa etária de 14 a 17 anos e ainda estão em processo de formação. Corroborando, o Professor G ratifica a importância da supervisão dos tutores devido a fatores como a idade dos discentes e as limitações pedagógicas, mesmo após o curso de formação inicial.

No início a dificuldade era que a gente tava trabalhando com adolescentes de 15, 16 anos, pra que ele começasse a entender como funcionava a educação física, como é que a gente iria passar o conhecimento pra criança, juntamente com aqueles dois pilares importantes, que era o compromisso e a responsabilidade, tudo isso no menino de 15, 16 anos, na cabeça dele, todas as mudanças que estavam acontecendo do menino que antes era o aluno, no outro momento passava a ser o responsável, o professor pela sala (PROFESSOR G/ENTREVISTA).

Essas restrições emergem na fala do jovem líder ao abordar sobre sua participação nos festivais à frente da atividade.

Quando eu entrei no grupo de jovens líderes eles já tinham experiência, aí não teve nenhuma dificuldade. Na minha primeira vez (festival) dei aula de desenho e tive um pouco de dificuldade em passar para os meninos. Mas depois tiveram outros festivais e eu fui pegando a prática, depois tudo se tornou normal (JOVEM LÍDER A/ENTREVISTA).

Dificuldades como essa ocorrem devido ao fato do curso de formação inicial não abordar aspectos relacionados ao ensino e aprendizagem, vista a complexidade do tema para a idade dos alunos, uma vez que, a instrução inicial dos jovens compreende aspectos mais organizacionais e menos metodológicos, sendo uma fragilidade na formação desses alunos. Já o professor B acredita que essa dificuldade é minimizada pelo fato do PII integrar diferentes sujeitos.

O aluno era envolvido, os jovens líderes sempre ficavam aptos a ajudar sempre que fosse preciso, então eu não via nenhuma dificuldade não. Quando havia a gente sentava e refletia a cerca do que podíamos fazer para melhorar (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Ou seja, como a dificuldade emerge do “chão da escola” os Tutores têm papel fundamental no auxílio dos jovens sobre como contornar essas situações através do diálogo com o grupo, favorecendo, em nosso ponto de vista, para uma formação continuada dos jovens líderes que atuam nas ações do PII. Segundo o professor, essa forma de atuação é importante para a escola e poderia ser adotada por outras.

A avaliação ela é válida, eu acho que muita coisa do programa poderia ser aproveitada. [...] Eu acredito que funciona. Agora pra que essa filosofia de trabalho funcione a gente tem que ter professores comprometidos em aplicar, mas antes de ampliar ele tem de conhecer a filosofia. A minha concepção e avaliação sobre o programa é que ele é válido. Porque eu experimentei, eu aprendi com eles, eu transmitir a eles, aprendi com eles novamente após ter transmitido pro meu próprio aluno e hoje ainda continuo aplicando (PROFESSOR B/ENTREVISTA).

Ressaltamos a necessidade do curso de formação e do comprometimento dos docentes participantes para alcançar os objetivos propostos, comprovando a importância do programa para sua formação, bem como a troca de experiências com as pessoas envolvidas e a construção desse saber construído socialmente, a partir das ações. Essa oportunidade de ampliação dos conhecimentos e a participação de outros países, também são lembradas pelo Professor C; este aborda o esporte como uma ferramenta para melhorar a vida dos envolvidos.

Eles têm conquistado um leque maior de países, pelo que eu vi na internet nós temos muito mais países envolvidos. Agora tem mais de 20 países e quando começou eram seis ou oito e tudo experimental, agora está tudo fixado mesmo, já não é mais experiência são realidades, o Brasil é realidade, o Senegal também. Então o que acontece, ele já está se expandido bastante. Então quando mais eles se espalham e fazem mais parcerias, mais eles conseguem colocar em prática o veículo esporte e as conquistas, as trocas, são de grandes valores e aí você pode ver que isso é um programa sério e que não é uma coisa que vai cair nem tão cedo (PROFESSOR C/ENTREVISTA).

Porém, mesmo com essa ampliação das ações do PII ao redor do mundo, o tutor adverte: o esporte sozinho não vai conseguir melhorar as condições de vida das pessoas, pois os problemas sociais e econômicos exigem políticas públicas específicas para essas situações.

O professor F indaga sobre a importância do esporte do programa e a realização dos festivais em diferentes comunidades, utilizando-o como meios de socialização e até mesmo como acesso a práticas esportivas.

Muito positiva, porque o esporte ele é uma forma de socialização para os meninos. Eles ficam na sala de aula preso e para realizar a aula de Educação Física eles não têm um espaço legal. Então nas comunidades, na creche que você chega e proporcionar um festival, eles veem o esporte, tem aqueles sonhadores de ser o jogador de futebol, mas hoje que tudo tá tudo muito divulgado, então antigamente para você ver um menino se interessar pelo basquete, era dentro da aula de Educação Física a oportunidade única. Hoje eles já cobram da gente de ter um: professora a gente podia fazer natação, a gente podia fazer uma dança ou, e então é pra eles é um, é um presente praticar um esporte, pra eles é um presente (PROFESSOR E/ENTREVISTA).

Na visão do docente, ao materializar os festivais nas escolas parceiras, muitas vezes, é uma oportunidade única dos alunos terem contato com outras modalidades, além de proporcionarem momentos de socialização, com situações que agregam práticas esportivas além das aulas de Educação Física ou treinamentos, exigindo também a participação de outros professores e voluntários para aumentarem a quantidade de pessoas durante as ações desenvolvidas.

A gente não incluía mais estudantes que gostariam de praticar porque a quantidade de voluntários era menor do que a demanda, mas a participação se a gente tivesse espaço, voluntários, as inscrições continuariam. então eu acho válido esse esporte que o programa preconiza dentro da escola (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Isso se deve ao fato do PII ser voltado para o trabalho voluntário, ou seja, nenhum professor ou jovem envolvido nas ações recebeu qualquer remuneração.

Isso, em alguns casos, limitou a participação dos docentes, pois não existia qualquer carga horária disponível para a sistematização das ações, sendo uma dificuldade detectada em todas as escolas.

Para o Professor G, ao avaliar o ensino do esporte proposto pelo programa, o mesmo não trouxe uma visão própria; ele acredita que os professores locais foram os responsáveis por essas diferentes propostas de ensino encontradas no PII.

Eu não digo a proposta de ensino que o programa traz, eu diria a proposta de ensino que cada escola estabeleceu pra trabalhar. Como nós não tivemos um grande contato com a escola britânica, com a Inglaterra, a gente trabalhava dentro da nossa visão, dentro do que a gente tem como esporte e passava isso com conhecimento que chegou pra gente do críquete (PROFESSOR F/ENTREVISTA).

Na visão do docente as ações desenvolvidas pelos professores ocorreram devido a um conhecimento prévio existente, permitindo, conseqüentemente, abordar o ensino do esporte nas diferentes dimensões encontradas nos documentos e entrevistas.

Porém entendemos que isso ocorreu devido à própria proposta do PII para a sua materialização nas escolas, estabelecendo o ensino do esporte como uma ferramenta para mudar a vida dos envolvidos e, permitindo desenvolver as potencialidades dos alunos através do protagonismo juvenil com base na metodologia Sonhos & Times.

Percebemos que nos documentos e cursos houve uma orientação referente à qual esporte era preconizado dentro do programa, permitindo ações em diferentes momentos com os professores e os jovens líderes, com base na Educação Intercultural.

Na concepção do Professor I, o programa conseguiu quebrar barreiras através dessa forma de ver o esporte dentro da escola como uma ferramenta e um conteúdo pedagógico das aulas de Educação Física, não apenas nos treinamentos para a formação de atletas. Além disso, como gestor do PII no município, ele acredita ter havido modificações na prática dos docentes.

No início houve uma resistência. Mas em pesqueira eu posso dizer que houve uma grande modificação na prática da regência do professor de Educação Física pra melhor, pra muito melhor. Eu digo pra eles que hoje eu os defendo em todos os cantos. [...] eu acho que hoje a gente conseguiu fazer que os gestores das escolas, da secretaria de educação acreditassem mais em nós profissionais de Educação Física, até porque a prática mudou (PROFESSOR I/ENTREVISTA).

A ressignificação das aulas de Educação Física a partir da elaboração do currículo fundamentado na OTM, nas metodologias do PII e do IEE, permite ampliar as ações e as intervenções com o esporte em diferentes localidades, desencadeando uma visão diferenciada da Gestão Municipal, frente às aulas de Educação Física e o papel do esporte em diferentes contextos.

Já para o docente D, uma das dificuldades encontradas para trabalhar essa visão de esporte do PII é a exacerbação da competitividade também pelos alunos.

Colocar a diversão acima da competição. A ideia de competição, vitória, poder ainda está muito arraigada ao ser humano. É preciso desconstruir conceitos, repensar essas práticas e mudar comportamentos (PROFESSOR D/ENTREVISTA).

Assim observamos a utilização do esporte como uma ferramenta educacional para repensarmos atitudes e valores frente a situações sociais reproduzidas durante as práticas esportivas, procurando não estimular a competição de uma forma excessiva, mas sim, usá-la para refletir e vivenciar o esporte em suas diferentes dimensões, procurando ressignificar o fenômeno dentro da escola.

Por isso constatamos como fundamental, a presença do professor/tutor no planejamento e na sistematização das ações para o ensino do esporte, ao compreendermos a existência das limitações pedagógicas na atuação dos alunos a frente das atividades do programa, exigindo também do discente, uma constante avaliação sobre suas ações, para possibilitar uma evolução em suas práticas agregando uma formação continuada.

Dessa forma concordamos que as ações pedagógicas desenvolvidas pelo PII, através das ações em conjunto, dos tutores e jovens líderes, possibilitou uma ampliação do conhecimento para os alunos e inovou ao permitir atividades extracurriculares com uma relação de continuidade com as aulas de Educação Física.

Todavia essa última era de competência dos professores para tratar os conteúdos de acordo com a proposta do Governo Estadual e desencadeando a inserção de atividades e jogos desenvolvidos a partir da metodologia do programa. Já as ações extras eram lideradas pelos jovens líderes com a supervisão do Tutor, atuando com oficinas esportivas, de artes e dança semanais, recreios orientados e os festivais.

Além disso, observamos a variação, de acordo com a escola, da organização das atividades para o ensino do esporte, bem como as modalidades ensinadas, pois o PII não determinava um padrão a ser seguido, mas procurou se adequar à nossa realidade, não de uma forma impositiva, mas dialogando com os nossos documentos educacionais normatizadores através da Educação Intercultural, para favorecer a materialização do programa em nosso estado.

Assim sendo, consideramos a existência do PII NA escola e o DA escola, visto a variedade de ações encontradas nos documentos. Ao passo que a proposta de intervenção do programa para o ensino do esporte encontrou dificuldades para se materializar, tais como: questões estruturais, financeiras e linguísticas; além da ausência de carga horária destinada aos professores para a sistematização das intervenções pedagógicas, exigindo de cada escola, uma melhor organização

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos documentos, planos de parcerias e entrevistas, compreendemos o processo de materialização do PII em escolas da rede pública de Pernambuco, entendendo de perto, a dinâmica de sua implementação, sistematização e organização e, tendo como fundamento a educação intercultural que permeia todas as ações pedagógicas propostas.

Identificamos também, o Brasil inserido no grupo dos cinco países que implementaram o PII no ano de 2007, de forma embrionária, bem como serviram de parâmetro para a continuidade das ações seguintes. Em um primeiro momento existiu o intercâmbio de pessoas ligadas ao esporte de ambos os países, visando debater a sua real aplicação em nossa comunidade. Visto que esse programa foi criado, desenvolvido e implementado por organizações internacionais, com a ajuda de parceiros locais, como um legado das Olimpíadas de Londres 2012.

Essa fase inicial foi fundamental na concepção dos envolvidos, pois permitiu adequações da metodologia do programa às necessidades encontradas em nosso país, em que tivemos destaque entre os envolvidos.

Além disso, segundo os documentos e falas, o PII, através da educação intercultural, inovou ao permitir a aproximação de suas propostas com os documentos normatizadores e orientadores das escolas, para propiciar ações pedagógicas e enriquecer a prática dos professores, enxergando o aluno como sujeito do processo e contribuindo para repensarmos sobre o ensino do esporte nas escolas.

Com relação à materialização do programa identificamos falhas em seu processo com relação à não disponibilização de carga horária para os professores sistematizarem e executarem as ações pedagógicas nas escolas, prejudicando a prática dos docentes, fator que contribuiu para a não inserção do programa no currículo de algumas escolas e acarretou dificuldades para os gestores organizarem as ações pedagógicas nas escolas.

Além disso, observamos no processo de seleção do grupo inicial, a insuficiência dos critérios estabelecidos pelo BC, no tocante à escolha adequada das escolas, visto que se exigia uma estrutura mínima para a manutenção do intercâmbio com as escolas inglesas.

Isso ocasionou contratempos por conta da falta de condições adequadas e suporte tecnológico necessário para a materialização do PII, bem como materiais essenciais para as ações pedagógicas, sendo o primeiro grupo de escolas contempladas com uma verba de oito mil reais para subsidiar o projeto pelos dois anos iniciais.

Esse problema gerou um obstáculo na comunicação com as escolas inglesas, pois contavam prioritariamente com o uso desses procedimentos para manter o diálogo das atividades e considerado como um dos pontos centrais do Link entre escolas.

Todavia, de acordo com os professores, em alguns momentos esse intercâmbio foi falho, existindo a dificuldade do domínio das ferramentas tecnológicas por parte dos docentes. Consideramos que no próprio curso de formação dos tutores poderia ser abordada essa temática de forma introdutória, entendendo como um elemento fundamental para as trocas de experiências e materiais pedagógicos.

Além disso, observamos a língua inglesa como um obstáculo para alguns docentes, pois as comunicações entre as escolas parceiras deveriam, inicialmente, ser feitas sempre em inglês, causando indagação do Professor C sobre a necessidade do aprendizado do português, por parte dos docentes ingleses.

Ainda com base no curso de formação dos tutores, seria prudente a participação de mais professores por escola, a fim de evitar a descontinuidade das ações devido à saída dos tutores, assim como, outras situações que poderiam surgir no decorrer do programa.

Outra fragilidade detectada foi a falta de apoio às escolas por não existir uma gestão própria em nosso estado, servindo como um elo entre as escolas e atuando na administração do PII em nossa localidade, sobrecarregando os professores e gestores envolvidos.

Esta ausência contraria os objetivos e planos iniciais do PII, uma vez que procurava a continuidade das atividades após o término do vínculo firmado para o período de 2008 a 2010. Porém a inexistência de uma gestão, na sequência das ações, enfraqueceu o PII em algumas escolas e, em outras, a paralisação acarretou também a não realização de novos cursos do Sonhos & Times fundamentais para o programa, visto que com a saída de tutores de algumas escolas, não existiriam pessoas com a formação necessária para a continuidade do programa.

Desta forma entendemos que os responsáveis pela gestão do programa no estado não exerceram suas funções de forma plena e, segundo os sujeitos entrevistados, esse fato prejudicou a materialização e continuidade do PII em nossas escolas.

Identificamos também, no ano de 2012, dois após o término do convênio, a nomeação de um gestor devido aos bons resultados obtidos nas escolas participantes e, conforme a Gestão BC, irão ampliar as ações para todo o estado até 2016, aumentando o número de tutores e jovens líderes, portanto, criando uma rede de escolas em PE.

Entendemos que, para a materialização das ações do PII, os Jovens Líderes têm papel de destaque para com a liderança juvenil e a fundação dos Clubes Sonhos & Times. O curso de formação destes contribui para uma ressignificação sobre os seus potenciais, modificando o seu comportamento frente às suas práticas e servindo de exemplo para os outros alunos, trabalhando aspectos referentes à segurança dos envolvidos, organização dos clubes e a relação com as crianças durante as atividades. Neste sentido contribui para modificar a sua realidade e a da comunidade, ao atuar como sujeito da ação nas diversas situações desencadeadas pelo programa.

Observamos, por sua vez, as dificuldades iniciais dos Jovens Líderes com relação ao ensino e aprendizagem nas ações desenvolvidas, isso se deve pelo fato do curso de formação não serem abordados esses aspectos didáticos. Compreendemos então, que seja devido à complexidade das informações.

Nesse caso, o papel do professor/tutor é fundamental, segundo encontramos nos relatos, atuando na supervisão e nas reuniões com os jovens líderes para avaliarem as práticas, identificando, conseqüentemente, os aspectos positivos, negativos e os desafios enfrentados, além disso, ajudavam na sistematização das ações, pelo fato dos alunos não terem essa formação, sendo competência intrínseca do docente suprir essas lacunas na formação dos jovens.

Outro aspecto relatado é a participação de jovens líderes nas equipes de treinamento, apropriando-se do conhecimento adquirido nesses espaços para a realização das oficinas e festivais, através de uma relação que permitiu a extrapolação desse conhecimento para a comunidade, bem como a formação de um atleta/cidadão.

Com relação ao curso de formação dos jovens líderes consideramos uma sobrecarga de informações sobre diferentes temas, em um curto período de tempo, necessitando uma formação continuada para favorecer na assimilação de conhecimento de forma mais consistente, permitindo ao aluno uma melhor qualificação. Entretanto, para isso acontecer, faz-se necessário o apoio da gestão com a disponibilização de carga horária para os professores realizarem as formações.

Identificamos nos documentos, a apropriação, por parte do programa através da educação intercultural, do esporte como uma plataforma para estimular os envolvidos a refletirem sobre diversos temas. Busca também a formação de um sistema esportivo forte, agregando a iniciação esportiva com ênfase nos aspectos socioeducativos do esporte, favorecendo assim para a formação do cidadão, com base nos códigos e valores da escola.

Assim sendo, o esporte praticado no PII não é voltado para a alienação dos praticantes, nem toma como base uma educação do esporte apenas pela prática e sem reflexão por parte dos envolvidos. Existia uma intencionalidade para a formação do cidadão, explorando as potencialidades dos alunos; tendo o professor um papel importante nessa mediação, agregando conhecimentos pedagógicos e culturais para uma formação mais humana.

Segundo os documentos analisados, as ações pedagógicas propostas para o ensino do esporte procuram uma reflexão constante sobre aspectos relacionados à vida em sociedade, abordando aspectos históricos, sociais e culturais das modalidades não se restringindo ao ensino das técnicas.

Agrega também, considerações sobre o papel do esporte além das aulas de Educação Física ou treinamentos, ao permitir a realização de oficinas visando o aprofundamento e o fomento à iniciação esportiva. Isso favoreceu a prática intercultural dentro das escolas, ao se apropriar dos aspectos sociais, pedagógicos, culturais e higiênicos presentes no esporte, para melhorar a vida dos envolvidos.

As ações pedagógicas do programa propõem aos professores compreenderem os alunos como sujeitos/protagonistas, buscando incentivar as suas potencialidades, diferentemente de programas que limitam os alunos a simples executores, procurando através do esporte, diminuir as ações de violência e a destruição do ambiente por parte dos alunos.

Corroborando, Bourdieu (1983) afirma que o esporte chega à escola com a função de orientar o gasto de energia dos educandos em atividades, evitando a depredação do ambiente ou nos professores, pois o esporte funciona como um catalisador para aproximar o aluno e a família da escola, favorecendo mudanças duradouras nos envolvidos.

Compreendemos os avanços do programa frente às escolas participantes ao permitir um intercâmbio educacional, cultural e social com os colégios ingleses e, professores que se empenharam para realizar os objetivos propostos, tal como a participação dos jovens líderes na organização e sistematização das atividades, possibilitando ponderarem sobre seus papéis na sociedade ao conhecerem realidades e culturas diferentes.

Assim temos um programa que busca, através do esporte, contribuir para qualificar a prática dos professores e possibilitar a troca de conhecimento entre os dois países, ampliando a visão sobre a necessidade de se discutir educação e experiências exitosas. Uma vez que agreguem situações, favorecendo assim, para uma prática pedagógica inovadora, realmente crítica e superadora, para o ensino do esporte dentro do ambiente escolar, possibilitando ao aluno criar, recriar e se apropriar desse fenômeno, através de um norteamento educacional, contribuindo pedagogicamente para o ensino do esporte no ambiente escolar.

Segundo relatos dos professores, as ações propostas pelo programa para o ensino do esporte dentro da escola, principalmente subsidiado pela dimensão do lazer (BRACHT, 2011) e com base no PPP, instigaram-nos a refletir sobre aspectos inerentes à prática pedagógica e o seu trato.

Identificamos ainda como inovações, a utilização da educação intercultural, ou seja: o aluno como sujeito do processo; o trabalho com docentes de outras disciplinas; a realização dos festivais esportivos, recreios orientados e oficinas; o intercâmbio educacional, social e cultural não só com a Inglaterra, mas com escolas e a comunidade circunvizinha.

Constatamos a utilização da internet pelos professores como uma ferramenta para ampliar os conhecimentos dos alunos nas aulas de Educação Física e nas ações do PII, com vídeos, fotos, data show e pesquisas para conhecer as novas modalidades e praticá-las, inovando ao permitir através da Educação Intercultural, a vinda do badminton, rúgbi, críquete e o *netball*.

Inovações essas, propiciadas devido à troca de experiências entre os professores, diretores e jovens líderes dos dois países, sendo um aspecto importante para a materialização do programa.

Entretanto esta postura não foi observada com veemência entre as escolas do estado. Segundo as entrevistas foram poucos os encontros visando debater sobre os avanços e retrocessos entre as mesmas. Entendemos que as dificuldades seriam referentes ao deslocamento de alunos e docentes entre as cidades, visto a distância de algumas escolas. Todavia observamos a existência de pelo menos cinco escolas na região metropolitana do Recife.

Compreendemos que o fomento para a realização de eventos entre as escolas locais poderia proporcionar a construção de uma rede de informações para promover a reflexão, compartilhamento e exposição dos trabalhos realizados pelos Jovens Líderes e os professores, agregando a participação de novas escolas, ampliando a rede de parcerias.

O PII avança ao exigir a imbricação com os documentos norteadores da Escola, favorecendo aos professores ações de continuidade entre as aulas de Educação Física, treinamentos, recreios orientados, oficinas e os festivais. Tendo também, o esporte ensinado os princípios educacionais inerentes à escola, cuja relação permitiu ao docente se apropriar do fenômeno e de suas características adequando à realidade escolar.

Além disso, possibilitou ao aluno extrapolar o conhecimento adquirido na escola, através de uma relação direta com o saber tratado, promovendo ainda, uma reflexão dos docentes sobre sua relação com os alunos, viabilizando ações pedagógicas envolvendo dança e artes, favorecendo assim, para uma relação intercultural que propicia uma construção de identidade.

Portanto, em nosso estado, compreendemos a existência de um PII DA escola, que, devido a dificuldades materiais, físicas e organizacionais, exigiu dos professores adaptações à nossa realidade, para alcançar, desta forma, os objetivos propostos inicialmente.

Além de diferentes ações específicas de algumas escolas, devido a autonomia dos tutores para sistematização e organização das ações como na Escola F, que contou com voluntários e pessoas da comunidade na realização das oficinas.

Devido ao impacto positivo nas escolas envolvidas, o PII será ampliado em âmbito nacional através dos Programas Segundo Tempo e Mais Educação do Governo Federal, conforme metodologias do TOPS e Sonhos & Times. Será também, legado das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, ou seja, expandindo sua atuação e continuando as suas ações, beneficiando para a construção de uma grande Rede Nacional, como apontou o Professor I.

Assim sendo, observamos a necessidade de rever o papel da Gestão do programa, desde o processo de seleção até o apoio aos envolvidos no PII, com: melhorias estruturais e o investimento na qualificação do ambiente escolar; na destinação de carga horária para os professores, com a inserção do programa no currículo como atividades extracurriculares e curriculares através da Educação Intercultural.

Com o objetivo de possibilitar a inserção das metodologias propostas (Tops, Sonhos & Times e Link Entre Escolas) nas escolas estaduais, porém, com um olhar crítico por parte dos docentes, permitindo a ressignificação das práticas de acordo com a nossa realidade. E a formação de novos tutores e jovens líderes ampliando as ações e o intercâmbio com outros países para conhecer outras culturas e agregar outros conhecimentos educacionais.

Desta forma, analisamos que as propostas pedagógicas do PII enriquecem a prática pedagógica dos envolvidos, possibilitando repensar no ensino do esporte através de atividades orientadas e sistematizadas com a ajuda dos próprios estudantes. Visando favorecer uma via de troca de experiências sociais e educacionais, proporcionada pelo esporte, enquanto um fenômeno; a ser discutido e apropriado de forma crítica pelos discentes, fomentando a prática de modalidades pouco conhecidas no cenário nacional.

Entendendo que o esporte ensinado na escola precisa tomar por base o PPP, buscando a formação do cidadão de forma plena, observamos que qualquer atividade existente dentro da escola, ou seja parte do currículo precisa ser subsidiada por esse importante documento, para nos ajudar a ponderação, não apenas como um ensino na dimensão técnica e tática, mas com base na historicidade e nos princípios educacionais inerentes à escola.

Reconhecemos no futuro, a necessidade da realização de observações em locus das ações identificadas em nosso trabalho, com relação aos cursos de formação, festivais, recreios orientados e o planejamento das ações. Para

adentrarmos com mais profundidade nas ações propostas pelos sujeitos, entendendo como isso ocorre no “chão da escola”.

Porém verificamos que apenas possibilitar as vivências esportivas pontuais dentro da escola não permite ao PII alcançar plenamente os seus objetivos propostos. Observamos então que o programa não possui por trás de sua materialização em nosso estado, políticas voltadas para promover essas mudanças, ocorrendo um discurso vazio, esbarrando na falta de investimentos adequados para as escolas, estruturas ou mesmo a aquisição de materiais necessários para as aulas de educação física, ou seja, limitando o professor a usar os materiais “adaptados”, prejudicando, conseqüentemente, na implementação e para a materialização do PII em PE.

Compreendemos portanto a importância do Plano Nacional de Esportes, Políticas Públicas e Educacionais, para valorizar o ambiente escolar, fornecendo condições materiais e estruturais, adequadas para subsidiarem os alunos, permitindo-lhes exercer a cidadania além da escola, fornecendo educação, saúde e segurança de qualidade, com a construção de espaços apropriados para a prática esportiva nas comunidades e qualificação para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. **O “Novo” Interesse Esportivo pela Escola e as Políticas Públicas Nacionais**. 2009. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

ATHAYDE, P. F. A. **Programa segundo tempo**: conceitos, gestão e efeitos. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6 ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, S. R.; BETTI, M. A Televisão e o Ensino da Educação Física na Escola uma Proposta de Intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 26, n. 2, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/152/161>>. Acessado em: 21 nov. 2012.

BETTI, M. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? **Revista Motriz**, v. 7, n. 2, p.125-129, jul.-dez. 2001. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Betti.pdf> >. Acessado em: 15 nov. 2012.

BETTI, M.; BETTI, I. C. A. R. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Revista Motriz**, v. 17, p. 10-15, 1996 disponível em <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART02.pdf >. Acessado em: 16 jun. 2012.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BRACHT, V. Esporte, Estado e Sociedade. **Revista Brasileira de Ciências dos Esportes**. Campinas, v. 10, n. 2 p. 69-73, Jan. 1989.

_____. **Aprendizagem social e Educação Física**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento (UFRGS)**, ano VI, n.12, p. XIV-XXIV, 2000/1. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2504/1148>>. Acessado em: 20 jan. 2011.

_____. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 4 ed. Ijuí, RS: Ijuí, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o esporte e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>> Acessado em: 17 set. 2011.

BRITISH COUNCIL. **TOPS PLAY- Cartões de Recurso**. Recife, 2002a.

_____. **TOP SPORT – Jogos de Rede e Parede**. Recife, 2002b.

_____. **TOP SPORT - Jogos de Atacar e de Defender**. Recife, 2002c.

_____. **Curso Inicial do Programa de Treinamento para Jovens Líderes**. Recife, 2007a.

_____. **Informações sobre o programa Inspiração Internacional para as escolas brasileiras**. Recife – PE, 2007b.

_____. **Press release sobre o Dreams & Teams**. Recife, 2008a.

_____. **Press release Pernambuco e Alagoas inspiram o esporte de 01 a 11 de março de 2008**. Recife – PE, 2008b.

_____. **Reunião com as escolas parceiras de AL e PE e Sec. Estaduais da Educação e do Esporte** - Apresentação em PowerPoint. Recife – PE, 2008c.

_____. **Plano de Parceria Escola A**. Recife - PE. 2009a.

_____. **Plano de Parceria Escola B**. Recife - PE. 2009b.

_____. **Plano de Parceria Escola C**. Recife - PE. 2009c.

_____. **Plano de Parceria Escola F**. Recife - PE. 2009d.

_____. **Plano de Parceria Escola G**. Recife - PE. 2009e.

_____. **Plano de Parceria Escola H**. Recife - PE. 2009f.

_____. **International-inspiration: Transforming lives through Sport**. Reino Unido, 2009g. Disponível em: <http://www.london2012.com/mm/Document/Publications/General/01/25/85/04/Intern>

tionallInspirationTransformingLivesThroughSport_Neutral.pdf Acessado em: 12 mar. 2011.

_____. **Breves Informações:** Programa Inspiração Internacional. Recife – PE, 2010a.

_____. **Sobre o Programa Inspiração Internacional:** Apresentação do Programa. Recife – PE, 2010b.

_____. **International Inspiration Annual Review 2009–10.** Reino Unido, 2010c. Disponível em: <http://www.unicef.org.uk/Latest/Publications/II-Review-2009-10/> Acessado em: 16 jan. 2011.

_____. **Full information:** International Inspiration Programme. Reino Unido, 2010d.

_____. **Sport-international-inspiration-uk-brazil.** Reino Unido, 2010e.

_____. **School Partnerships International: UK-Brazil.** Reino Unido, 2010f. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/sport-international-inspiration-uk-brazil> Acessado em: 10 jul. 2012.

_____. **International Inspiration.** Reino Unido, 2011. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/sport-international-inspiration.htm> Acessado em: 14 jun 2011.

_____. **O Programa Inspiração Internacional (site)** s/d. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/br/brasil.htm> Acessado em: 07 ago. 2010.

CARTA CARDOSO DE MEDEIROS, C.; GODOY, L.. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da educação física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 30, n. 2, Fev. 2009. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/445>. Acessado em: 15 set. 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. **História do Boxe.** Site da Confederação brasileira de boxe. Disponível em <http://www.cbboxe.com.br/site/index-boxeprofissional.html> Acessado em: 14 nov. 2012.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

DARIDO, S. C. **Educação Física Escolar**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C.. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 16 nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n. 115, Mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17 jun. 2011.

ELIAS, N. A gênese do esporte: um problema sociológico In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 187-221.

FERREIRA, R. C. B. **O esporte como prática hegemônica na Educação Física**: de onde vem essa história. 2006. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; TARTUCE, G. L. B. P.. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, V. 34, n.122, maio/agosto 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 jun. 2012.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2007.

FIFA. **The History of Football**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/classicfootball/history/game/historygame1.html>> Acessado em: 22 jan. 2012.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade & Cultura**, nº 16, 2001, 45-62. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC16/16-2.pdf> Acessado em: 01 set. 2010.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, M. C. S. **O significado social do esporte nas classes sociais**: uma análise do fenômeno. 2000. 222 f. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências do Esporte e de Educação Física. Universidade do Porto, Porto, 2000.

GAYA, A. Sobre o Esporte para Crianças e Jovens. **Revista Movimento (UFRGS)**, 6, Dez. 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11787/6985>>. Acessado em: 30 set. 2011.

GOELLNER, S. V. **Histórias das mulheres no esporte**: o gênero como categoria analítica. 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/226.pdf>>. Acessado em: 10 nov. 2008.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

INSTITUTO Esporte & Educação. **Metodologia**. 2012. Disponível em: <<http://www.esporteeducacao.org.br/?q=metodologia>>. Acessado em: 11 nov. 2012.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5, jul. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>>. Acessado em: 16 jun. 2011.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

_____. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, 6, out. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2503/1147>>. Acessado em: 02 abr. 2012

LIMA, L. M. A ação educativa dos professores de educação física: teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 4, p. 46-66, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/76/74>> Acessado em: 19 jan. 2012.

LIMA, M. A. de; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Revista Pensar a Prática**. v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/5874/4758>>. Acessado em: 16 jan. 2012.

LIPPI, B. G.; SOUZA, D. A. de; NEIRA, M. G. Mídia e Futebol: Contribuições Para a Construção de uma Pedagogia Crítica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 30, n. 1, set. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em:

<<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/193/200>>.
Acessado em: 21 nov. 2012.

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. **Revista Movimento (UFRGS)**, v.7, dez. 2001. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2626/1255>>. Acessado em: 31 jul. 2011.

LUCENA, R. de F. Notas para uma compreensão sobre a relação entre Esporte e Educação Física na Escola. **Revista Movimento (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 10, n 3, 2004. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2846/1458>>. Acessado em: 20 fev. 2012.

MAIA, E. D. O esporte no Brasil depois de 1960. Usos do passado. **XII Encontro Regional de Historia - ANPUH**. Anais 2006, Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Eline%20Deccache%20Maia.pdf>> Acessado em: 12 jun. 2012.

MELO, M. T. **Inovações Pedagógicas no Currículo dos Cursos de Formação de Profissionais de Educação Física**: Contribuições Teórico-Metodológicas da Prática Pedagógica. 2007. 286f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007a.

MELO, V. A. Esporte, cidade e modernidade: a proposta desse livro. In: MELO, Victor Andrade (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010b, v. 1, p. 5-18.

MICHAELIS. **Dicionário online Michaelis <inovação>**, 2012. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br/>>. Acessado em: 21 jul. 2012.

_____. **Dicionário online Michaelis <inovar>**, 2012. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br/>>. Acessado em: 21 jul. 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1998.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____ (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, P. 9-30.

NEIRA, M. G. Programas de educação pelo esporte: qual formação esta em jogo?. **Movimento & Percepção** (Online), v. 10, p. 59-66, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisic_a_artigos/programas_educacao_pelo_esporte.pdf>. Acessado em: 09 mai. 2012.

_____; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA, R. F. C. de. **O Projeto Santo Amaro vai à África: uma experiência exitosa com o esporte.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física (UPE). Recife, 2008.

_____. **Inovações Pedagógicas para o Ensino do Esporte na Escola: Um Intercâmbio Entre Brasil e Inglaterra.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Educação Física Escolar) - Escola Superior de Educação Física (UPE). Recife, 2011.

PAIM, Maria C. C.; STREY, Marlene Neves. **Marca das violências de gênero contra a mulher no contexto esportivo.** 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd103/genero.htm>>. Acessado em: 19 nov. 2012.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Contribuição ao debate do currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública.** Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco. Recife: SEE-PE, 1990.

_____. Secretaria de Educação. **Subsídio para organização da prática pedagógica nas escolas: Educação física.** Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco. Recife: SEE- PE, 1992.

_____. Secretaria de Educação e Esportes. **Coleção Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica.** Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Recife: SEE- PE, 1998.

_____. Governo do Estado. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. **Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco - Educação Física.** Recife: SE-PE e UNDIME-PE, 2006.

_____. **Orientações teórico-metodológicas: educação física; ensino fundamental e médio.** SEE-PE, 2010. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/upload/galeria/750/otm_educacao_fisica2010.pdf >. Acessado em: 10 ago. 2011.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A.. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. **Psicologia Escolar e Educacional (Impr.)**, Campinas, v. 9, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 16 jan. 2012.

PRONI, M. W. Esporte e identidade na sociedade brasileira contemporânea. In: PIRES, A. G.; CALCIOLARI JR., A.; HONORATO, T. (Org.). **Representações Sociais e Imaginário no Mundo Esportivo.** Londrina: Lazer & Sport, 2008, v. 1, p.89 -94.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo:

Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, G. F. da. **Do multiculturalismo à educação intercultural**. Estudo dos processos identitários de jovens das escolas públicas de ensino médio na região metropolitana de Porto Alegre, 2001. 385f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/800/1/tese.pdf>>. Acessado em: 10 jul. 2012.

SMIT, B., **Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

SOUZA, J. M. de A.; DUDU, R. E. S.; SILVA, G. N. da. Início da informática na educação e as atribuições dos professores de química frente ao computador. In: BARROS, Marcos Alexandre de Melo (org.). **Anais do IX Congresso Internacional de tecnologia**. Recife – PE, 2011. Disponível em: <<http://www.pe.senac.br/ascom/congresso/anais2011/index.html>>. Acessado em: 15 jan. 2012.

SOUZA JÚNIOR, M. A educação física no currículo escolar e o esporte: (im)possibilidade de remediar o recente fracasso esportivo brasileiro. **Pensar a Prática**. 4: 19-30, Jul./Jun. 2000-2001.

_____. **A constituição dos saberes escolares na Educação Básica**, 2007. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

_____; MELO, M. S. T. de; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Revista Movimento (UFRGS. Impresso)**, v. 16, p. 29-47, 2010.

STIGGER, M. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Revista Movimento (UFRGS)**, 7, nov. 2001. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2609/1243>>. Acessado em: 16 set. 2011.

TANI, G.; MANOEL, E. de J.; KOKUBUN, E., PROENÇA, J. E. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: EdUSP, 1988.

TERRA, Pib-mundial. **Site do Portal de Notícias Terra**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/economia/infograficos/pib-mundial/>> Acessado em: 07 nov. 2012.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: IBRASA, 1987.

_____. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

_____. **Dimensões sociais do esporte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAGO, T. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento (UFRGS)**, 3, ago. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2228/936>>. Acessado em: 01 ago. 2012.

VEIGA, I. P. A. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Escola**: espaço do projeto político-pedagógico. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 09-32.

APÊNDICES



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO E MOVIMENTO HUMANO
 LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice A - OS DOCUMENTOS ANALISADOS

<p>1 - CARTÕES TOPS PLAY - Cartões de Recurso. (BRITISH COUNCIL, 2002a)</p> <p>Cartões usando as áreas centrais de movimentação dos jogos, lançamento e recepção. Ele começa com uma introdução muito básica ao movimento e atividades para se acostumar a segurar e carregar uma bola. Depois, usa uma abordagem de habilidades, oferecendo aos professores atividades individuais e em dupla para desenvolver as principais habilidades de lançamento.</p>	<p>2- CARTÕES TOP SPORT - Jogos de Rede e Parede. (BRITISH COUNCIL, 2002b)</p> <p>Cartões elaborados para proporcionar às crianças uma introdução às habilidades requeridas para os jogos de badminton, squash, tênis de mesa e voleibol. As atividades apresentam uma variedade de habilidades para jogos de rede e de parede.</p>	<p>3- CARTÕES TOP SPORT - Jogos de Atacar e de Defender. (BRITISH COUNCIL, 2002c)</p> <p>Cartões elaborados para proporcionar às crianças uma introdução às habilidades requeridas para os jogos de beisebol, críquete, <i>rounders</i> e <i>softball</i>. As atividades apresentam uma variedade de habilidades para jogos de atacar e de defende.</p>
<p>4- CURSO INICIAL DO PROGRAMA DE TREINAMENTO PARA JOVENS LÍDERES. (BRITISH COUNCIL, 2007a)</p> <p>O documento contém informações sobre o programa Inspiração Internacional para as escolas brasileiras, informando os objetivos, os parceiros, os eixos de atuação do PII e o planejamento para o ano de 2008.</p>	<p>5- MANUAL DE TREINAMENTO DOS JOVENS LÍDERES (BRITISH COUNCIL, 2007b)</p> <p>Manual de formação que os tutores recebem para realizarem os cursos de formação dos Jovens Líderes.</p>	<p>6- PRESS RELEASE SOBRE O DREAMS & TEAMS (BRITISH COUNCIL, 2008a)</p> <p>O documento aborda o que seria o Programa Sonhos & Times, o seu treinamento, os benefícios para os Jovens Líderes, bem como, aos educadores e gestores governamentais. Relata aspectos sobre os resultados alcançados inicialmente pelo PII em nosso país e a sua implementação em outros</p>

		continentes.
<p>7- PRESS RELEASE PERNAMBUCO E ALAGOAS INSPIRAM O ESPORTE DE 01 A 11 DE MARÇO DE 2008. (BRITISH COUNCIL, 2008b).</p> <p>O documento relata os objetivos do PII em nosso País e os seus parceiros nos mais diferentes níveis. Relata um pouco do processo de implementação do PII em nosso País, as atividades, treinamentos, seminários e festivais realizados.</p>	<p>8- APRESENTAÇÃO EM POWERPOINT –</p> <p>Utilizada na Reunião com as escolas parceiras de AL e PE e Sec. Estaduais da Educação e do Esporte, realizada em janeiro de 2008. Os slides abordam os objetivos do PII, explicação do Link entre Escolas, os treinamentos que seriam realizados, os benefícios da parceria, critérios para seleção dos tutores, quais seriam as demandas necessárias para a realização das ações, as metas estabelecidas e outros aspectos operacionais do programa. (BRITISH COUNCIL, 2008c)</p>	<p>9- OS PLANOS DE PARCERIA DAS ESCOLAS: A, B, C, F, G, H (BRITISH COUNCIL, 2009a,b,c,d,e,f).</p> <p>Esses documentos continham os objetivos e finalidades, número de participantes envolvidos entre professores e alunos, o impacto esperado na comunidade escolar e circunvizinha, de que forma a escola iria contribuir para beneficiar a escola parceira, o calendário do plano de trabalho detalhando o projeto e as atividades, formas de comunicação entre as escolas, como ocorreria à divulgação para a comunidade e como seriam as avaliações para acompanhamento do projeto.</p>
<p>10- INTERNATIONAL INSPIRATION: TRANSFORMING LIVES THROUGH SPORT (BRITISH COUNCIL, 2009g)</p> <p>Consiste numa cartilha distribuída a nível mundial que aborda os objetivos do PII, o impacto na vida das crianças, o uso do esporte como uma ferramenta educacional que possibilita a mudança na vida dos envolvidos e relata a inclusão de crianças deficientes nas ações</p>	<p>11-BREVES INFORMAÇÕES: PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL. (BRITISH COUNCIL, 2010a)</p> <p>O documento aborda o que é o PII, seus objetivos, fala dos parceiros internacionais e nacionais, as ferramentas de intervenção (TOPS, SONHOS & TIMES e LINK ENTRE ESCOLAS), os impactos previsto e alcançados.</p>	<p>12- SOBRE O PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL: APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA. (BRITISH COUNCIL, 2010b)</p> <p>Documento que explica o PII, fala do Sonhos & Times, seus treinamentos, benefícios para os envolvidos e os resultados para uma avaliação realizada no ano de 2005 realizada com os professores da Inglaterra</p>

desenvolvidas.		que usavam essa ferramenta e suas escolas.
<p>13- RELATÓRIO INTERNACIONAL ANUAL:INTERNATIONAL INSPIRATION ANNUAL REVIEW 2009-10 (BRITISH COUNCIL, 2010c)</p> <p>O documento consiste em um relatório anual das ações do PII nos anos de 2009 a 2010. Descreve o número estimado de crianças envolvidas, os objetivos alcançados nos 11 países participantes durante esse período e o planejamento para os anos seguintes e os desafios que deveriam ser enfrentados.</p>	<p>14- FULL INFORMATION: INTERNATIONAL INSPIRATION PROGRAMME (BRITISH COUNCIL, 2010d)</p> <p>Documento aborda o que seria o PII, explica os três programas: TOPS, SONHOS & TIMES e LINK ENTRE ESCOLAS. O que seriam esses programas, as atividades desenvolvidas, os treinamentos e o planejamento das ações na sequência.</p>	<p>15-SPORT-INTERNATIONAL-INSPIRATION-UK-BRAZIL (BRITISH COUNCIL, 2010e)</p> <p>O documento resume as produções oriundas da parceria entre as 12 instituições brasileiras e inglesas a partir do programa Link entre Escolas no ano de 2009. Abordando os objetivos alcançados e as metas para o ano de 2010.</p>



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA


Apêndice B – Questionário EXPLORÁTÓRIO

1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL DO PROFESSOR	
Nome:	[REDACTED]
E-mail:	[REDACTED]
Telefone para contato:	[REDACTED]
Nome da escola que você realizou/realiza as atividades/ferramentas do Programa Inspiração Internacional (PII)	[REDACTED]
Idade: [REDACTED] anos	
2- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL	
Qual é sua área de Formação Superior?	[REDACTED]
Instituição de conclusão da graduação:	[REDACTED]
Ano de conclusão da graduação:	[REDACTED]
Possui pós-graduação:	
Em qual área:	[REDACTED]
Instituição da pós-graduação:	[REDACTED]
Ano de conclusão da pós-graduação:	[REDACTED]

3- DADOS SOBRE O PROGRAMA INSPIRAÇÃO INTERNACIONAL (PII)

Você participou desde o início da implementação do Programa Inspiração Internacional na sua escola?	
<input type="radio"/> Sim	<input checked="" type="radio"/> Não

Descreva como foi sua aproximação com o Programa.



Das ferramentas/atividade do Programa Inspiração (TOPS, JOVENS LÍDERES, LINK ENTRE ESCOLAS), quais acontecem/aconteceram na escola?



Como são/foram organizadas e realizadas essas ferramentas/atividades na Escola?



A partir dos planos de parceria, quais modalidades esportivas você ensinou para os alunos?

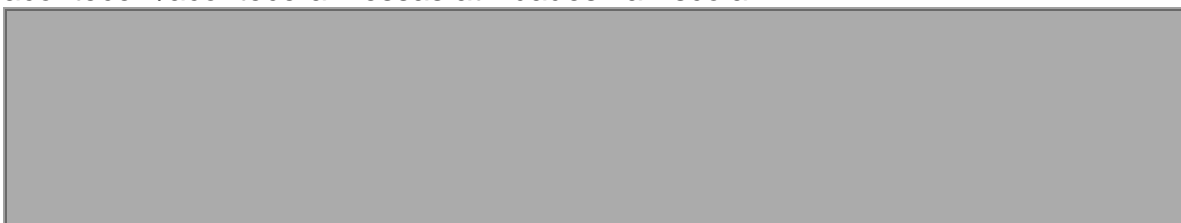


Em que momentos ocorriam o ensino dessas ferramentas/atividades?


Aulas de Ed. Física Contra-turno Outros:



Com que periodicidade e com quanto tempo de intervenção, acontecem/aconteceram essas atividades na Escola?



Como você planejava/planeja as atividades e a seleção dos conteúdos?



Esse programa trouxe algo de novo para sua prática pedagógica? Se sim, o que?

Sim

Não



Para o ano de 2012, você irá continuar com a utilização dessas ferramentas/atividades? Se sim, quais seriam e existe um cronograma?



Caso não, por qual motivo você não dará continuidade a essas ferramentas/atividades?





PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA ENTREVISTA PROFESSORES

1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome: _____

Escola (s) que leciona: _____

Gênero:

Idade:

2- DADOS REFERENTES AO OBJETO DE ESTUDO

- Materialização do programa

Para você o que é o programa Inspiração Internacional?

Como se deu o processo de implementação do PII na sua escola?

Quais foram as dificuldades encontradas para sua implementação?

- Ferramentas/Programas

Como se estruturavam as ferramentas na sua escola?

Qual a relação dos festivais esportivos com a escola?

Quais eram as finalidades dos festivais esportivos dentro do programa?

Os festivais esportivos têm/tinham alguma ligação com as aulas de educação física?

Qual a relação do projeto com a comunidade?

Qual a importância dos Jovens líderes para a materialização do Programa Inspiração Internacional?

Quais os critérios para ser um jovem líder?

Que funções um jovem líder exercia dentro do programa?

Qual a participação dos Jovens Líderes na organização dos festivais?

Quais as dificuldades encontradas para a continuidade do programa?

- Educação intercultural
 - Qual é a concepção de educação proposta pelo Programa para o ensino do esporte?
 - Como você definiria a educação intercultural?
 - Qual a importância dessa visão de educação para a materialização do Programa?
 - Como a educação intercultural contribuiu com a sua formação profissional?
 - Como se deu na prática essa relação entre o esporte e a educação intercultural?
- O esporte
 - A abordagem do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional se deu em que momentos?
 - Para você qual é a concepção de esporte do Programa Inspiração Internacional?
 - Qual a finalidade do esporte ensinado no Programa?
 - Na sua opinião essa concepção de esporte se efetiva na prática?
 - Qual a dificuldade de se trabalhar essa concepção de esporte?
 - Qual a avaliação que você faz do ensino do esporte a partir da proposta do Programa Inspiração Internacional?
- Prática pedagógica junto com o link entre escolas
 - Como você sistematiza suas aulas com base no link entre escolas e quais critérios de seleção de conteúdo você usa para o ensino do esporte nessa ferramenta?
 - Como eram as dinâmicas durante as atividades do link entre escolas?
 - Quais modalidades você trabalhou e quais foram as dificuldades?
 - Como se deu a troca de experiência com as escolas parceiras e a influência na sua prática pedagógica?
 - Que novidades esse intercâmbio com professores ingleses trouxe para sua prática pedagógica?
- Esporte na escola
 - Para você qual a contribuição do programa para sua prática pedagógica especialmente para o ensino do esporte na escola?



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice D - Roteiro para entrevista Gestão BC

1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome: _____

Idade: _____

Cargo no Conselho: _____

Função dentro do Programa: _____

Formação Acadêmica: _____

2- DADOS REFERENTES AO OBJETO DE ESTUDO

1. Para você o que é o PII?
2. Quais os objetivos do PII?
3. Quem elaborou o PII?
4. O que é a educação intercultural?
5. Como se estrutura o PII nas escolas?
6. Para você qual a função do esporte no Programa Inspiração Internacional?
7. Por quais motivos o Brasil foi selecionado como um dos parceiros do PII?
8. Por quais motivos o estado de PE foi selecionado?
9. Explique o processo de implementação do PII no estado de PE?
10. Quais os critérios de seleção das escolas participantes?
11. Quais os critérios de seleção dos professores?
12. E quais as dificuldades enfrentadas por vocês para a materialização do PII?
13. Qual era a função do Conselho Britânico na gestão das parcerias?
14. Como era feito o acompanhamento das parcerias?
15. Qual era o papel da Secretaria de Educação no PII?
16. Quais benefícios culturais e educacionais à troca de experiência entre os envolvidos no PII trouxeram para os envolvidos na visão do Conselho Britânico?
17. Como se deu a parceria do PII com o mais educação e segundo tempo?
18. Existe algum planejamento para a continuidade do PII em PE?
19. Como você avalia o programa no estado de Pernambuco?



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice E - Roteiro para entrevista Jovens Líderes

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: _____

Escola: _____

Tempo como jovem líder: : _____

1. Para você o que é o PII?
2. Quais são seus objetivos?
3. Fale sobre o seu curso de formação?
4. Quais as dificuldades para realizar o seu primeiro festival?
5. Quais são as contribuições em ser um jovem líder para sua vida?
6. Como foi a experiência de conhecer pessoas de outros países?
7. Em que momentos (esporte) e de que forma você atuava como jovens líder?
8. Como era realizado o planejamento dos festivais e atividades do PII?



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice F - Indicadores para a análise de conteúdo

Elemento central	Materialização do Programa Inspiração Internacional e contribuições pedagógicas para o ensino do esporte
Operacionalização	As contribuições pedagógicas que o Programa Inspiração Internacional trás para o ensino do esporte em escolas públicas de Pernambuco
Categorias analíticas	Esporte e prática pedagógica
Categorias empíricas	Materialização (programas, gestão e implementação), Educação Intercultural, Ação Docente/discente (Jovens líderes, inovações pedagógicas, professores) e o esporte no programa (sentidos/significados)
Pontos para orientar a investigação	Compreender a materialização do Programa Inspiração Internacional em escolas públicas de Pernambuco; Identificar a concepção de esporte proposta pelo programa; sentidos e significados do esporte; Analisar as contribuições pedagógicas para o ensino do esporte propostas pelo Programa em escolas públicas de Pernambuco.



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO E MOVIMENTO HUMANO
 LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice G - Quadro para análise de conteúdo dos documentos e entrevistas, com as legenda para análise de conteúdo

Categorias		Sujeitos: Jovens Líderes, Professores e Gestão. Documentos: Planos de Parcerias das escolas pernambucanas e inglesas, Orientações do <i>British Council</i> , Manual de treinamento Jovens Líderes, entrevistas com os envolvidos.
Jovens líderes/professores/gestão BC/documentos		
Materialização		
Unidades de Contexto	Unidades de Registro	
Implementação do Programa	Sonhos & Times	Realce azul escuro + fonte preto
	Tops	Realce azul escuro + fonte Amarelo
	Conexão entre Escolas	Realce azul escuro + fonte Verde
	Processos de implementação, seleção das Escolas e aproximação com o <i>British Council</i> .	Realce azul escuro + fonte Branco
	Treinamentos e Cursos	Realce azul escuro + fonte laranja escuro +25%
	Objetivos do programa	Realce azul escuro + fonte branco +50% escuro
	Relação com a Comunidade	Realce azul escuro + fonte vermelha
Gestão	Organização dentro da Escola, dificuldades e	Realce Turquesa + fonte preta

	materiais.	
	Planejamento e Planos para 2012	Realce cinza 50% + fonte preta
	Meios para troca de informações com as Escolas Parceiras.	Realce cinza 50% + fonte amarela
Educação Intercultural		
Educação intercultural	Conceito de Educação intercultural e a Importância para as ações	Realce Violeta + fonte preta
	Visão de educação intercultural	Realce Violeta + fonte branca
	Contribuições para a prática dos professores	Realce Violeta + fonte amarela
Ação docente/discente		
Jovens Líderes	Critérios e Funções dentro do programa	Realce Verde + cor preta
	Contribuições em ser um jovem líder	Realce Verde + cor azul escuro
Inovações Pedagógicas	Contribuições do Programa para a prática pedagógica dos professores	Realce Verde + cor branco
	Troca de Experiência com os professores	Realce Verde + cor laranja
	Interdisciplinaridade	Realce Verde + cor branco + 25%
Professores	Função dentro do programa	Realce Amarelo + cor preto

	Organização (festivais) e planejamento das Atividades	Realce Vermelho + cor amarelo
	Práticas pedagógicas	Realce Amarelo + cor azul
	Escolha dos conteúdos	Realce Vermelho + cor branco
	Avaliação do Programa	Realce Vermelho + cor preta
O esporte dentro do programa		
O esporte ensinado	Sentidos /Significados	Realce preto + cor branca
	Os jovens líderes e o ensino do esporte	Realce preto + cor cinza
	O esporte e as aulas de educação física	Realce preto + cor azul
	Modalidades Ensinadas e os momentos de intervenção.	Realce preto + cor amarela
	Periodicidade e tempo de intervenção	Realce preto + cor verde
	Avaliação sobre o ensino do esporte proposto pelo Programa	Realce preto + vermelho



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ARÉA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice H - Acompanhamento da coleta de dados: questionários e entrevistas

Professor	Escola	Contato	Questionário Exploratório?	Transcrita? Arquivo? Computador?	Localizar e deixar visíveis conteúdos de análise – gerais	Montar quadros de análise de conteúdos.	Entrevista	Transcrição	Envio para o entrevistado? Devolvido?
Prof. A	Escola A	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. B	Escola B	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. C	Escola C	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	AGUARDANDO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. D	Escola D	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. E	Escola E	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. F	Escola F	OK	RESPONDIDO	OK,OK,OK	OK,	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. G	Escola G	OK	ENVIADO	NÃO RESP.	-----	-----	AGUARDANDO	FINALIZADO	OK,OK
Prof. H	Escola H	NÃO ENCONTRADO							
Prof. I	PESQUEI	OK	RESPONDIDO	OK, OK, OK	OK	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK

Gestor/Jovem Líder	Representação	Contato	Entrevista	Transcrição	Envio para o entrevistado? Devolvido?
Gestão A	<i>British Council</i>	OK	ENTREVISTADO	FINALIZADO	OK,OK
Jovem Líder A	Escola C	OK	OK	OK	OK,OK
Jovem Líder B	Escola C	OK	OK	OK	OK,OK
Jovem Líder C	Escola F	OK	OK	OK	OK,OK

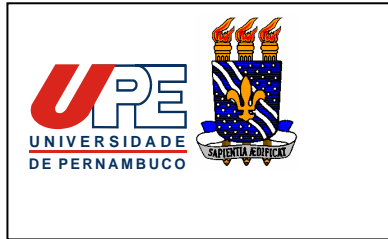


PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICO
ARÉA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO
E MOVIMENTO HUMANO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Apêndice I - Orientações para organização dos dados das entrevistas

Passo a passo para tratamento das entrevistas

- 1- Pegar gravação digital e estruturar arquivo digitado (transcrição, estruturação do arquivo computador);
- 2- Inserir na pasta e organizar esteticamente o arquivo (formatação: A4, margens 2, espaçamento simples, cabeçalho, entrevistador realce amarelo, entrevistado fonte preta, legenda colorida para localizar conteúdos de análise);
- 3- Checar transcrição (nova escuta e erros de português passíveis de correção sem alterar a integridade do conteúdo);
- 4- Localizar e deixar visíveis as perguntas;
- 5- Localizar e deixar visíveis os conteúdos de análise (dados gerais);
- 6- Levantar questões ou temáticas (problemáticas) para análises de conteúdos: capítulo o esporte e a escola;
- 7- Montar quadros de análise de conteúdos gerais, por professor, por escola – a partir das categorias empíricas (se for o caso usar papel A3 – para visualizar o todo).
- 8- Localizar e deixar visíveis os conteúdos de análise (dados das categorias empíricas);
- 9- Preencher quadros de análise para posterior análise refinada e interpretativa.



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA - MESTRADO ACADÊMICOÁREA
DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, EDUCAÇÃO E
MOVIMENTO HUMANOLINHA DE PESQUISA:
PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE J – Quadro usado para o mapeamento geral dos questionários exploratórios.

Nome Da Escola	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D	Escola E	Escola F
Aproximação com o PII						
Programas usados						
Organização						
Modalidades ensinadas						
Periodicidade e tempo de intervenção						
Planejamento						
Novidades para prática pedagógica do professor						
Planos para 2012						
Motivos para não continuar em 2012.						

APÊNDICE L - TCLE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa **O Ensino do Esporte a partir do programa inspiração internacional: um intercâmbio entre Brasil e Inglaterra**, sob responsabilidade do pesquisador Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira com orientação do Dr. Marcílio Souza Júnior, que tem por objetivo geral analisar o ensino do esporte no Programa Inspiração Internacional.

Para a realização deste trabalho será(ão) utilizado(s) o(s) seguinte(s) método(s): entrevista semiestruturada e observação direta das atividades na escola. Após a conclusão da pesquisa, este material gravado, filmado ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometê-lo agora ou futuramente.

Quanto aos **riscos e desconfortos**, está pesquisa de abordagem qualitativa não apresenta nenhum risco ou desconforto para o sr. (sra) caso aceite dela participar.

Os **benefícios** esperados com o resultado desta pesquisa são refletir sobre o ensino do esporte no ambiente escolar, sobre seus sentidos e significados, colaborando com o debate sobre a temática supracitada.

O senhor(a) terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso haja gastos adicionais serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** procurar os pesquisadores através do endereço ou pelos telefones Marcílio Souza Júnior e Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira, no endereço: Rua Arnóbio Marques, Nº 310, Santo Amaro. Recife – PE. CEP: 50.100-130, ou pelo telefone 081-88444216.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, recorrer ao Comitê de Ética, à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE ou pelo telefone: 81-3183.3775

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu,*, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Local: _____ Data: ____/____/____

Assinatura do Sujeito (ou responsável)

Assinatura do Pesquisador

ANEXOS

ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA BC

British Council
Edifício Centro Empresarial Varig
SCN Quadra 4 Bloco B
Pétala D Conjunto 202
Brasília - DF - 70714-900 - Brasil

T 0800 701 9876
F +55 61 2106 7599
brasilia@britishcouncil.org.br

www.britishcouncil.org.br

Brasília, 25 de janeiro de 2012

CARTA DE ANUÊNCIA

Aceito o estudante Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira do curso de Mestrado em Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, a desenvolver sua pesquisa intitulada "O Ensino do Esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: Um Intercâmbio Entre Brasil e Inglaterra", sob orientação do Professor Dr. Marcílio Souza Júnior.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que, seja assegurado o que segue abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução 196/96 CNS/MS,
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa,
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa,
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "J. Scarth".

Jim Scarth
Diretor
Conselho Britânico Brasil

ANEXO B - Carta de Anuência Estado de PE

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DO ESTADO DE PERNAMBUCO

CARTA DE ANUÊNCIA

Aceito o estudante Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira do curso de Mestrado em Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, a desenvolver sua pesquisa intitulada "O Ensino do Esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: Um Intercâmbio entre Brasil e Inglaterra", sob orientação do Professor Dr. Marcílio Souza Júnior.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que, seja assegurado o que segue abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução 196/96 CNS/MS,
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa,
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa,
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Recife, 23 de abril de 2012.

Shirley Cristina Lacerda Malta
Gerência de Políticas Educacionais
Educação Infantil e Ensino Fundamental
Matrícula 163.883-1

Shirley Cristina Lacerda Malta

Gerência de Políticas Educacionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental

ANEXO C - Parecer CEP



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO

Registro CEP/UPE: 76/12

CAAE: 02506112.9.0000.5207

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Instituição de Origem: Escola Superior de Educação Física

Título: O ensino do esporte a partir do programa inspiração internacional: um intercâmbio entre Brasil e Inglaterra.

Pesquisador: Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira

Orientador: Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Jr

O plenário do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco CEP/UPE, em sua reunião ordinária realizada no dia 08 de maio de 2012 no exercício de suas atribuições legais e em consonância com a Resolução 196/96 do CNS/MS, considera que o estudo objeto deste documento, é pertinente, com metodologia adequada aos objetivos propostos, não apresenta riscos, contém medidas protetoras ao sujeito, contém toda documentação exigida e não apresenta agravo ético. Sendo assim, o CEP/UPE opina favoravelmente ao pleito do pesquisador, considerando o projeto como **“APROVADO”**.

O CEP/UPE informa ao pesquisador que tem por obrigação:

- Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e/ou do TCLE. Nestas circunstâncias, a inclusão de pacientes deve ser suspensa temporariamente, até a resposta do Comitê, após análise das mudanças propostas;
- Comunicar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo;
- Para pesquisas com duração até 18 meses, apresentar relatório final após o término da pesquisa;
- Para pesquisas com duração acima de 18 meses, apresentar relatório parcial neste período e o relatório final após o término da pesquisa;
- O relatório final deverá ser entregue ao CEP uma via em CD.

Agradecemos a oportunidade de podermos contribuir para o avanço da ciência e na apreciação do referido projeto. Colocamo-nos à disposição, para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Reiteramos votos de sucesso.

Recife, 09 de maio de 2012.

Prof. Dr. Nelson Mendes Loreto
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade de Pernambuco

ANEXO D – Cartão Top Sport Jogos de Atacar e de Defender



Jogos de atacar e de defender...

Pegar



Como jogar

- Dois times de três.
- Divida a área em três.
- Jogo de arremessar e pegar. A bola só pode quicar uma vez antes que o outro time a pegue.
- Arremessar apenas por baixo e abaixo da altura da cabeça.
- A bola deve quicar acima da altura do joelho e não pode cair na área do meio.
- Um ponto para cada vez que a bola quicar duas vezes na área do oponente.
- Quando jogar com marcas no chão, se a bola cair em uma área numerada, o time marca aquela quantidade de pontos


Pense INC.

Use bolas de saco de feijão ou bola koosh inicialmente. Elas vão parar onde caírem e podem ser apanhadas e arremessadas mais facilmente.



Segurança: Dê uma zona própria para jogadores vulneráveis. Certifique-se de que diferentes grupos estão jogando da mesma maneira e deixe espaço suficiente entre eles. Tenha cuidado ao coletar bolas perdidas.

Equipamento: Bolas. Marcadores de campo. Marcas apropriadas no chão.



Jogos de atacar e de defender...

Pegar

Adquirindo e desenvolvendo habilidades

Encorajar as crianças a:

- observar a bola o tempo todo
- colocar seu corpo alinhado com a bola
- amortecer e parar a bola com as mãos em concha.

Adaptações e variações

Mais fácil . . .

- 1 Tornar a quadra maior. Deixar a área do meio menor.
- 7 Dar dois passos antes de arremessar.
- 8 Usar uma bola mais leve e suave. Usar uma bola colorida e brilhante para auxiliar jogadores com deficiência.
- 9 Colocar mais pessoas de um lado para ajudá-los e desafiar o outro time. Um defensor ativo pode devolver a bola a um jogador com deficiência motora.

Mais difícil . . .

- 1 Tornar a quadra menor. Deixar a área do meio maior. As áreas dos times podem ter tamanhos diferentes.
- 7 A bola não pode quicar. Pegar apenas com uma mão.
- 8 Usar mais de uma bola.
- 9 Restringir jogadores a certas zonas. Deixar pequenas áreas sem defesa como alvos para oponentes.

Consulte também o cartão Incluindo jovens com deficiências

Avaliando e melhorando o desempenho

Encorajar as crianças a:

- explicar porque um time defende bem
- identificar diferentes tipos de arremesso utilizados pelos outros times (ex. arremesso alto por trás, arremesso mais forte pelo lado).

Conhecimento e compreensão sobre boa forma e saúde

Encorajar as crianças a:

- jogar, como aquecimento, três versões desse jogo, cada uma mais enérgica do que a versão anterior (cada versão deve ser jogada por pelo menos um minuto)
- monitorar a respiração durante o aquecimento e explicar porque a velocidade e profundidade da respiração aumentam gradualmente.
- explicar como eles devem se sentir após um aquecimento.

Essas questões representam apenas um exemplo de um foco apropriado para a aprendizagem. Verifique o cartão de 'Conhecimentos e compreensão sobre boa forma e saúde' para questões alternativas e idéias práticas para apoiar as instruções.


Selecionando e aplicando habilidades e táticas

Encorajar as crianças a:

- decidir sobre a melhor maneira de cobrir todo o espaço
- ficar na área que eles têm que defender
- lançar a bola para longe do outro time.

© Youth Sport Trust 2002

TSF-15-03



S Espaço **T** Tarefa **E** Equipamento **P** Pessoas

